



SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO

XI REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA

— PROGRAMA —

28 a 31 de outubro de 1981

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO

Ver pág. 13 (anais)

Resumos - 15 } Interacção M-C
 - 16 }
 - 17 }

PROGRAMA

XI REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA

28 A 31 DE OUTUBRO DE 1981
STREAM PALACE HOTEL

DIRETORIA DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO

PRESIDENTE: DR. LUIZ MARCELLINO DE OLIVEIRA

VICE-PRESIDENTE: DR. JOSÉ APARECIDO DA SILVA

1º SECRETÁRIO: PROFA. MARIA BERNADETE A.C. DE ASSIS

2º SECRETÁRIO: PSIC. MARIA CRISTINA P. CALIENTO

1º TESOUREIRO: DR. ANTONIO RIBEIRO DE ALVEIDA

2º TESOUREIRO: PSIC. MARIA LUCIMAR FORTES PAIVA

DIVISÕES ESPECIALIZADAS

- Divisão de Modificação de Comportamento
Coordenador: Dr. Ricardo Gorayeb
- Divisão de Psicobiologia
Coordenador: Dr. Renato M.E. Sabatini
- Divisão de Clínica
Coordenador: Profa. Myriam Silveira Vianna
- Divisão de Psicologia do Escolar e Educação Especial
Coordenador: Dra. Vera L. Sobral Machado e Rosalina C. Pessotti
- Divisão de Psicologia do Trânsito
Coordenador: Dr. Reinier J.A. Rozestraten
- Divisão de Psicologia Social
Coordenador: Dr. Antonio Ribeiro de Almeida

AS ATIVIDADES DESTA REUNIÃO ANUAL FORAM ORGANIZADAS A PARTIR DE SUGESTÕES DOS SÓCIOS, ELABORADAS PELAS DIVISÕES ESPECIALIZADAS, SOB A INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS COORDENADORES DE CURSOS, SIMPÓSIOS, MESAS REDONDAS, SESSÕES DE TRABALHOS E DA DIRETORIA DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO.

ENTIDADES QUE PATROCINARAM A REALIZAÇÃO DA XI REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA

- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Processo 40.1196 / 81
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - Processo-14-Psicologia 81/0766-0.
- Secretaria de Estado da Cultura, do Governo do Estado de São Paulo - Processo 3121/81.
- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP.
- Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP.
- Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto.
- Banco Itaú S/A.

PROGRAMA GERAL
XI REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA - (28 a 31 DE OUTUBRO DE 1961)
UMA PROMOÇÃO DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO

PERÍODO	LOCAL	DATA-TEMPO	QUALIFICACIONAL 29 de outubro de 1961	SEMINAR-CÍCLICO 30 de outubro de 1961	SÉRIAS 31 de outubro de 1961
08h 08,00 14h 14,00h	MANHÃ	S E M I N A R I O C Í C L I C O - S E R I E S	CURSO 1 - INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA, Dr. Jorge Elguizaldo Norberto	CURSO 1.	CURSO 1.
	SPARTA		CURSO 2 - USO DE TÉCNICAS COMPORTAMENTAIS NO TRATAMENTO DE DEFICIÊNCIAS MENTAIS (PARTE I) E PROPOSTAS - Dra. Mariela H. Lipp	CURSO 2.	CURSO 2.
	MEIO-DIA		CURSO 3 - ANÁLISE QUANTITATIVA DO COMPORTAMENTO, Dr. Fernando H.B. Sabatini	CURSO 3.	CURSO 3.
	LAZARDO 15h30h		CURSO 4 - FUNDOS MENTE QUE INTERFEREM NA EF- FUNÇÃO DE TRABALHO - Dr. Paulino J. A. Robertazzi	CURSO 4.	CURSO 4.
	CONTINUAÇÃO		CURSO 5 - JAMES CHURCHILL, Dr. Roger Silveira Vianna (40 vagas)	CURSO 5.	CURSO 5.
08h 08,30 14h 14,00h	CONTINUAÇÃO	S E M I N A R I O C Í C L I C O - S E R I E S	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 1.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 1.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 13.
	MANHÃ		COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 2.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 2.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 14.
	SPARTA		COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 3.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 3.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 15.
	MEIO-DIA		COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 4.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 4.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 16.
	LAZARDO		COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 5.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 5.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 17.
	CONTINUAÇÃO		COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 6.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 6.	COMUNICAÇÕES LIVRES: - Sessão 18.
08h 13,00 14h 13,30h	MANHÃ	DEFINIÇÃO	PROJEÇÃO DE FILMES: - Dra. Rita Tammara	PROJEÇÃO DE FILMES: - Dra. Rita Tammara	PROJEÇÃO DE FILMES: - Dra. Rita Tammara

PROGRAMA GERAL
XI REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA - 125 A 31 DE OUTUBRO DE 1961

UMA PROMOÇÃO DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO

DATA	LOCAL	PALESTRA-TEMA 29.10.61	QUINTA-FEIRA 29 de outubro de 1961	SEXTA-FEIRA 30 de outubro de 1961	SABADO 31 de outubro de 1961
13.10	REUNIÃO	1	SIMPÓSIO I - ESTUDOS ACIONAIS EM PROBLEMAS DE INTERVENÇÃO QUE VISAM O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DEBILITADA.	SIMPÓSIO VII - PREVENÇÃO DE DISTÚRBIOS MENTAIS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO.	SIMPÓSIO VIII - A PREVENÇÃO DE DISTÚRBIOS MENTAIS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO.
	REUNIÃO	2	Coordenador: Dra. Maria Maciel de A. Faccini.	Coordenador: Profa. Amália C. Proença.	Coordenador: Profa. Maria A. Viana.
	REUNIÃO	3	SIMPÓSIO II - A QUANTIFICAÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA.	SIMPÓSIO IV - PSICOPATOLOGIA DO RABINO.	SIMPÓSIO VII - AVALIAÇÃO E PREVENÇÃO DE DISTÚRBIOS MENTAIS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO.
	REUNIÃO	4	Coordenador: Dra. Maria L. Pereira.	Coordenador: Dr. José Lima de G. Basso.	Coordenador: Dr. Ivete Passaroti.
	REUNIÃO	5	NESA REUNIAO I - O LUGAR DA PSICOLOGIA E DO PSICÓLOGO NOS PROBLEMAS DE TRANSITO.	SIMPÓSIO V - LIMITES PARA A DEFINIÇÃO DE NORMALIDADE E ANOMALIA EM PSICOLOGIA.	NESA REUNIAO I - AVALIAÇÃO E PREVENÇÃO DE DISTÚRBIOS MENTAIS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO.
14.10	REUNIÃO	6	Coordenador: Dr. Vladimir J. R. Rostanski.	Coordenador: Profa. Amália C. Proença.	Coordenador: Dr. Ricardo G. G. G.
	REUNIÃO	7		NESA REUNIAO II - DESEJO E DESEMPENHO.	
	REUNIÃO	8		Coordenador: Edle Bontempo.	
	REUNIÃO	9	NESA REUNIAO II - PROBLEMAS DE RACIONALIZAÇÃO DO PSICÓLOGO.	ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA S.P.A.P.	NESA REUNIAO II - PROBLEMAS DE RACIONALIZAÇÃO DO PSICÓLOGO.
	REUNIÃO	10	Coordenador: Profa. Maria R. Rostanski.		Coordenador: Dr. Edle Bontempo.
15.10	REUNIÃO	11	SESSÃO DE TRABALHO I - O ESTUDO DE FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO.		SESSÃO DE TRABALHO I - O ESTUDO DE FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO.
	REUNIÃO	12	Coordenador: Dra. Vera L. Sobral Machado.		Coordenador: Dra. Vera L. Sobral Machado.
	REUNIÃO	13	SESSÃO DE TRABALHO II - TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DE INTERVENÇÃO DE UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO.		SESSÃO DE TRABALHO II - TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DE INTERVENÇÃO DE UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO.
	REUNIÃO	14	Coordenador: Dra. Maria R. Rostanski.		Coordenador: Dra. Maria R. Rostanski.
	REUNIÃO	15	SESSÃO DE TRABALHO III - O LUGAR DO PSICÓLOGO SOCIAL.		SESSÃO DE TRABALHO III - O LUGAR DO PSICÓLOGO SOCIAL.
16.10	REUNIÃO	16	Coordenador: Dr. Antonio Ribeiro de Almeida.		SESSÃO DE TRABALHO IV - AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DE PSICÓLOGIA NO TRABALHO DE OUTROS CURSOS.
	REUNIÃO	17	CONFÉRENCIA I - DESENVOLVIMENTO DA MEMÓRIA E MENTALIDADE DE ANIMAIS.		Coordenador: Dra. Maria R. Rostanski.
	REUNIÃO	18	Coordenador: Dr. João A. T. T. T.		Coordenador: Dr. João A. T. T. T.
	REUNIÃO	19	CONFÉRENCIA II - DESENVOLVIMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM PROBLEMAS DE ALTO NÍVEL.		CONFÉRENCIA II - DESENVOLVIMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM PROBLEMAS DE ALTO NÍVEL.
	REUNIÃO	20	Coordenador: Dra. Francis R. M. M.		Coordenador: Dra. Francis R. M. M.
17.10	REUNIÃO	21	CONFÉRENCIA III - DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO APRENDIZADO.		CONFÉRENCIA III - DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO APRENDIZADO.
	REUNIÃO	22	Coordenador: Dr. Miguel R. Costa.		Coordenador: Dr. Miguel R. Costa.
	REUNIÃO	23	CONFÉRENCIA IV - DESENVOLVIMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM PROBLEMAS DE ALTO NÍVEL.		CONFÉRENCIA IV - DESENVOLVIMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM PROBLEMAS DE ALTO NÍVEL.
	REUNIÃO	24	Coordenador: Dr. Ernesto R. Costa.		Coordenador: Dr. Ernesto R. Costa.
	REUNIÃO	25	CONFÉRENCIA V - INFLUÊNCIAS DA CULTURA NOS COMPORTAMENTOS DE PSICOLOGIA SOCIAL.		CONFÉRENCIA V - INFLUÊNCIAS DA CULTURA NOS COMPORTAMENTOS DE PSICOLOGIA SOCIAL.
18.10	REUNIÃO	26	Coordenador: Dr. Antônio Ribeiro de Almeida.		CONFÉRENCIA VI - DESENVOLVIMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM PROBLEMAS DE ALTO NÍVEL.
	REUNIÃO	27			Coordenador: Dr. Antônio Ribeiro de Almeida.
	REUNIÃO	28			Coordenador: Dr. Antônio Ribeiro de Almeida.
	REUNIÃO	29			Coordenador: Dr. Antônio Ribeiro de Almeida.
	REUNIÃO	30			Coordenador: Dr. Antônio Ribeiro de Almeida.

QUARTA-FEIRA - 28.10.81

Das 08:00 às 18:00 horas - INSCRIÇÕES NO SAGUÃO DO HOTEL

20:00 horas - SESSÃO DE ABERTURA

Sala: HERAKLION

20:30 horas - Conselho Regional: A IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO: NOSSA EXPERIÊNCIA NO CONSELHO REGIONAL (CRP-06).

Luiz Otavio Seixas Queiroz
Antonio Sergio da Silva Leite
Tatiana Wernikoff
Luiz Celso Manso
Vera Regina Lignelli Otero
Rosemary Alves Borges
Myriam Silveira Vianna

Sala: HERAKLION

QUINTA-FEIRA - 29.10.81

De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 1.

Sala: HERAKLION

"INTRODUÇÃO À LACAN".

Dr. Jorge Figueiredo Forbes.

De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 2.

Sala: SPARTA

"O USO DE TÉCNICAS COMPORTAMENTAIS NO TRATAMENTO DE DEFICIENTES MENTAIS SEVEROS E PROFUNDOS".

Dra. Marilda Novaes Lipp.

De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 3.

Sala: MIXONOS

"ANÁLISE QUANTITATIVA DO COMPORTAMENTO".

Dr. Renato M.E. Sabatini.

De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 4.

Sala: LEGIÃO BRASILEIRA

"FATORES HUMANOS QUE INTERFEREM NA SITUAÇÃO DE TRÂNSITO".

Dr. Reinder J.A. Rozestraten.

De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 5.

Sala: CENTRO MÉDICO

"JOGOS DRAMÁTICOS".

Dr. Regis Silveira Vianna.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 1

Sala: CENTRO MÉ
DICO

Presidente: Dair Aily Franco de Camargo
 Debatedores: Vera Lúcia Sobral Machado
 Lisete Diniz Ribas Casagrande

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
1	09:30	José Augusto da Silva Pontes e <u>João Batista Martins</u> (1) - APRENDIZAGEM INTENCIONAL E INCIDENTAL: COMPARAÇÃO DA INFLUÊNCIA DE DOIS TIPOS DE EFEITO DE ISOLAMENTO.
(2)	09:45	<u>Edna Maria Marturano</u> e Arcângela de Lourdes Pileggi Camelo - ATENÇÃO E ATIVIDADE DURANTE O ESTUDO DA CARTILHA: COMPARAÇÃO COM UMA CONDIÇÃO DE AUSÊNCIA DE TAREFA ACADÊMICA.
3	10:00	Rachel Rodrigues Kerbauy - UM ESTUDO SOBRE ESPERA DE RECOMPENSA: POSSIBILIDADES QUE ESSA SITUAÇÃO APRESENTA.
4	10:15	Ângela M. Menezes Duarte - MELHORANDO O NÍVEL DE PERFORMANCE DE ESTUDANTES DE ESCOLA PRIMÁRIA ATRAVÉS DE TÉCNICAS COMPORTAMENTAIS.
5	10:30	Jane Maria Spagnol - ANÁLISE DE UM MATERIAL DIDÁTICO UTILIZADO NO TREINO PREPARATÓRIO PARA ALFABETIZAÇÃO.
6	10:45	Jane Maria Spagnol - ESTUDO SOBRE ADEQUAÇÃO DA RELAÇÃO FIGURA/PALAVRA-CHAVE EM CARTILHAS.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 2

Sala: HERAKLION

Presidente: Paul Stephanoek
 Debatedores: Dora Fix Ventura
 Timothy M. Mulholland

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
7	09:30	Edson Alves de Oliveira e José Aparecido da Silva - ESTIMAÇÃO DE MAGNITUDE DE DISTÂNCIAS: EFEITO DO VALOR DO MÓDULO SOBRE O EXPOENTE DA FUNÇÃO-POTÊNCIA.
8	09:45	Edson Alves de Oliveira e <u>José Aparecido da Silva</u> - ESTIMAÇÃO DE RAZÃO DE DISTÂNCIAS.
9	10:00	Cleuza Beatriz da Silva, Raquel Alves dos Santos e José Aparecido da Silva - PERCEPÇÃO DE DISTÂNCIA SOB CONDIÇÕES DE OBSERVAÇÃO MONOCULAR E BINOCULAR.
10	10:15	Raquel Alves dos Santos, Cleuza Beatriz da Silva e José Aparecido da Silva - ESCALAS SUBJETIVAS DE DISTÂNCIA EM CRIANÇAS E ADULTOS.
11	10:30	Cleuza Beatriz da Silva, Raquel Alves dos Santos e José Aparecido da Silva - INFLUÊNCIA DA IDADE E DA DISTÂNCIA SOBRE A TENDÊNCIA EM DIREÇÃO À SUPERCONSTÂNCIA.
12	10:45	Reinier J.A. Rozestraten - OS DEPENDENTES DO CAMPO AVALIAM MAL O ESPAÇO POR ISTO TERIAM MAIS ACIDENTES?

(1) Em todas as Sessões de Comunicação, nos trabalhos com mais de um autor, o nome sublinhado corresponde ao apresentador do trabalho.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 3

Sala: SPARTA

Presidente: Rachel Rodrigues Kerbaury

Debatedores: Margarida M. Winholtz

Dulalia Henrique Maimoni de Faria

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
13	09:30	Rachel Rodrigues Kerbaury - ALGUNS DADOS SOBRE A COMUNICAÇÃO ENTRE ADOLESCENTES.
14	09:45	Ana Teresa de Abreu Ramos - UM SISTEMA PARA OBSERVAÇÃO, REGISTRO, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO VERBAL EM SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO.
15	10:00	Ana Teresa de Abreu Ramos - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO VERBAL DE CRIANÇA, COM RETARDO DE DESENVOLVIMENTO; DE SUA MÃE E PROFESSORA, EM SITUAÇÃO INTERAÇÃO.
16	10:15	Lídia Maria P. Crnkovic, Maria Inês B. Monteiro e Elza Stella Prorok - ANÁLISES COMPARATIVAS DE MUDANÇAS EVOLUTIVAS NO INTERCÂMBIO VERBAL MÃE-CRIANÇA NORMAL E COM SÍNDROME DE DOWN (II).
17	10:30	Elza Marilene Stella Prorok, Ed Melo Gelfeto e Suneire Aparecida Brandão - ANÁLISES COMPARATIVAS PRELIMINARES DAS INTERAÇÕES NÃO-VOCALIS NO INTERCÂMBIO VERBAL MÃE-CRIANÇA NORMAL E COM SÍNDROME DE DOWN

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 4

Sala: MIKONOS

Presidente: Maria Alice D'Amorim

Debatedores: Lino de Macedo

Nilce Pinheiros Mejias

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
18	09:30	Maria A. Trevisan Zamberlan e M.T.D.S. Baptista - EFEITOS DE TRÊS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE DE UM BRINQUEDO SOBRE A FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS DE MANIPULAÇÃO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES INSTITUCIONALIZADAS.
19	09:45	Maria A. Trevisan Zamberlan - PREFERÊNCIAS DE ESCOLARES POR TIPOS DE BRINQUEDOS COMPETITIVOS OU COOPERATIVOS.
20	10:00	Célia Maria C. Gonçalves e Ana Lucia Cortegoso - ANÁLISE E PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES PARA REORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DO SETOR DE PSICOLOGIA DE UMA ESCOLA ATRAVÉS DE UM SERVIÇO DE ASSESSORIA.
21	10:15	Ana Lucia Cortegoso, Célia Maria C. Gonçalves, Mario S. Picorelli e Aurora Coelho Pullin - ANÁLISE E PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES FAVORECIDAS E DESFAVORECIDAS PARA OS COMPORTAMENTOS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA: ELABORAÇÃO DE UM ARQUIVO PARA O SETOR DE PSICOLOGIA.
22	10:30	Izilda Carvalho de Pina - ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM.
23	10:45	Márcio Rique Dias, Maria Alice D'Amorim - PREVENÇÃO PRIMÁRIA DE PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM.
24	11:00	Zélia Maria M. B. Alves, Terezinha P. Noronha e Sandra L. Nunes - AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS RETIDAS NAS PRIMEIRAS SÉRIES DO 1º GRAU, SEGUIMENTO DOS CASOS.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 5

Sala: ACROPOLE

Presidente: Wilson Ferreira de Mello
Debatedores: Maria Lúcia Ferrara
Ricardo Gorayeb

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
25	09:30	Leila Jorge e José Carlos Símões Fontes - UTILIZAÇÃO DE UM PROCEDIMENTO DE AQUISIÇÃO REPETIDA DE CADEIAS COMPORTAMENTAIS.
26	09:45	H.M. Jenkins e Maria Catalina Filip Duarte - EFEITOS DO NÚMERO E LOCALIZAÇÃO DAS TENTATIVAS EM UMA DISCRIMINAÇÃO COM ESTÍMULO DIFERENCIAL POSITIVO.
27	10:00	Ligia Maria C.M. Machado - DURAÇÃO DA PAUSA PÓS-REFORÇAMENTO EM FR, QUANDO SE MANIPULA O VALOR DO ESQUEMA E SE CONTROLA O INTERVALO ENTRE REFORÇAMENTOS.
28	10:15	Ligia Maria C.M. Machado - EFEITOS DA INTRODUÇÃO DE PERÍODOS DE TIME-OUT PRODUZIDO POR RESPOSTA SOBRE O DESEMPENHO MANTIDO EM FR.
29	10:30	Lorismario Ernesto Simonassi e João C. Todorov - OMISSÃO DE REFORÇOS: ANÁLISE DE VARIÁVEIS CONTROLADORAS.
30	10:45	Wilson Ferreira de Melo e José Carlos S. Fontes - AQUISIÇÃO E MANUTENÇÃO DA RESPOSTA À BARRA NO "CALLITHRIX JACCHUS JACCHUS" NOS PROCEDIMENTOS DE AUTOMODELAGEM, CONDICIONAMENTO CLÁSSICO E TREINO EM OMISSÃO.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 6

Sala: CHRISTINA

Presidente: José Lino de Oliveira Bueno
Debatedores: Ivan Izquierdo
Cesar Adas

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
31	09:30	Elenice A. de Moraes Ferrari - ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DE POMBOS EM SITUAÇÕES DE APRESENTAÇÃO DE CHOQUES LIVRES E EVITÁVEIS.
32	09:45	José Lino de Oliveira Bueno e Leda N. Ferreira - EFEITOS DO NÃO-REFORÇAMENTO SOBRE O REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL DO RATO, COM PROCEDIMENTOS DE LIBERAÇÃO NÃO-CONTINGENTE DE REFORÇO.
33	10:00	Norberto García Cairasco e Renato M.E. Sabatini - UM NOVO ÍNDICE PARA A QUANTIFICAÇÃO DA SEVERIDADE DAS CRISES AUDIOGÊNICAS NO RATO ALBINO.
34	10:15	Guilmar R. Papa e Luiz M. de Oliveira - SUBNUTRIÇÃO PROTÉICA EM RATOS DURANTE A LACTAÇÃO: EFEITOS NO COMPORTAMENTO DA MÃE E DOS FILHOTES.
35	10:30	Maria Eugênia Tedeschi Assumpção e Luiz M. de Oliveira - EFEITOS DA SUBNUTRIÇÃO E DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS SOBRE O COMPORTAMENTO SOCIAL DE RATOS.
36	10:45	Luiz Müller e José Lino de Oliveira Bueno - PROGRAMAS DE CAPTAÇÃO, ANÁLISE POR ELCCOS E ANÁLISE SEQUENCIAL DE CÓDIGOS COMPORTAMENTAIS, A TRAVÉS DE UMA CALCULADORA PROGRAMÁVEL.

Nº HORÁRIO AUTOR(ES) - TÍTULO

37 11:00 Wilfred Lawrence Williams e José Luiz Sönderman - UM APARELHO PARA FA
CULTAR OBSERVAÇÕES DE COMPORTAMENTO.

12:00 às 13:30 horas - CICLO DE CINEMA: - 1º Dia

Sala: HERAKLION

Coordenadora: Dra. Edda Tassara

"COMPORTAMENTO, DETERMINAÇÕES SOCIAIS E MOMENTO HISTÓRICO: RE
LAÇÃO DOS PAPEIS SOCIAIS - FEMININO E MASCULINO".

FILME 1 - É MENINO OU MENINA?

Eliane Bandeira e Marília de Andrade.

FILME 2 - A MENINA E A CASA DA MENINA.

Maria Helena Saldanha.

FILME 3 - A BELADORMECIDA: ENTRADA NUMA SÓ-SOMERA.

Marcello Tassara.

FILME 4 - AS BALZAQUIANAS.

Eliane Bandeira e Marília de Andrade.

FILME 5 - GILDA.

Augusto Severi.

DEBATES.

13:30 às 16:30 horas - SIMPÓSIO I.

Sala: HERAKLION

"METODOLOGIAS ALTERNATIVAS EM PROJETOS DE PESQUISA-AÇÃO QUE
VISEM O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DESPRIVILEGIADA".

Coordenador: Maria Clotilde Rossetti Ferreira.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto.

Participantes: Maria Angelica Kotliarenko Echeverría.

Programa Interdisciplinario de Investigación en Educación, PIIC, San
tiago - Chile.

Sergio V. Luna.

Instituto de Psicologia, PUC, São Paulo.

Angela Biaggio.

Pós-Graduação em Educação, UFRS, Porto Alegre.

13:30 às 16:30 horas - SIMPÓSIO II.

Sala: MIKONOS

"A QUANTIFICAÇÃO DA LEI DO EFEITO".

Coordenador: Maria Lucia Dantas Ferrara.

Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

Participantes: João Claudio Todorov.
Departamento de Psicologia, UNB, Brasília.
Elenice A. de Moraes Ferrari.
Departamento de Psicologia, UNICAMP, Campinas.
Deisy das Graças e Souza.
Laboratório de Psicologia de Aprendizagem, UFSCar, São Carlos.

13:30 às 16:30 horas - MESA REDONDA 1.

Sala: SPARTA

"O LUGAR DA PSICOLOGIA E DO PSICÓLOGO NOS PROBLEMAS DE TRÂNSITO".

Coordenador: Reznier J.A. Rozestraten.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto.

Participantes: Tatiana Wernikoff.
Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região.
José Augusto Della Colleta.
Instituto de Seleção e Orientação Profissional, ISOP, Rio de Janeiro.
Boruch Meier Grinblat.
Comitê Brasileiro de Transportes e Tráfego da Associação Brasileira de Normas Técnicas, São Paulo.
Alvaro Tanayo.
Departamento de Psicologia, UNB, Brasília.
Neide Almeida Lima.
Psicóloga do DETRAN, São Paulo.

16:30 às 18:30 horas - MESA REDONDA 2.

Sala: SPARZA

"PROBLEMAS DE PUBLICAÇÃO EM PSICOLOGIA".

Coordenador: Maria Helena Leite Hunziker.
Revista: Modificação do Comportamento.

Participantes: João Claudio Todorov.
Revista: Psicologia, Ciência e Profissão.
José Augusto Della Colleta.
Revista: Arquivos Brasileiros de Psicologia.
Nilce Pinheiros Mejias.
Revista: Boletim de Psicologia.
Julio Cesar Coelho De Rose.
Revista: Psicologia.
Antonio Jayro F.M. Fagundes.
Edicon - Editora e Consultoria Ltda.

16:30 às 18:30 horas - SESSÃO DE TRABALHO 1.

Sala: CHRISTINA

"O ESTÁGIO DE FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO".

Coordenador: Vera Lucia Sobral Machado.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto.

Participantes: Tatiana Wernikoff.
Representante do Conselho Regional de Psicologia, 6ª Região.
Supervisores de Estágios de diversos Cursos de Psicologia.

16:30 às 18:30 horas - SESSÃO DE TRABALHO 2. Sala: ACROPOLE.
"TERAPIA COMPORTAMENTAL: EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE ESPECIALI-
zação".

Coordenador: Marilda Novaes Lipp.
Pós-Graduação em Psicologia, FUC, Campinas.

Participantes: Helio Guilhardi.
Psicólogo, Campinas.
Alice Maria C. Delitti.
Psicóloga, Campinas.
Diana Tosello Laloni.
Psicóloga, Campinas.
José Luiz Batista.
Psicólogo, Campinas.
Vera Constantino Campos.
Psicóloga, Campinas.

16:30 às 18:30 horas - SESSÃO DE TRABALHO 3. Sala: LEGIÃO BRA-
SILEIRA.
"O ENSINO DE PSICOLOGIA SOCIAL NO BRASIL".

Coordenador: Antonio Ribeiro de Almeida.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto.

Participantes: Aroldo Rodrigues.
Pós-Graduação em Educação, UFRS.
Maria Alice D'Amorim.
Departamento de Psicologia, UNB, Brasília.
Ana Edita Belico da Costa.
Departamento de Psicologia, UFMG, Belo Horizonte.
Outros Professores de Psicologia Social.

17:00 horas - CONFERÊNCIA 1. Sala: MIRONOS
"CONSOLIDAÇÃO DA MEMÓRIA E MECANISMOS AMNÉSICOS".
Dr. Ivan Izquierdo.
Instituto de Biociências, UFRGS, Porto Alegre.

17:00 horas - CONFERÊNCIA 2.

Sala: HERAKLION

"DIAGNÓSTICO DE INTERVENÇÃO PRECOCE EM CRIANÇA DE ALTO RISCO".

Dra. Francis Hurwitz.

The University of Kansas, Lorenz, USA.

18:00 horas - TARDE DE AUTÓGRAFOS.

Local: SALÃO DO
HOTEL

Dra. Marilda Novaes Lipp, do Curso de Pós-Graduação PUC, Campinas, estará autografando o livro de sua autoria "SEXO PARA DEFICIENTES MENTAIS", editado pela Cortez Editora e Livraria - São Paulo em 1981.

20:00 horas - CONFERÊNCIA 3.

Sala: HERAKLION

"NEUROBIOLOGIA DO COMPORTAMENTO APETITIVO".

Dr. Miguel Rolando Covian.

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto.

20:00 horas - CONFERÊNCIA 4.

Sala: SPARTA

"DESNUTRICIÓN: FACTOR LIMITANTE EN EL DESARROLLO PSICOBIOLOGICO DEL NIÑO LATINO AMERICANO".

Dr. Ernesto Pollit.

University of Texas, Houston, USA.

21:00 horas - CONFERÊNCIA 5.

Sala: HERAKLION

"INFLUENCIA DA CULTURA NOS CONHECIMENTOS DE PSICOLOGIA SOCIAL".

Dr. Aroldo Rodrigues.

Pós-Graduação em Educação, UFRS, Porto Alegre.

De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 1.	Sala: HERAKLION
De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 2.	Sala: SPARTA
De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 3.	Sala: MIKONOS
De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 4.	Sala: LEGIÃO BRASILEIRA
De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 5.	Sala: CENTRO MÉDICO

COMUNICAÇÕES LIVRES:

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 7	Sala: CENTRO MÉDICO
---------------------------------	---------------------

Presidente: Leila Jorge
 Debatedores: Marilda N. Lipp
 Vera Regina Lignelli Otero

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
38	09:30	Sônia S.V. Graminha, M. Angélica de O. Martins, Cleide T. Götschow e Sebastião de S. Almeida - CORRELAÇÕES ENTRE RESULTADOS EM TESTES E NOTAS ATRIBUÍDAS AO DESEMPENHO ACADÊMICO DE CRIANÇAS DE UMA CLASSE ESPECIAL.
39	09:45	Ricardo Gorayeb, Ligia E. Melchiori, M. Lucimar Fortes Paiva, Alice Ivone Marconi, Teresinha P. Noronha - TICS - TÉCNICAS DE AUTO-CONTROLE NO ATENDIMENTO INDIVIDUAL DE ADOLESCENTES.
40	10:00	Ricardo Gorayeb - OBESIDADE - O USO DE TÉCNICAS DE AUTO-CONTROLE NO ATENDIMENTO EM GRUPOS.
41	10:15	Ricardo Gorayeb - GAGUEIRA - EFEITO DO USO DE UM CONTADOR MANUAL COMO PARTE DA TÉCNICA DE AUTO-CONTROLE.
42	10:30	Ricardo Gorayeb, Sandra L. Nunes - ALCOOLISMO - EFEITO DO REGISTRO COM TÉCNICA DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA E AUTO-CONTROLE.
43	10:45	Zélia M. M. Biasoli Alves, Sônia S. V. Graminha, M. Helena G. Frem, Silvia R. Lucato - ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO CHORO DE CRIANÇAS FRENTE ÀS CONTINGÊNCIAS PROPOSTAS PELAS MÃES.
44	11:00	Zélia M. M. B. Alves, Sônia S. V. Graminha, M. Helena G. Frem e Silvia R.R. Lucato - UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS QUE AS MÃES VISUALIZAM COMO FONTES DO COMPORTAMENTO INADEQUADO DOS FILHOS.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 8

Sala: HERAKLION

Presidente: André A. Jacquemin

Debateadores: Paul Stephaneck

Antonio Ribeiro de Almeida

- | Nº | HORÁRIO | AUTOR(ES) - TÍTULO |
|----|---------|---|
| 45 | 09:30 | M. Aparecida Xavier, André Jacquemin, Ester L. F. Serrano, Sandra Luiza Nunes, Teresinha Porto Noronha, Vera M. Befi - AS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER - SÍNDROMES E FÓRMULA CROMÁTICA EM CRIANÇAS. |
| 46 | 09:45 | André Jacquemin, M. Aparecida Xavier, Ester Lúcia F. Serrano, Sandra Luiza Nunes, Teresinha Porto Noronha e Vera M. Befi - AS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER - PADRÕES DE CORES EM CRIANÇAS. |
| 47 | 10:00 | Marco A. de C. Figueiredo e César Alexis Galera - CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO DE ATITUDES ATRAVÉS DO CÁLCULO DAS ENTROPIAS DOS ÍTENS UTILIZADOS. |
| 48 | 10:15 | Luiz Pasquali, Miriam Silvia Cibreiros de Souza e Tereza Tanizaki - CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA ESCALA DE ATITUDE DIANTE DA SEXUALIDADE. |
| 49 | 10:30 | Cristina M. de S. Brito Dias, M. Alice D'Amorim - O T. A. T EM FUNÇÃO DO SEXO E DO AMBIENTE. |
| 50 | 10:45 | Zélia M. M. Biasoli Alves, Sonia S. V. Graminha e Cleide de Toledo Gutschow - DIFERENÇA NA PRÁTICA DE CUIDADO E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 3 A 8 ANOS: ESCOLA E ATIVIDADES EM FUNÇÃO DA VARIÁVEL SEXO. |

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 9

Sala: SPARZA

Presidente: Marilena Ristum

Debateadores: Silvio Botomé

Maria Clotilde Rossetti Ferreira

- | Nº | HORÁRIO | AUTOR (ES) - TÍTULO |
|----|---------|---|
| 51 | 09:30 | M. Helena Galvão Prem, M. Aparecida Galliotto e José Rossi - CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EVASÃO NA LICENCIATURA EM PSICOLOGIA. |
| 52 | 09:45 | Elenita de Rício, Marisa Eugênia Melillo Mevia e Marisa R. Gomes - SUBSÍDIOS PARA REPLETIR NOVAS FORMAS DE AÇÃO DA PSICOLOGIA, A PARTIR DA PRÁTICA DE PSICOLOGIA ESCOLAR EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAU DE BAURX. |
| 53 | 10:00 | Ana Maria A. Carvalho, Robson Colosio e Ana Maria Roddi Uchoa - ALGUNS DADOS SOBRE A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICÓLOGOS RECENTE FORMADOS EM SÃO PAULO. |
| 54 | 10:30 | Arlene G. Lopes, Cristina Gomes da Silva, Márcia I. Vieira, Sandra Boschi e Miriam Langenback - T P A: HISTÓRICO E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO. |

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
55	10:45	Elizabeth Ranier Martins do Valle - RELATO DE UM PROGRAMA DE ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA JUNTO AO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM QUE TRABALHA COM DEFICIENTES VISUAIS.
56	11:00	Celina M. de Lima e Silva Forti, Claudia Paula Tobias de Aguiar, Doreta Reitman - NOVOS RUMOS DA PSICOLOGIA: ATUAÇÃO CLÍNICA NA CANCEROLOGIA.
57	11:15	Maurício L. Garcia, M. Cristina Gonçalves Vicentin, Milton S. Augusto - UMA ALTERNATIVA PARA A PSICOLOGIA EM INSTITUIÇÃO PENITENCIÁRIA.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 10

Sala MIRONOS

Presidente: João Claudio Todorov
Daisy das Graças e Souza
Olavo Galvão Faria

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
58	09:30	João Claudio Todorov e Elenice Seixas Hanna - EXPERIÊNCIA ANTERIOR COM ESQUEMAS CONCORRENTES E SENSIBILIDADE À DISTRIBUIÇÃO DE REFORÇOS.
59	09:45	João Claudio Todorov e Jorge M. de O. Castro Neto - EFEITOS DE ORDEM DE CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS EM RELAÇÕES QUANTITATIVAS ENTRE RESPOSTAS E REFORÇOS EM ESQUEMAS CONCORRENTES.
60	10:00	João Claudio Todorov e Fernanda A. Pinheiro - ESQUEMAS CONCORRENTES: CONSEQUÊNCIAS ASSIMÉTRICAS PARA RESPOSTAS DE MUDANÇA.
61	10:15	João Claudio Todorov e Octavio T. Chipazaro - DISCRIMINAÇÃO TEMPORAL EM ESQUEMAS CONCORRENTES DE INTERVALO VARIÁVEL.
62	10:30	João Claudio Todorov e Missio A. R. Ramirez - ACELERAÇÃO DE TAXA DE RESPOSTA EM UM ESQUEMA DE INTERVALO VARIÁVEL PELA IMPOSIÇÃO DE UMA CONTINGÊNCIA DE ATRASO DE REFORÇO.
63	10:45	João Claudio Todorov e Sérgio Ximenes Hackradt - EFEITOS DO ATRASO DE REFORÇO PARA RESPOSTAS DE MUDANÇA NA DISTRIBUIÇÃO DE REFORÇOS EM ESQUEMAS CONCORRENTES DE INTERVALO VARIÁVEL - RAZÃO FIXA.
64	11:00	João Claudio Todorov e Jorge M. de O. Castro Neto - EFEITOS DO ATRASO DE REFORÇO PARA RESPOSTAS DE MUDANÇAS NO DESEMPENHO EM ESQUEMAS CONCORRENTES DE INTERVALO VARIÁVEL - RAZÃO FIXA.
65	11:15	Maria Lúcia Ferrara e Dione de Rezende - EFEITOS DO REQUISITO NUMÉRICO PARA MUDANÇA NO DESEMPENHO EM ESQUEMA CONCORRENTE.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 11

Sala: ACRÓPOLE

Presidente: José Aparecido da Silva
 Debatedores: José Augusto Dellacoleta
 Alvaro Tamayo

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
66	09:30	M. Leonor Cunha Gayotto, Vera Giffoni - EXPERIÊNCIA ACUMULATIVA DE GRUPO OPERATIVO - UM CAMPO DE FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA NA PSICOLOGIA SOCIAL:
67	09:45	Reinier Rozestraten, Cristina José de Almeida, Sonia R. Pazian, Marcia R. Fumagalli - ESTUDO DE ALGUNS "PONTOS NEGROS" DE RIBEIRÃO PRETO E SUGESTÃO PARA UM BOLETIM DE OCORRÊNCIA COM MAIS INFORMAÇÕES PSICOLÓGICAS.
68	10:00	Reinier Rozestraten, Annick Pottier, Emilia Tieni Issiki e Mary K. Nobo - A INFLUÊNCIA DO FATOR "NÍVEL DE INSTRUÇÃO" SOBRE OS RESULTADOS DO "GROUP EMBEDDED FIGURES TEST".
69	10:15	Reinier Rozestraten, Annick Pottier - ESTUDO COMPARATIVO DAS DIVERSAS MEDIDAS DE DEPENDÊNCIA - INDEPENDÊNCIA DO CAMPO E SUA RELAÇÃO COM A PERCEPÇÃO DAS SITUAÇÕES DE TRÂNSITO.
70	10:30	Reinier Rozestraten, Annick Pottier e Michel Pottier - OS TESTES DA DIMENSÃO DEPENDÊNCIA - INDEPENDÊNCIA DO CAMPO E A PROBABILIDADE DE ACIDENTES DE TRÂNSITO.
71	10:45	Renato M. E. Sabbatini - A UTILIZAÇÃO DE MICROCOMPUTADORES PESSOAIS NO LABORATÓRIO DE PSICOFISIOLOGIA: I. UM PROGRAMA PARA A MEDIDA DO TEMPO DE REAÇÃO A ESTÍMULOS VISUAIS E/OU AUDITIVOS EM HUMANOS.
72	11:00	Renato M. E. Sabbatini - A UTILIZAÇÃO DE MICROCOMPUTADORES PESSOAIS NO LABORATÓRIO DE PSICOFISIOLOGIA: II. IMPLEMENTAÇÃO DE UM TAQUISTOCÓPIO VISUAL PARA O ESTUDO DA MEMÓRIA EM HUMANOS.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 12

Sala: CRISTINA

Presidente: Frederico Guilherme Graeff
 Debatedores: Werner Schimideck
 Carlos Alberto Thomas

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
73	09:30	Elcia Estarriaga de Arruda e M. Teresa A. Silva - EFEITO DA DURAÇÃO DE CHOQUE INESCAPÁVEL SOBRE A SUBSEQUENTE AQUISIÇÃO DE UMA RESPOSTA DE ALTA ATIVIDADE MOTORA.
74	09:45	Maria Helena L. Fuziziker - ALTERAÇÃO DA RESPOSTA DE TESTE NO ESTUDO DA INCONTROLABILIDADE.

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
75	10:00	José Gualberto M. Angerami, Kester Carrara e <u>Maria Silvia Fraga de A. Barros</u> - MORTE PSICOGÊNICA EM CÃES: UM ESTUDO EX POST FACTO.
76	10:15	Silvio Morato de Carvalho - VALOR REFORÇADOR DE SOLUÇÕES DE SACARINA NA MODELAGEM DE UMA RESPOSTA EM RATOS NÃO PRIVADOS.
77	10:30	José Gualberto M. Angerami - RETENÇÃO DA HABITUAÇÃO DE COMPORTAMENTO EXPLORATÓRIO EM FUNÇÃO DA FORMA DE EXPOSIÇÃO À SITUAÇÃO TESTE.
78	10:45	Silvio Morato de Carvalho, J. C. de Aguiar e Frederico G. Graeff - E FEITO DE DROGAS SOBRE O COMPORTAMENTO PUNIDO POR ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA INTRACEREBRAL AVERSIVA NO RATO: RESULTADOS PRELIMINARES.
79	11:00	Cássia M. Liserre Leone e Frederico G. Graeff - PAPEL DA SEROTONINA NO EFEITO SUPRESSOR DE RESPOSTAS PUNIDAS DA ANFETAMINA.

12:00 às 13:30 horas - CICLO DE CINEMA: - 2º Dia

Sala: HERAKLION

Coordenadora: Dra. Edda Tassara

"COMPORTAMENTO, DETERMINAÇÕES SOCIAIS E MOMENTO HISTÓRICO: MOBILIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA".

FILME 1 - TEREMOS INFÂNCIA
Aloysio Raulino

FILME 2 - MINHA VIDA NOSSA LUTA
Suzana Amaral

DEBATES.

13:30 às 16:30 horas - SIMPÓSIO III.

Sala: HERAKLION



"PREVENÇÃO DA DEFICIÊNCIA MENTAL NO BRASIL".

Coordenador: Rosalina Carvalho Pessotti

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto.

Participantes: Alvaro José de Oliveira

Associação Brasileira para Estudo Científico do Deficiente Mental - Florianópolis.

Lúcia Cavalcanti Albuquerque Williams
Centro de Educação - UFSCar - São Carlos

João Monteiro Pina Neto
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto.

Luiz Antonio Bailão
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto.

13:30 às 16:30 horas - SIMPÓSIO IV.

Sala: MIKONOS

"A PSICOBIOLOGIA DO ROEDOR".

Coordenador: José Lino de Oliveira Bueno
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto.

"CONTROLE TEMPORAL E REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL DO RATO"

Participantes: Renato M. E. Sabatini
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto.

e Aldo B. Lucion
Faculdade de Medicina, UFRS - Porto Alegre

"ANÁLISE QUANTITATIVA DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E COMPORTAMENTO EM COLÔNIAS DE RATOS ALBÍDOS".

Werner Schmideck e
Núlio Negrão
Instituto de Ciências Biomédicas, USP, São Paulo.

"DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NO COMPORTAMENTO DO RATO".

Cesar Azevedo
Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

13:30 às 16:30 horas - SIMPÓSIO V.

Sala: SPARTA

"CRITÉRIOS PARA A DEFINIÇÃO DE NORMALIDADE E PATOLOGIA EM PSICOLOGIA".

Coordenador: Sergio Poggetti Filho
Associação de Modificação do Comportamento.

Participantes: Bento Prado de A. Ferraz Junior
Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCAR, São Carlos.

"NORMAL E PATOLÓGICO - UMA QUESTÃO SEMÂNTICA".

Isaias Pessotti
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto.
"NORMAL E PATOLÓGICO - ONDE A SEPARAÇÃO?".

Doniele Riva
Faculdade de Medicina de Pinheiros, USP, São Paulo.

"O CONCEITO DE NORMAL E PATOLÓGICO E SUAS IMPLICAÇÕES EM PSIQUIATRIA E NEUROLOGIA".

13:30 às 16:30 horas - MESA REDONDA 3.

Sala: LEGIÃO BRASILEIRA

"DESENHO E BRINQUEDO".

Coordenador: Edla Bontempo
Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

"VARIÁVEIS QUE INFLUEM NO COMPORTAMENTO DE BRINCAR".

Participantes: Ana Angélica Moreira
Professora de Educação Artística de 1º Grau, São Paulo.

"O DESENHO COMO LINGUAGEM DE CRIANÇA".

Ana Maria Almeida de Carvalho
Instituto de Psicologia, USP, São Paulo

"INTERAÇÃO SOCIAL NO BRINQUEDO".

Sônia Maria Mendes Eleutério Mestriner
Psicóloga, Ribeirão Preto.

"DESENHO COMO FORMA DE ENTREVISTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE DESENHO - ESTÓRIAS".

16:30 às 18:30 horas - ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA S.P.R.P.

Sala: ACRÓPOLE

ORDEM DO DIA:

1. Informações da Diretoria
2. Eleição de uma comissão provisória para dirigir a S.P.R.P. a partir de 30.10.81.
3. Participação da Sociedade de Psicologia nas Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.
4. Discussão sobre a filiação da Sociedade de Psicologia à Associação Brasileira de Psicologia.
5. Outros assuntos.

20:00 horas - MESA REDONDA 4.

Sala: HERAKLION

"COMUNIDADES TERAPÊUTICAS".

Dr. Osvaldo Di Loreto
Psiquiatra - São Paulo.

Dr. Marcello Blaia
Psiquiatra - Clínica Pinel - Porto Alegre.

20:00 horas - CONFERÊNCIA 6.

Sala: SPARTA

"CONDICIONAMENTO CLÁSSICO E COMPORTAMENTO OPERANTE",

Dr. Roberto Ruiz

Faculdade de Ciências Humanas - Caracas - Venezuela.

De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 1.	Sala: HERAKLION
De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 2.	Sala: SPARTA
De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 3.	Sala: MIKONOS
De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 4.	Sala: LEGIÃO BRASILEIRA
De 08:00 às 09:20 horas - CURSO 5.	Sala: CENTRO MÉDICO

COMUNICAÇÕES LIVRES.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 13	Sala: CENTRO MÉDICO
----------------------------------	---------------------

Presidente: Larry Williams
 Debatedores: Maria do Carmo Guedes
 Maria Cecília Manzolli

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
80	09:30	Edna M. Marturano - UMA PROPOSTA DE ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DO INTERCÂMBIO VERBAL PROFESSOR-ALUNO.
81	09:45	Denize R. Rubano, M. Martha C.H. de Oliveira, Monica Helena Tieppo A. Gianfaldoni - ANÁLISE DE DOIS TIPOS DE COMENTÁRIOS ACERCA DE TRABALHOS DE ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA DA PUC-SP AO SE CONSEQUENCIAR O DESEMPENHO VERBAL ESCRITO.
82	10:00	Nivaldo Nale, João Carlos Pedrazzani, Silvio Paulo Botomé - UMA PROGRAMAÇÃO PARA A DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO DE ENFERMAGEM.
83	10:15	Silvio Paulo Botomé, Nivaldo Nale, João Carlos Pedrazzani - PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DE CURSOS PARA A COMUNIDADE: UMA ESTRATÉGIA PARA DESENVOLVIMENTO DA DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO.
84	10:30	Dair Aily F. de Camargo e Lisete Diniz Ribas Casagrande - A INFLUÊNCIA DA ESTRATÉGIA E DA AVALIAÇÃO, UTILIZADAS PELO PROFESSOR, NO RENDIMENTO DOS ALUNOS (2a. PARTE).
85	10:45	Larry Williams, Débora Schörmann, Marli Ferreira e Ana Lúcia Rossito - CONTINGÊNCIAS NECESSÁRIAS PARA O TREINAMENTO BÁSICO DE PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO DE ENSINO E DESEMPENHO EM SALA-DE-AULA, POR PARTE DE PROFESSORES DE CRIANÇAS EXCEPCIONAIS.
86	11:00	Larry Williams, Ana Lucia Rossito e Lucia C. de A. Williams - ENSINO DE HABILIDADES BÁSICAS DE PLANEJAMENTO E ATUAÇÃO EM SALA-DE-AULA A PROFESSORES DE CRIANÇAS DEFICIENTES: DEMONSTRAÇÃO DE UM PROJETO.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 14

Sala: HERAKLION

Presidente: Maria Bernadete A.C. de Assis
 Debatedores: Zélia Chiarottino
 Edla Bontempo

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
87	09:30	Analúcia Dias Schliemann - FATORES E ETAPAS NO DESENVOLVIMENTO DA INFERÊNCIA TRANSITIVA NA CRIANÇA.
88	09:45	Sylvia R.P. Gorayeb - UM PROGRAMA DE TRABALHO MULTIPROFISSIONAL COM ÊNFASE NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.
89	10:00	Terezinha Nunes Carraber e Analúcia Dias Schliemann - O DESENVOLVIMENTO MENTAL E A COMPREENSÃO DO SISTEMA NUMÉRICO DECIMAL.
90	10:15	M. Bernadete A.C. de Assis e Lino de Macedo - PROCEDIMENTOS DE ESCOLHA CONFORME O MODELO E ESCOLHA DO ÍMPAR NA AQUISIÇÃO DA NOÇÃO DE CONSERVAÇÃO.
91	10:30	Dair Aily Franco de Camargo - UM ESTUDO SOBRE A ESCALA DE DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO LÓGICO, DE LONGEOT.
92	10:45	M. Thereza C.C. Souza e Lino de Macedo - "A ÉCHELLE DE DEVELOPPEMENT DE LA PENSÉE LOGIQUE" (EDPL) DE LONGEOT: DESCRIÇÃO E UTILIZAÇÃO.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 15

Sala: SPARTA

Presidente: Sonia S. Vitaliano Graminha
 Debatedores: Antonio Celso Goyos
 Zelia Maria Mendes Biazolli Alves

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
93	09:30	Ester Lucia S. Francischini, Vera Maria Belfi, Vera Lucia Sobral Machado e Sonia S.V. Graminha - EMPREGO DE UM PROCEDIMENTO DE TREINO GRADUAL DE DISCRIMINAÇÃO DE SILABAS EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES NA LETURA E ESCRITA.
94	09:45	Edna Maria Kuller e Sonia C. Paiva - TÉCNICA DE CONTROLE DE ATENÇÃO EM CRIANÇAS EXCEPCIONAIS.
95	10:00	Cecilia Guarnieri Batista - ELABORAÇÃO DE UM CATÁLOGO DE COMPORTAMENTOS MOTORES OBSERVADOS NA INTERAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS.
96	10:15	M.A.O. Martins, Rosalina C. Pessotti, E.G. Mendes, A.J.A. Reis e A.A. M. e Souza - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DE CATEGORIAS COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS.
97	10:30	Lucinda A. Sola Perez, Sonia R. Nunes Ito, Lúcia M. Miguéis Jorge, Aracy Lorita Reedrich e Donzília do Rosário Aveiro - DESCRIÇÃO DOS COMPORTAMENTOS APRESENTADOS POR CRIANÇAS FRENTE A ANIMAIS DO ZOOLOGICO.
98	10:45	Sonia Santa V. Graminha e Vera Lúcia S. Machado - UM INSTRUMENTO PARA OBSERVAÇÃO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE CLÍNICA - ÊNFASE NO LEVANTAMENTO DE REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 16

Sala: MIKONOS

Presidente: Antonio Bento A. Moraes

Debatedores: Dircezeia De Lazzari Correa

Mara Ignez Campos de Carvalho

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
99	09:30	<u>Lucia Cavalcanti de Albuquerque Williams e Ana Lúcia Rossito</u> - FAVORECIMENTO O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS EXCEPCIONAIS ATRAVES DO TREINO DADO A FAMILIARES NO AMBIENTE NATURAL: RACIONAL E PROCEDIMENTO DO PROJETO "FAMILIAS".
100	09:45	<u>Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, Silvia Regina R. Lucato e Maria Luisa Guillaumon Emel</u> - FAVORECIMENTO O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS EXCEPCIONAIS ATRAVES DO TREINO DADO A FAMILIARES NO AMBIENTE NATURAL: ALGUNS RESULTADOS ILUSTRATIVOS.
101	10:00	<u>Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams e Ana Lúcia Rossito</u> - UMA PROPOSTA DE OPERACIONALIZAÇÃO PARA O "INVENTÁRIO PORTAGE DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR".
102	10:15	<u>José Cesar, Antonio Bento Alves de Moraes e Marisa Picalluga</u> - TREINAMENTO DE PASSOS COMPORTAMENTAIS DE ESCOVAÇÃO DENTÁRIA EM CRIANÇAS.
103	10:45	<u>A. Bento A. Moraes, Paulo C.F. Cunha, Elizabeth J. Wessel, Regina C. Vieira</u> - UM LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA APLICADA À ODONTOLOGIA.
104	11:00	<u>A. Bento A. Moraes</u> - ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA COMPORTAMENTAL EM ODONTOPEDIATRIA.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 17

Sala: ACROPOLE

Presidente: Luis Leite Monteiro de Oliveira

Debatedores: Elenice A. de Moraes Ferrari

Silvio Morato de Carvalho

Nº	HORÁRIO	AUTOR(ES) - TÍTULO
105	09:30	<u>Roberto A. Banaco, Roberta G. Azzi, Regina C. Wielenska e M. Lucia Ferrara</u> - EFEITOS DA INTRODUÇÃO SIMULTÂNEA DE ESTÍMULOS SINALIZADORES DE REFORÇO E PUNIÇÃO NO DESEMPENHO DISCRIMINATIVO.
106	09:45	<u>Mariangela Tambellini, Elaine A. Borim e Deisy G. de Souza</u> - EFEITOS DE PUNIÇÃO SOBREPOSTA À EXTINÇÃO.
107	10:00	<u>Maria Lucia Ferrara, Roberto A. Banaco, Regina C. Wielenska e Roberta G. Azzi</u> - SUPRESSÃO CONDICIONADA E DESEMPENHO EM ESQUEMA CONCORRENTE: EFEITOS DA LOCALIZAÇÃO DO CS.
108	10:15	<u>Maria Lucia Ferrara</u> - UMA ANÁLISE DE ALGUNS EFEITOS DE CHOQUE LIVRE SOBRE O COMPORTAMENTO.
109	10:30	<u>João C. Todorov</u> - AQUISIÇÃO E MANUTENÇÃO DO COMPORTAMENTO EM SITUAÇÕES DE ESTIMULAÇÃO AVERSIVA NÃO CONTINGENTE.
110	10:45	<u>João C. Todorov</u> - PROBLEMAS NO ESTUDO EXPERIMENTAL DA EXTINÇÃO DO COMPORTAMENTO DE ESQUIVA.

09:30 às 12:00 horas - SESSÃO 18

Sala: CHRISTINA

Presidente: Renato M.E. Sabatini

Debatedores: Walter Hugo de Andrade Cunha
Ana Maria Almeida de Carvalho

- | Nº | HORÁRIO | AUTOR(ES) - TÍTULO |
|-----|---------|---|
| 111 | 09:30 | Malcom A.M. Brandeburgo e Lionel S. Gonçalves - INFLUÊNCIA DO AMBIENTE NO COMPORTAMENTO DE DEFESA DAS ABELHAS (APIS). |
| 112 | 09:45 | Juan Carlos C. Guix, Marcia Salvatti, Margareth A. Peroni, José Santiago Lima Verde - ASPECTOS COMPORTAMENTAIS DA REPRODUÇÃO EM GEOCHELONE CARONARIA (SPIX, 1824) EM AMBIENTE SEMI-NATURAL (REPTILIA-CHELONIA). |
| 113 | 10:00 | Angelo de Lima Francisco, Renato M.E. Sabatini - ESTUDO DO COMPORTAMENTO DO BUGIO (ALLOUTIA CARAYA) EM ÁREA SEMI-NATURAL: POSSÍVEIS MODIFICAÇÕES ADAPTATIVAS. |
| 114 | 10:15 | José Marino Neto, Renato M.E. Sabatini - OBSERVAÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO SOCIAL EM COLÔNIAS SEMI-NATURAIS DO PEIXE DE BRIGA (SETIA SPLENDENS). |
| 115 | 10:30 | Isabel M.S. Cruz Alves e Renato M.E. Sabatini - ASPECTOS PRELIMINARES DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE BUGIOS (ALLOUTIA CARAYA). |

12:00 às 13:30 horas - CICLO DE CINEMA: 39 Dia

Sala: HERAKLION

Coordenadora: Dra. Edda Tassara

"COMPORTAMENTO, DETERMINAÇÕES SOCIAIS E MOMENTO HISTÓRICO:
MEIO AMBIENTE E COMPORTAMENTO".FILME - IRACEMA: UMA TRANSA AMAZÔNICA.
Jorge Bolanzky e Orlando Senna.

DEBATES.

13:30 às 16:30 horas - SIMPÓSIO VI.

Sala: HERAKLION

"A PREVENÇÃO DE DISTÚRBIOS MENTAIS: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO".

Coordenador: Suzana A. Viana.

Departamento de Psicologia Clínica Preventiva, FMU, São Paulo.

Participantes: Kayoko Yamamoto.

Departamento de Psicologia Clínica Preventiva, FMU, São Paulo.

Elizabeth Garcia Oberding.

Departamento de Psicologia Clínica Preventiva, FMU, São Paulo.

Lourdes Santana Tomazella.

Departamento de Psicologia Clínica Preventiva, FMU, São Paulo.

Ryad Simm.

Coordenadoria do Serviço de Saúde Mental - Escola Paulista de Medicina
São Paulo.

13:30 às 16:30 horas - SIMPÓSIO VII.

Sala: MIKONOS

"COMPORTAMENTISMO E PSICANÁLISE: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA".

Coordenador: Isaias Pessotti.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto.

Participantes: Bento Prado de Almeida Ferraz Junior.

Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, São Carlos.

Lucia Prado.

Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, São Carlos.

Pericles Trevisan.

Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, São Carlos.

Ana Maria Ribeiro Coutinho.

Departamento de Psicologia, PUC, Rio de Janeiro.

13:30 às 16:30 horas - MESA REDONDA 5.

Sala: SPARTA

"ANÁLISE DE PROCEDIMENTO EM TERAPIA COMPORTAMENTAL: FORMAÇÃO E PRÁTICA".

Coordenador: Ricardo Gorayeb.

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto.

Participantes: Helio José Guilhardi.

Psicólogo, Campinas.

Mario Balaban.

Psicólogo, Brasília.

Alice Maria C. Dellatti.

Psicólogo, Campinas.

16:30 às 18:30 horas - MESA REDONDA 6.

Sala: SPARTA

"PRÁTICA PEDAGÓGICA E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO".

Coordenador: Lino de Macedo.

Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

"A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PRIMEIRO-GRAU SOBRE SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA".

Participantes: Zelia Ramozzi Chiarottino.

Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

"NOVAS PERSPECTIVAS DE UMA APLICAÇÃO DA TEORIA PIAGETIANA".

Maria Tereza Eyler Mantoan.

Diretora da APAE de Bragança Paulista.

"O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E O MÉTODO FREINET".

Cilene Ribeiro de Sá Leite Chacur.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto.

"AS RELAÇÕES ENTRE O REAL E O DESEJÁVEL NO INTERIOR DA PRÁTICA EDUCATIVA."

16:30 às 18:30 horas - SESSÃO DE TRABALHO 4.

Sala: ACROPOLE

"ANÁLISE DOS CONGRESSOS DE PSICOLOGIA NO BRASIL NOS ÚLTIMOS ANOS".

Coordenadores: Maria do Carmo Guedes.

Instituto de Psicologia, PUC, São Paulo.

Ana Maria Almeida de Carvalho.

Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

17:00 horas - CONFERÊNCIA 7.

Sala: MIKONOS

"ANSIEDADE E ANSIOLÍTICOS: ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS".

Dr. Frederico Guilherme Graeff.

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto.

17:00 horas - CONFERÊNCIA 8.

Sala: HERAKLION

"TÉCNICAS DE RELAXAMENTO".

Dr. Petho Sandor.

Psiquiatria - São Paulo.

20:00 horas - SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Sala: COLÉGIO AU
XILIADORA

CORAL LIMA GENÉSIO.

21:00 horas - RODA DE VIOLEIROS - CHOPADA.

COMUNICAÇÕES LIVRES
RESUMO

APRENDIZAGEM INTENCIONAL E INCIDENTAL : COMPARAÇÃO DA INFLUÊNCIA DE DOIS TIPOS DE EFEITO DE ISOLAMENTO

01

José Augusto da Silva Pontes Neto (Departamento de Psicologia do I. L. H. P. de Assis - UNESP) & João Batista Martins

Este estudo estendeu o efeito de isolamento (Von Restorff, 1933), utilizado geralmente em estudos de memorização de sílabas sem sentido, para a aprendizagem de material verbal conexo. Dois tipos de efeito de isolamento foram usados: um proposto pelos pesquisadores e outro gerado pelos próprios sujeitos. Ambos os tipos se apresentaram em forma de grifo da frase principal dos parágrafos de um texto, programado especificamente para o estudo. Dois grupos de sujeitos, de nível colegial, forneceram os dados para a pesquisa: um recebeu as frases principais grifadas (G I) e o outro trabalhou para identificar e grifar essas frases principais, de forma a gerar o seu próprio efeito de isolamento (G II). Apenas os sujeitos que conseguiram grifar as frases "corretas" permaneceram no G II. Desse modo, cada um dos grupos ficou, em sua forma definitiva, constituído de 34 sujeitos. Todas as tarefas propostas foram precedidas de instruções escritas entregues individualmente aos sujeitos e o tempo despendido em cada tarefa foi determinado de antemão. Para a verificação da aprendizagem, foi usado um teste parafrástico. A análise dos dados, obtidos através desse teste, indicou não haver diferenças entre os grupos no que se refere à aprendizagem intencional, mas o G II obteve melhor realização do que o G I no que diz respeito à aprendizagem incidental.

continua

ATENÇÃO E ATIVIDADE DURANTE O ESTUDO DA CARTILHA: COMPARAÇÃO COM UMA CONDIÇÃO DE AUSÊNCIA DE TAREFA ACADÊMICA

02

Edna Maria Marturano
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo

Arcângela de Lourdes Pileggi Camelo
Instituto Espírita Paulo de Tarso
Ribeirão Preto

Este estudo, que faz parte de um projeto em andamento, visando determinar parâmetros da atenção visual durante a aquisição da leitura, tem por objetivo fornecer dados de linha de base para posteriores comparações. Os alunos de uma classe de 1ª série foram observados durante a quinquena em que iniciaram o estudo da cartilha. Cada criança foi televisionada por dois períodos de 15 minutos, seja estudando a cartilha ou sem atividade acadêmica. Seus comportamentos foram analisados segundo método desenvolvido anteriormente, que inclui a determinação da taxa de movimentos visuais, nível de atividade, frequência e duração de respostas visuais, verbais e motoras orientadas para diferentes focos na sala de aula. Os resultados parciais obtidos, correspondentes a 12 alunos (6 meninas), indicam que na condição de ausência de atividade são mais frequentes as respostas de atenção prolongada, enquanto respostas de simples orientação visual são mais frequentes durante o estudo da cartilha, em que se observa maior mobilidade visual e nível mais alto de atividade motora. Por outro lado, respostas visuais específicas à cartilha têm maior duração média que respostas dirigidas a outros estímulos. Nesta situação, é maior a frequência de olhares dirigidos a outras crianças, bem como a proporção de contatos verbais e sociais entre os alunos. A presença da cartilha, como evento novo, parece provocar certo grau de excitação, elevando o nível de atividade e o intercâmbio com os colegas. O estudo longitudinal em andamento permitirá verificar se tais efeitos são transitórios.

(Pesquisa subvencionada pela FAPESP e CAPQ)

UM ESTUDO SOBRE ESPERA DE RECOMPENSA: POSSIBILIDADES QUE ESSA SITUAÇÃO APRESENTA. Rachel Rodrigues Verbaux. Departamento de Psicologia Experimental - Instituto de Psicologia da USP.

03

O objetivo do presente trabalho é analisar o comportamento de espera por recompensas em algumas crianças. Foram sujeitos desse estudo, 12 crianças, de ambos os sexos, experimentalmente ingênuas, com seis anos completos, cursando o pré-escola, em um grupo escolar amazonense de classe média.

As crianças foram submetidas a uma situação de escolha entre dois comestíveis, a considerado maior recompensa à de sua preferência. Em seguida foram deixadas em uma situação de espera, com ambas as recompensas presentes, em que obteriam o comestível preferido após esperar a volta do experimentador.

Os dados demonstram que dez das crianças esperaram e somente duas não. A volta à situação experimental demonstrou possibilitar a espera para um dos sujeitos e detectar uma dificuldade na escolha das recompensas para o outro. Os comportamentos apresentados pelos sujeitos são variados, mostrando que a maior parte permanecia sentada na cadeira e alguns apresentavam comportamentos motores variados. A discussão enfatiza a possibilidade dessa situação servir como treino de autocontrole e a implicação da escolha de recompensas nesse processo.

MELHORANDO O NÍVEL DE PERFORMANCE DE ESTUDANTES DE ESCOLA PRIMÁRIA ATRAVÉS DE TÉCNICAS COMPORTAMENTAIS

04

Angelo Mario Menezes Duarte, B.A., M.A.
Departamento de Psicologia
California State University, Sacramento
Sacramento - California - E.U.A.

Um programa comportamental para corrigir deficiências entre crianças de escola primária, foi usado para melhorar as habilidades matemáticas de vinte estudantes de nível regular, em uma sala de aula de uma escola pública primária. Os estudantes tinham de 8 a 9 anos, frequentavam 3º ano primário e não eram considerados excepcionais ou bem dotados. O Comprehensive Test of Basic Skills foi usado como pré e pós teste para avaliar o nível de performance de cada estudante em computação matemática, conceitos matemáticos e aplicação. Escores de grau equivalente foram usados para representar ganhos individuais e escores Padrão Expendidos (escores em escala) foram usados para estatisticamente comparar os ganhos durante o período de intervenção com o período de não intervenção. A intervenção provou ser efetiva em substancialmente melhorar o nível de desempenho com um ganho médio total de 21 meses para computação, 15 meses para conceitos matemáticos e 11 meses para aplicação.

CAPES - Universidade Católica de Goiás
Goiânia - Goiás

ANÁLISE DE UM MATERIAL DIDÁTICO UTILIZADO NO TREINO PREPARATÓRIO PARA ALFABETIZAÇÃO

Jane Maria Spagnol

O material utilizado no treino preparatório para alfabetização deve propiciar o desenvolvimento de discriminações adequadas de forma, posição e direção que são pré-requisitos para aprendizagem inicial de leitura e escrita. Foram realizados dois estudos exploratórios. Os objetivos foram: (estudo 1) verificar a frequência de R s e R s bem como analisar as respostas de pré-escolares na presença de um material didático contendo figuras destinadas ao treino preparatório de leitura e escrita e (estudo 2) analisar o desempenho discriminativo de pré-escolares, que já passaram pelo treino preparatório, na presença de um material didático contendo letras tipo script. Serviram como sujeitos 40 pré-escolares. Os materiais utilizados foram (estudo 1) 35 pranchas contendo figuras retiradas de um material didático corrente em pré-escolas e (estudo 2) 23 pranchas contendo letras tipo script. As respostas discriminativas eram do tipo emparelhamento por semelhança ou por diferença e apontar. Não foi utilizado reforçamento contingente. A análise dos dados mostrou que o material didático contendo figuras não se mostrou adequadamente seqüenciado para o treino a que se propõe, ocorrendo no estudo 2 muitos erros do tipo reversão e inversão.

ESTUDO SOBRE ADEQUAÇÃO DA RELAÇÃO FIGURA/PALAVRA-CHAVE EM CARTILHAS

Jane Maria Spagnol

A experiência didática e a literatura mostram que as ilustrações utilizadas em Cartilhas devem ser um estímulo que facilite o processo de alfabetização, servindo de estímulo discriminativo para a resposta verbal. O objetivo deste estudo foi analisar em Cartilhas a adequação das ilustrações em termos de sua relação figura/palavra-chave. Serviram como sujeitos 15 pré-escolares. Do material utilizado foram sorteadas 20% das ilustrações, recortadas e coladas cada uma, em posição centralizada, numa folha de papel tamanho ofício. As figuras foram apresentadas aos sujeitos individualmente, uma a uma, acompanhadas de seguinte pergunta "o que você vê nesta figura?". De acordo com os resultados, essas ilustrações se mostraram inadequadas para gerar as palavras-chave a que se propõe, sugerindo que essas ilustrações sejam refeitas considerando o vocabulário dos sujeitos, suas aprendizagens anteriores e a relação figura/fundo.

Título: Estimação de magnitude de distâncias: efeito do valor do módulo sobre o expoente da função-potência

Autores: Edson Alves de Oliveira e José Aparecido da Silva

07

Instituição: F.F.C.L. Ribeirão Preto- Depto de Psicologia- Laboratório de Psicofísica e Percepção

Uma das variáveis que afeta o valor do expoente da função-potência é a posição do estímulo padrão na série de estímulo. Esta variável juntamente com o valor do módulo assinalado ao estímulo padrão não tem sido muito pesquisada em estudos referentes à percepção de distância. De fato, em experimentos em que o método de estimação de magnitude tem sido empregado há sempre um primeiro estímulo e, frequentemente, este é denominado de estímulo padrão e recebe um módulo, isto é, um número 1, 10 ou 100, dependendo da amplitude empregada. Em outros experimentos, o próprio sujeito dá o valor do módulo e em seguida deve julgar os outros estímulos que lhe são apresentados proporcionalmente ao valor dado ao primeiro estímulo. Alguns experimentos realizados com estimação de magnitude de linhas tem mostrado que quanto maior o módulo assinalado o estímulo padrão tanto menor o expoente. Todavia, os módulos empregados são números com os quais os sujeitos não estão habituados a manipular. O presente estudo teve como objetivo verificar o efeito do módulo sobre o expoente para escalas de distância subjetiva, mas empregou valores de módulo mais familiares para os sujeitos, bem como utilizou um procedimento em que o próprio sujeito escolhia o seu módulo. O método de estimação de magnitude foi utilizado com as seguintes distâncias: 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256 e 296 metros. O estímulo padrão foi sempre a distância de 32 m e a ela foram dados os seguintes módulos: 50 e 100 e um valor escolhido pelo próprio sujeito. Os resultados analisados em termos da função-potência, ajustada pelo método dos mínimos quadrados, mostraram os seguintes expoentes: módulo 50 = 0,84, $r^2 = 0,98$; módulo 100 = 0,89, $r^2 = 0,98$ e módulo livre = 0,92, $r^2 = 0,97$. Estes expoentes foram diferentes entre si. CNPq, proc. nº 105468/79

Título: Estimação de razão de distâncias

Autores: Edson Alves de Oliveira e José Aparecido da Silva

08

Instituição: F.F.C.L. Ribeirão Preto, USP, Laboratório de Psicofísica e Percepção

Várias pesquisas têm sugerido que a mensuração do expoente da função-potência depende da amplitude dos estímulos apresentados, de modo que expoentes maiores são associados à uma amplitude pequena. De fato, Teghtsoonian tem mostrado que os expoentes registrados por Stevens e colaboradores são quase que totalmente previsíveis a partir da amplitude dos estímulos empregados. Este estudo teve como objetivo principal verificar o efeito da amplitude dos estímulos sobre o valor do expoente. Mas, diferente da maioria dos estudos mencionados na literatura, utilizamos o método de estimação de razão em vez do comumente utilizado método de estimação de magnitude. Foram utilizados 30 sujeitos adultos que estimaram a razão entre as seguintes distâncias: 40, 80, 160, 320, 640 cm. Todas as 10 combinações de distâncias objetivas não idênticas foram usadas. A tarefa do sujeito consistia em registrar em porcentagem a razão da menor em relação à maior. Cada par foi estimado duas vezes. Os resultados obtidos foram analisados segundo o modelo proposto por Ekman (1958) e descrito por Engen (1971). Os resultados mostraram que a função-potência descreve perfeitamente os resultados, indicando que a distância subjetiva (R) cresce como uma função-potência da distância (S), de modo que a função psicofísica é igual: $R = 0,53 S^{1,34}$. O coeficiente de determinação foi igual a 0,9944. Comparando-se este expoente com aqueles obtidos na literatura, observou-se que a amplitude influencia substancialmente o valor do expoente, de modo que quanto maior a amplitude tanto menor o expoente. Em função destes resultados parciais, pretendemos num outro experimento investigar uma amplitude maior, de 1,50 unidades de log, visto que neste experimento a amplitude foi de apenas 1,30 unidades de log.

Pesquisa subvencionada pelo CNPq, proc. nº 105468-79, Iniciação Científica

Título: Percepção da distância sob condições de observação monocular e binocular

09

Autores: Cleuza Beatriz da Silva, Raquel Alves dos Santos e José Aparecido da Silva

Instituição: F.F.C.L. Ribeirão Preto: USP - Laboratório de Psicofísica e Percepção

Um dos fenômenos encontrados na literatura referente à percepção de tamanho e distância é o da superconstância. Esse erro constante aparece com alguma regularidade em pesquisas sobre julgamentos de tamanho e distância em adultos, mas esta tendência e sua significância teórica ainda permanece obscura. Todavia, alguns estudos têm mostrado que quanto maior o número de indícios presentes na situação de observação tanto maior é a tendência para a superconstância. Este estudo teve como objetivo verificar o efeito do tipo de observação - monocular e binocular - com a adição de movimento paralaxe absoluto sobre a tendência para a superconstância; e secundariamente verificar o efeito da distância. Para isso foram realizados 4 experimentos: 1. observação binocular, 2. observação monocular, 3. observação binocular com movimento paralaxe e 4. observação monocular com movimento paralaxe. A tarefa dos sujeitos consistia em bissecionar as distâncias 40, 80, 160, 320, 640 e 800 cm. Foram utilizados 20 sujeitos em cada experimento. Os resultados mostraram que para a situação binocular-cabeça fixa houve uma maior superconstância do que na situação monocular-cabeça fixa. Na situação monocular com movimento paralaxe e na situação binocular com movimento paralaxe, houve também superconstância que não foram diferentes entre si. Observou-se, além disso, que a introdução do movimento paralaxe conduziu a uma maior veracidade nos julgamentos, ainda que tenha havido erros constantes positivos em todas as condições de observação. Os expoentes da função-potência calculados para cada tipo de observação foram: 0,925 para MCF; 0,993 para MOP; 0,994 para BCF e 1,01 para BOP. Estes expoentes não foram diferentes entre si, mas mostram que quanto maior os indícios para as estimações de distância tanto maior é o expoente. Pesquisa subvencionada pelo CNPq, proc. nº 105470-69-79

Título: ESCALAS SUBJETIVAS DE DISTÂNCIA EM CRIANÇAS E ADULTOS

10

Autores: Raquel Alves dos Santos, Cleuza Beatriz da Silva e José Aparecido da Silva

Instituição: F.F.C.L. Ribeirão Preto: USP - Laboratório de Psicofísica e Percepção

O propósito principal deste estudo foi verificar se o expoente da função-potência ($P = K E^n$) variaria em função da idade e se este poderia ser utilizado como um índice da tendência evolutiva em direção à superconstância. O método de fracionamento, frequentemente utilizado com adultos para produzir escalas de magnitude para várias modalidades perceptivas foi empregado para construir escalas similares, de distância, em crianças. Os sujeitos foram adultos e crianças de 5 - 7; 7 - 9; 9 - 11; 11 - 13 anos de idade. A tarefa de cada sujeito consistiu em bissecionar pelo método de fracionamento as seguintes distâncias 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256 258 metros. As instruções foram do tipo objetivas. Os resultados mostraram que os expoentes variaram conforme o aumento da idade, sendo maior para o grupo de adultos. Como todos os expoentes foram menores do que a unidade (1,0), pode-se dizer que a distância percebida é uma função negativamente acelerada da distância física. O fator escalar muda com a idade, mas a única diferença significativa residiu entre o grupo de 5 - 7 anos e o grupos de sujeitos mais velhos e adultos. Os resultados, também, mostraram que todos os sujeitos foram capazes de realizar a tarefa; a precisão média, mensurada pelo coeficiente de determinação (r^2), dos sujeitos mais velhos e adultos foram maiores do que aquela do grupo de sujeitos de 5 - 7 anos de idade. Todavia, alguns dos sujeitos do grupo de 5 - 7 anos desempenharam com precisão idêntica às aquelas dos grupos de sujeitos mais velhos e adultos. Outras comparações não foram significativas. Em geral, todos os sujeitos exibiram subconstância que aumenta com a distância física e, além disso, houve uma menor variabilidade e uma maior acurácia nos julgamentos com o aumento da idade. Subvencionado pelo CNPq, Proc. 105470 e 105469-79; IC XI.

Título: Influência da idade e da distância sobre a tendência em direção à superconstância

Autores: Cleuza Beatriz da Silva, Raquel Alves dos Santos e José Aparecido da Silva

Instituição: F.F.C. Ribeirão Preto: USP Laboratório de Psicofísica e Percepção

11

O propósito principal deste estudo foi verificar se o grau de sub ou superconstância de distância variaria em função da distância e da idade. Para isso foram utilizados 127 sujeitos, distribuídos nas seguintes faixas etárias: 5-7, 7-9, 9-11, 11-13 e adultos (18-25). A tarefa dos sujeitos consistia em bissecionar pelo método de fracionamento as seguintes distâncias: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256 e 296 metros. As instruções foram do tipo objetivas. Os seguintes erros foram analisados: erro constante, percentual, de movimento percentual e a variabilidade dos julgamentos em função da idade e da distância. Quanto aos erros constantes, pode-se observar que não houve diferença acentuada entre os diversos grupos etários e nem entre as distâncias até 16 metros. Estes erros, em geral, ficam entre o intervalo de -5 a +5 metros até esta distância. A partir de 32 metros, pode-se constatar um aumento sistemático nestes erros constantes, ainda que todos tenham sido negativos, com o aumento da distância. Verificou-se também que os grupos etários de 5-7 até 11-13 anos não diferiram entre si quanto aos valores destes erros cometidos a partir de 16 m até 296 m, mas estes erros parecem diferir daquelas cometidos pelo grupo de adultos. Os erros percentuais tiveram a mesma tendência e aumentaram sistematicamente com o aumento da distância física, passando de superconstância nas distâncias pequenas para subconstância nas distâncias maiores. A partir de 64 metros, começa a se acentuar as diferenças entre o grupo de sujeitos mais jovens e o grupo de adultos. Os erros de movimento percentual diminuem com o aumento da idade e aumentam com o aumento da distância. A variabilidade dos julgamentos também diminui com o aumento da idade, mas aumenta com a distância.

Pesquisa subvencionada pelo CNPq proc. nº 105469 e 1.02470-9

OS DEPENDENTES DO CAMPO AVALIAM MAL O ESPAÇO, POR ISTO TERIAM MAIS ACIDENTES? Reiner Pozestraten, Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Campus da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, (Laboratoire de Psychologie de la Conduite, Organisme National de Sécurité Routière, Montlhéry, França).

De um grupo de 245 recrutas franceses submetidos ao teste GEFT (Group Embedded Figures Test) foram selecionados 5 mais dependentes do campo (OC - com um máximo de omissões e erros) e mais 5 independentes do campo (IC - sem omissões nem erros). Eles realizaram uma avaliação de extensões de 4, 8 e 16 m, a distâncias de 30, 60 e 120 m. As extensões foram reproduzidas por dois experimentadores seguindo as instruções dos sujeitos. Verificou-se que os IC apresentaram 19 superestimções em 45 avaliações contra somente 2 superestimções nos OC. As médias dos IC, expressas em erros em porcentagem, são cinco vezes menores do que as dos OC. Também a média de cada uma das distâncias e de cada uma das extensões mostram que os IC se aproximam muito mais do valor real das extensões do que os dependentes que sempre mostram maior subestimção. Além disto verificou-se que a extensão de 16 m, foi sempre relativamente mais subestimada, e que a sequência das extensões em todas as distâncias de se aproxima de uma função linear. Verificou-se tanto nos OC como nos IC um aumento nos erros na média em que as extensões aumentam, não podendo se dizer o mesmo a respeito das distâncias. Esta avaliação errônea do espaço nos dependentes do campo poderá ser um dos fatores responsáveis pelos erros perceptivos e de reação provocando maior frequência, nas pessoas com este estilo perceptivo, em acidentes de trânsito.

DES:- Este trabalho foi realizado com bolsa do CNPq.

12

ALGUNS DADOS SOBRE A COMUNICAÇÃO ENTRE ADOLESCENTES. Rachel Rodrigues Kerbauy, Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Com o objetivo de observar a interação entre adolescentes foram organizados seis grupos de três a oito rapazes e moças de 13 anos de idade, aproximadamente, todos cursando a 7ª série, 2º semestre e voluntários. Na própria escola, e em locais disponíveis nos horários determinados para cada um dos grupos, houve reuniões com uma psicóloga e um aluno de 4º ano de psicologia para discutir e exemplificar como se comunicavam entre si.

Cada grupo estabeleceu suas próprias regras de trabalho, mas o objetivo foi definido pelo experimentador: contar como se comunicavam podendo abordar esse assunto da maneira que mais lhes conviesse. A coleta de dados realizou-se em sete encontros, por grupo, de duração média de 50 minutos e todos foram gravados, salvo problemas técnicos.

Os resultados parciais já analisados demonstram que as regras estabelecidas pelos grupos são muito semelhantes, mas os assuntos tratados variam de grupo para grupo com discussões sobre a escola, atitudes dos professores em sala de aula, e relacionamento familiar especialmente entre os irmãos e filhos e mães. O dado mais relevante é sobre duas formas de comunicação bastante definidas, com nomes diversos. Parece que quem não possui esse repertório tem mais dificuldades de comunicar-se com o restante do grupo. Essas formas de comunicação não só foram relatadas, como aconteceram no correr dos grupos. Os dados obtidos parecem demonstrar ainda que esse trabalho de coleta de dados exige que o psicólogo que participa das discussões tenha experiência anterior de trabalho com grupo dado que os problemas levantados, de comunicação entre os membros do grupo, ou relatos de acontecimentos vividos, podem ser considerados como nos limites do trabalho clínico.

13

metodológico f. cpto verbal

UM SISTEMA PARA OBSERVAÇÃO, REGISTRO, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO VERBAL EM SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO.- Ana Teresa de Abreu Ramos (Departamento de Neurologia e Psiquiatria - Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP)

O objetivo deste relato é apresentar um sistema de estudo de comportamento verbal, que ocorre em situações de interação. Esse sistema permite identificar e analisar características que tem se mostrado relevantes nas investigações, que tentam esclarecer sobre variáveis que atuam na aquisição da linguagem.

Propõe-se que sejam feitas gravações do comportamento verbal-vocal e registro contínuo dos comportamentos motores de diádes em interação, as primeiras sinalizadas de modo a, posteriormente, serem acoplados os dois registros. A seguir são individualizadas as unidades de estudo, segundo critérios de mudança de locutor, pausa entre emissões e características semânticas e sintáticas das emissões. As unidades de estudo deverão ser classificadas segundo suas características formais, funcionais e tema a que se referem, permitindo uma avaliação quantitativa desses aspectos. O sistema propõe ainda o estudo de sequência temporal das emissões, permitindo uma análise de antecedentes e consequentes de uma dada emissão, o que permitirá, com a utilização de um método estatístico estudo de padrões e sequências significativas, tanto individuais, como interativas, das diádes, e permitirá ainda um estudo de pausas ou intervalos de silêncio entre as unidades de estudo.

14

serviço *interação* *M.-C.*
R. A.
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO VERBAL DE CRIANÇA, COM RETARDO DE DESENVOLVIMENTO, DE SUA MÃE E PROFESSORA, EM SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO. - Ana Teresa de Abreu Ramos (Departamento de Neurologia e Psiquiatria - Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP)

15

O presente estudo refere-se aos resultados obtidos de um conjunto de observações da interação de mãe-criança, professora-criança, no lar e na escola respectivamente, que pretendia: a) caracterizar e comparar, mediante um sistema de observação, registro e análise do comportamento verbal, o comportamento verbal de cada indivíduo, em diferentes períodos e situações e b) analisar aspectos específicos, apontados como relevantes no processo de aquisição de linguagem e úteis nos procedimentos de treino verbal.

Foram realizadas 24 sessões de observação, sendo 12 em casa e 12 na escola, em períodos diferentes, com a duração máxima de 20 minutos cada uma. Os dados obtidos indicaram que a criança apresentava um repertório formal pouco desenvolvido, uma frequência maior de funções primitivas da linguagem e falava mais sobre fatos concretos e presentes na situação. Foram observadas, em um ano, poucas evidências de evolução em seu repertório, mas, este mostrou-se mais diversificado e evoluído na interação com a mãe. Com relação à professora e à mãe verificou-se que: a) as respostas verbais da professora foram mais frequentes que as da mãe; b) a mãe era mais pronta a responder às respostas verbais da criança; c) do ponto de vista funcional, a mãe apresentou uma frequência mais alta de categorias, que tornavam mais provável respostas verbais da criança, apresentando linguagem mais simples e direta que a professora, sendo estes últimos dados demonstrados pelo estudo específico de seqüências e padrões individuais e interativos significativos.

análise
Int. M.-C. conto Verbal

ANÁLISES COMPARATIVAS DE MUDANÇAS EVOLUTIVAS NO INTERCÂMBIO VERBAL MÃE-CRIANÇA NORMAL E COM SÍNDROME DE DOWN (II). Lidia Maria Pinka Crnkovic*, Maria Inês Bacellar Monteiro*, Elza M. Stella Prorok. (Programa de Mestrado em Educação Especial - FMEE - Universidade Federal de São Carlos).

Este trabalho consistiu em uma análise descritiva do intercâmbio vocal de quatro pares M-C; dois com crianças normais e dois com crianças portadoras de Síndrome de Down, em dois momentos de desenvolvimento; 24 e 36 meses. Foi realizado um bloco de cinco sessões de observação com intervalo semanal em um par M-C normal e um par M-C com Síndrome de Down. Após um período de 6 meses foi realizado novo bloco de cinco sessões de observação para os mesmos pares, e foram introduzidos mais dois pares submetidos ao mesmo esquema de observação. Utilizaram-se dois tipos de registro: registro contínuo dos comportamentos não-vocais apresentado pelas diádes, com marcação de intervalos de quinze segundos; registro a partir das transcrições das gravações do intercâmbio verbal vocal das diádes. Em cada bloco de cinco sessões de observação, as três primeiras foram de brinquedo livre e as duas últimas estruturadas. Os dados foram derivados das seguintes medidas: (a) duração das pausas entre vocalizações M.-C. e C.-M; (b) vocalizações por minuto dos pares M.-C. normal; e com Síndrome de Down; (c) tamanho médio do enunciado; (d) índice de verbos por vocalizações da M.-C. normal e M. da C. com Síndrome de Down; (e) porcentagem de vocalizações inteligíveis da C. normal e com Síndrome de Down; (f) sons diferentes emitidos pela C. normal e C. com Síndrome de Down; (g) número de palavras diferentes emitidas pela criança normal; (h) atenção da mãe em relação a criança normal e com Síndrome de Down (olhar, atividade conjunta, proximidade física). Os resultados indicaram diferenças para as duas diádes em relação a: (1) organização temporal do diálogo mãe-criança; (2) complexidade e tipo de verbalização emitidas; (3) mudança no desempenho verbal dos membros de cada par através dos dois períodos de desenvolvimento da criança. Os dados apresentados expandem aqueles obtidos previamente sob o título "Análises Comparativas de Mudanças Evolutivas no intercâmbio verbal mãe-criança normal e com S. de Down (I)", SBPC, 1981.

* Auxílio recebido pelo CNPq

16

ANÁLISES COMPARATIVAS PRELIMINARES DAS INTERAÇÕES NÃO-VOCALIS NO INTERCÂMBIO VERBAL MÃE-CRIANÇA NORMAL E COM SÍNDROME DE DOWN. Eliza Marilene Steila Prorok, Ed Melo Gelfeto e Sumoie Aparecida Brandão. (Laboratório de Aprendizagem, Programa de Mestrado em Educação Especial da UFSCar).

17

O objetivo do estudo foi identificar e analisar padrões ineficazes da interação verbal entre mãe e criança normal e portadora de Síndrome de Down, visando a fundamentação de uma proposta de intervenção para o desenvolvimento da linguagem da criança. Observações foram realizadas em situação natural, com quatro crianças normais e quatro crianças com Síndrome de Down e suas respectivas mães. As crianças tinham as idades aproximadas de 1, 3, 4 e 5 anos no início das observações. Foram realizadas 5 sessões com cada par M-C, num período de 3 meses, com intervalos de 7 a 18 dias. A situação era de brinquedo livre, com brinquedos padronizados e fornecidos pelos observadores. As vocalizações eram gravadas e os comportamentos não-vocais registrados continuamente por 2 observadores. Os comportamentos não-vocais das interações foram codificados em relação ao seu foco (comportamentos auto-dirigidos, dirigidos ao Ambiente e ao outro membro da diáde) e atribuídos a sequências interativas, não-interativas e imitativas. Os resultados referem-se às análises comparativas dos dois grupos de sujeitos quanto à frequência e porcentagens dessas medidas, em relação a quem inicia e quem termina estas sequências e quanto ao número de elos. Os resultados sugerem um atraso nos pares com Síndrome de Down em relação a estas características descritivas.

Trabalho parcialmente financiado por: FAPESP e CNPq.

apto social

TÍTULO: EFEITOS DE TRÊS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE DE UM BRINQUEDO SOBRE A FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS DE MANIPULAÇÃO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES INSTITUCIONALIZADAS.

AUTO(ES): ZAMBERLAN, M.A.T. e BAPTISTA, M.T.D.S.

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - INSTITUTO DE PSICOLOGIA - CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO ESCOLAR.

18

O presente trabalho teve por objetivo verificar os efeitos de três níveis de complexidade de um brinquedo sobre a frequência de respostas de manipulação e saciação, em crianças institucionalizadas com idade média de 5:5 anos. Os sujeitos foram 12 crianças, 6 de cada sexo, vivendo em regime de internato numa creche da cidade de São Paulo. Utilizou-se como estímulo o brinquedo Pollybloco da ESTRELA S/A, apresentado com um número variável de formas, pinos de encaixe e cores: Nível I, II e III de complexidade. Mediante a técnica de Observação em Intervalos de 10 segs., foram registradas 4 categorias de respostas: B - respostas controladas exclusivamente pelo brinquedo; Ba - respostas controladas pelo brinquedo e ambiente; BO - respostas controladas pelo brinquedo e observador e S - saciação. Os dados mostraram uma frequência superior e mais regular no Nível I, e mais baixa, com incidência de saciação, no Nível III. Meninos revelaram maior frequência de manipulação do que meninas, em todos os níveis.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO VERBAL DE CRIANÇA, COM RETARDO DE DESENVOLVIMENTO, DE SUA MÃE E PROFESSORA, EM SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO. - Ana Ieressa de Abreu Ramos (Departamento de Neurologia e Psiquiatria - Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP)

15

O presente estudo refere-se aos resultados obtidos de um conjunto de observações da interação de mãe-criança, professora-criança, no lar e na escola respectivamente, que pretendia: a) caracterizar e comparar, mediante um sistema de observação, registro e análise do comportamento verbal, o comportamento verbal de cada indivíduo, em diferentes períodos e situações e b) analisar aspectos específicos, apontados como relevantes no processo de aquisição de linguagem e úteis nos procedimentos de treino verbal.

Foram realizadas 24 sessões de observação, sendo 12 em casa e 12 na escola, em períodos diferentes, com a duração máxima de 20 minutos cada uma. Os dados obtidos indicaram que a criança apresentava um repertório formal pouco desenvolvido, uma frequência maior de funções primitivas da linguagem e falava mais sobre fatos concretos e presentes na situação. Foram observadas, em um ano, poucas evidências de evolução em seu repertório, mas, este mostrou-se mais diversificado e evoluído na interação com a mãe. Com relação à professora e à mãe verificou-se que: a) as respostas verbais da professora foram mais frequentes que as da mãe; b) a mãe era mais pronta a responder às respostas verbais da criança; c) do ponto de vista funcional, a mãe apresentou uma frequência mais alta de categorias, que tornavam mais provável respostas verbais da criança, apresentando linguagem mais simples e direta que a professora, sendo estes últimos dados demonstrados pelo estudo específico de sequências e padrões individuais e interativos significativos.

ANÁLISES COMPARATIVAS DE MUDANÇAS EVOLUTIVAS NO INTERCÂMBIO VERBAL MÃE-CRIANÇA NORMAL E COM SÍNDROME DE DOWN (II). Lidia Maria Pinka Crnkovic*, Maria Inês Bacellar Monteiro*, Elza M. Stella Prorok. (Programa de Mestrado em Educação Especial - PMEE - Universidade Federal de São Carlos).

Este trabalho consistiu em uma análise descritiva do intercâmbio vocal de quatro pares M-C: dois com crianças normais e dois com crianças portadoras de Síndrome de Down, em dois momentos de desenvolvimento, 28 e 36 meses. Foi realizado um bloco de cinco sessões de observação com intervalo semanal em um par M-C normal e um par M-C com Síndrome de Down. Após um período de 6 meses foi realizado novo bloco de cinco sessões de observação para os mesmos pares, e foram introduzidos mais dois pares submetidos ao mesmo esquema de observação. Utilizaram-se dois tipos de registro: registro contínuo dos comportamentos não-vocais apresentado pelas diádes, com marcação de intervalos de quinze segundos; registro à partir das transcrições das gravações do intercâmbio verbal vocal das diádes. Em cada bloco de cinco sessões de observação, as três primeiras foram de brinquedo livre e as duas últimas estruturadas. Os dados foram derivados das seguintes medidas: (a) duração das pausas entre vocalizações M.-C. e C.-M; (b) vocalizações por minuto dos pares M.-C. normal; e com Síndrome de Down; (c) tamanho médio do enunciado; (d) índice de verbos por vocalizações da M.-C. normal e M. da C. com Síndrome de Down; (e) porcentagem de vocalizações inteligíveis da C. normal e com Síndrome de Down; (f) sons diferentes emitidos pela C. normal e C. com Síndrome de Down; (g) número de palavras diferentes emitidas pela criança normal; (h) atenção da mãe em relação a criança normal e com Síndrome de Down (olhar, atividade conjunta, proximidade física). Os resultados indicaram diferenças para as duas diádes em relação a: (1) organização temporal do diálogo mãe-criança; (2) complexidade e tipo de verbalização emitidas; (3) mudança no desempenho verbal dos membros de cada par através dos dois períodos de desenvolvimento da criança. Os dados apresentados expandem aqueles obtidos previamente sob o título "Análises Comparativas de Mudanças Evolutivas no Intercâmbio verbal mãe-criança normal e com S. de Down (I)", SHPC, 1981.

* Auxílio recebido pelo CNPq

16

ANÁLISES COMPARATIVAS PRELIMINARES DAS INTERAÇÕES NÃO-VOCALIS NO INTERCÂMBIO VERBAL MÃE-CRIANÇA NORMAL E COM SÍNDROME DE DOWN. Elza Marilene Stoll Prorok, Ed. Melo Golfeto e Sumaíra Aparicida Brandão. (Laboratório de Aprendizagem, Programa de Mestrado em Educação Especial da UFSCar).

17

O objetivo do estudo foi identificar e analisar padrões ineficazes da interação verbal entre mãe e criança normal e portadora de Síndrome de Down, visando a fundamentação de uma proposta de intervenção para o desenvolvimento da linguagem da criança. Observações foram realizadas em situação natural, com quatro crianças normais e quatro crianças com Síndrome de Down e suas respectivas mães. As crianças tinham as idades aproximadas de 1, 3, 4 e 5 anos no início das observações. Foram realizadas 5 sessões com cada par M-C, num período de 3 meses, com intervalos de 7 a 18 dias. A situação era de brinquedo livre, com brinquedos padronizados e fornecidos pelos observadores. As vocalizações eram gravadas e os comportamentos não-vocais registrados continuamente por 2 observadores. Os comportamentos não-vocais das interações foram codificados em relação ao seu foco (comportamentos auto-dirigidos, dirigidos ao Ambiente e ao outro membro da diade) e atribuídos à sequências interativas, não-interativas e imitativas. Os resultados referem-se às análises comparativas dos dois grupos de sujeitos quanto à frequência e porcentagens dessas medidas, em relação a quem inicia e quem termina estas sequências e quanto ao número de atos. Os resultados sugerem um atraso nos pares com Síndrome de Down em relação à estas características descritivas.

Trabalho parcialmente financiado por: FAPESP e CNPq.

TÍTULO: EFEITOS DE TRÊS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE DE UM BRINQUEDO SOBRE A FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS DE MANIPULAÇÃO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES INSTITUCIONALIZADAS.

AUTO(ES): ZAMBERLAN, M.A.T. e BAPTISTA, M.T.D.S.

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - INSTITUTO DE PSICOLOGIA - CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO ESCOLAR.

18

O presente trabalho teve por objetivo verificar os efeitos de três níveis de complexidade de um brinquedo sobre a frequência de respostas de manipulação e saciação, em crianças institucionalizadas com idade média de 5:5anos. Os sujeitos foram 12 crianças, 6 de cada sexo, vivendo em regime de internato numa creche da cidade de São Paulo. Utilizou-se como estímulo o brinquedo Pollybloco da ESTRELA S/A, apresentado com um número variável de formas, pinos de encaixe e cores: Nível I, II e III de complexidade. Mediante a técnica de Observação em Intervalos de 10 segs., foram registradas 4 categorias de respostas: B - respostas controladas exclusivamente pelo brinquedo; Ba - respostas controladas pelo brinquedo e ambiente; BO - respostas controladas pelo brinquedo e observador e S - saciação. Os dados mostraram uma frequência superior e mais regular no Nível I, e mais baixa, com incidência de saciação, no Nível III. Meninos revelaram maior frequência de manipulação do que meninas, em todos os níveis.

TÍTULO: "PREFERÊNCIAS DE ESCOLARES POR TIPOS DE BRINQUEDO COMPETITIVOS OU COOPERATIVOS"

19

AUTOR(ES): ZAMBERLAN, M.A.T.

INSTITUIÇÃO: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA-PR.

serviço social

As preferências por brinquedos competitivos ou cooperativos foram avaliadas neste estudo, pelo tempo dispendido em contato com os brinquedos, pela ordem de escolha e pelo relato verbal dos sujeitos obtido através de um questionário pós-experimental. Quatro brinquedos pré-testados foram apresentados a 16 escolares de 8 anos, de dois níveis sócio-econômicos e ambos os sexos. Foram programadas para observação, duas sessões de sessenta minutos cada uma, sendo precedidas de uma sessão preliminar de adaptação, com duração de quinze minutos. Foram utilizados registros cursivos e em intervalos, para cada brinquedo escolhido. Os dados revelam diferenças estatisticamente significantes a nível de 0,05, para os sexos e níveis sócio-econômicos, e a nível de 0,01, entre sessões. Conclui-se que a apresentação de reforços para o cooperar, (2a. sessão) reduz o tempo dispendido com brinquedos competitivos.

ANÁLISE E PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES PARA REORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DO SETOR DE PSICOLOGIA DE UMA ESCOLA ATRAVÉS DE UM SERVIÇO DE ASSESSORIA - Celia Maria Cappelletti Gonçalves (Psi-Oficina de Psicologia) e Ana Lucia Cortegoso (Psi-Oficina de Psicologia)

20

A Psi-Oficina de Psicologia, unidade de prestação de serviços, a partir de solicitação de escola especializada no atendimento do DCM (Piratinins Instituto Educacional) para que atuasse junto aos psicólogos do Setor de Psicologia, elaborando e orientando no uso de procedimentos e técnicas derivadas da AEC, preparou uma proposta de trabalho que, embora esboçasse algumas alterações concretas, tinha como primeira etapa a definição de qual era o "problema de intervenção". O procedimento de definição de problema (entrevistas com diretoria, consulta a documentos da escola, entrevistas com os psicólogos e análise dos dados obtidos) permitiu evidenciar significativa diferença entre o que havia sido apresentado como queixa e o que era efetivamente o problema sobre o qual intervir. A partir daí, foi possível propor um procedimento de trabalho, objetivando reorganizar os serviços do Setor de Psicologia, de forma a tornar possível a utilização de professores como observadores e interventores, bem como a liberação dos psicólogos para realizar programas mais amplos e preventivos. Foram propostas como etapas de trabalho: elaboração de um sistema de arquivo das informações relevantes do Setor, contendo análise dos comportamentos dos alunos, aperfeiçoamento dos recursos de observação e registro de comportamentos já existentes e treino e envolvimento dos professores como observadores e interventores. A Psi ocupa também a programação de condições favorecedoras na realização das atividades, quanto a: propostas das atividades, instruções, recursos adicionais, etc., bem como identificação de facilidades e dificuldades no desenvolvimento do trabalho e planejamento de formas de ampliá-las e evitá-las respectivamente. A realização do trabalho até o momento permite discutir e demonstrar em situações concretas: generalização a partir do trabalho, oportunidade e forma de incluir discussão de situações concretas no trabalho, produtividade do trabalho conjunto, utilização de termos nem sempre considerados precisos como dicas de comportamentos relevantes, a queixa versus o problema e o papel do psicólogo na escola.

ANÁLISE E PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES FAVORECEDORAS E DESFAVORECEDORAS PARA OS COMPORTAMENTOS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA: ELABORAÇÃO DE UM ARQUIVO PARA O SETOR DE PSICOLOGIA - Ana Lucia Cortegoso (Psi-Oficina de Psicologia), Celia Maria Cappelletti Gonçalves (Psi-Oficina de Psicologia), Mário Sérgio Picorelli (Piratinins Instituto Educacional) e Aurora Coelho Pullin (Piratinins Instituto Educacional)

21

Visando a reorganização dos serviços do Setor de Psicologia de uma escola especializada para distúrbios específicos de aprendizagem voltada para o atendimento do DCM (Piratinins Instituto Educacional, SP), a Psi-Oficina de Psicologia e dois psicólogos da escola, trabalharam numa primeira etapa, elaborando uma forma de documentar, organizar e tornar disponíveis informações relativas a comportamentos dos alunos da escola. Embora se caracterize como uma etapa dentro de um trabalho mais amplo, que inclui o aperfeiçoamento de recursos para registro de comportamento e treino de professores, a elaboração de um arquivo que apresenta informações sobre classes de respostas e condições que podem favorecer ou desfavorecer a ocorrência dessas classes, parece importante em si, na medida em que: é condição para as etapas posteriores, tornou disponíveis informações que já puderam ser utilizadas, opera como fonte de consulta, significou um procedimento de levantamento de dados e análise e se apresenta na forma de um produto com características importantes quanto ao seu uso. O trabalho de elaboração do arquivo, realizado em conjunto pelos quatro psicólogos, teve quatro sub-etapas: levantamento de categorias gerais de comportamentos, detalhamento dessas categorias em classes de respostas, reorganização das categorias e levantamento de condições favorecedoras e desfavorecedoras da ocorrência dessas classes de respostas. O produto, organizado em fichas individuais para cada classe de respostas, tem espaços previstos para especificação de respostas envolvidas e indicação das condições favorecedoras e desfavorecedoras da ocorrência dessas respostas, e permite: cumulatividade permanente, visualização das informações, possibilidade de alteração, facilidade de uso e derivação de sub-produtos. Discute-se o uso que será feito deste instrumento, como forma de envolvimento e treinamento dos professores através de seu desdobramento de maneira a atender a características específicas de cada classe.

ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM. Izilda Carvalho de Pina, São Paulo.

22

Os alunos com dificuldade de aprendizagem estão sendo tratados generalizadamente como Deficientes por falta de legislação pertinente. A Dificuldade de Aprendizagem é assunto de Educação e, portanto, requer a análise e controle do Ministério de Educação e Cultura. O Centro Clínico Educacional Arco-Iris estabeleceu o Projeto Arco-Iris, através do qual, qualquer professor da Rede Oficial ou não, constatando a dificuldade de aprendizagem de qualquer aluno, encaminha-o para o Arco-Iris. O Serviço Social determina o grau de carência econômica do aluno e da família. A Psicóloga Coordenadora procede ao psicodiagnóstico com bateria adequadamente montada, conforme o nível cultural e o meio ambiente ao qual o aluno pertence. A Hipótese Diagnóstica final só é levantada após o exame de todos os profissionais das áreas afins. A Reunião de Equipe destina-se à discussão de cada caso, sempre que ocorra discrepância de hipótese. Utiliza-se o Código Internacional de Doenças Mentais Nº 9, da Organização Mundial de Saúde. Resultados: Em 1980, o Arco-Iris proporcionou 7.351 atendimentos e trabalhou com 1.520 sujeitos. Incidência Nosológica: Disfunção Cerebral Mínima: 44%; Distúrbios de Fala e Linguagem: 17%; Deficiência Mental Leve: 23%; Distúrbios de Conduta: 12%; Dependência de Tóxicos: 0,5%; Encefalopatias Crônicas: 3%; Psicoses: 0,5%. No item Disfunção Cerebral Mínima foram incluídos os casos de epilepsias essenciais, funcionais, idiopáticas ou quadros epileptóides substancialmente compensados por farmacológicos, porém, com retardo no desenvolvimento neuropsicomotor e dificuldade de aprendizagem que resultam em repetência ou evasão escolar, sem comprometimento do nível intelectual. Conclusão: 1) Diagnóstico e Tratamento de alunos com Dificuldade de Aprendizagem. 2) Mercado de Trabalho para Profissionais recém-formados. 3) Aperfeiçoamento para universitários das áreas clínicas, educacionais e administrativas. 4) Criação de métodos, normas e abordagens pedagógicas. 5) Tratamento estatístico da população com Dificuldade de Aprendizagens pedagógicas. 6) Orientação Familiar através dos meios de comunicação de massa. 7) Profilaxia da marginalização do menor carente, evitando a repressão, repetência e evasão escolar. Instituição: SEBEC - Sociedade de Benemerência e Cultura.

Márcio Rique Dias, Maria Alice D'Amorim - Universidade de Brasília.

Com base na teoria de Voyer (1977) acerca do desenvolvimento psicomotor e da construção do eu corporal, um trabalho de prevenção secundária com crianças, foi realizado em João Pessoa, em 1980.

A teoria de Voyer permite o diagnóstico precoce das dificuldades na construção do esquema corporal em crianças, diagnóstico este que pode ser utilizado na prevenção de problemas de aprendizagem escolar ligados a este aspecto de desenvolvimento infantil. As diversas etapas de maturação do esquema corporal foram operacionalizadas por Voyer em termos de exercícios de acordo com as funções básicas de: coordenação motora, coordenação dinâmica, controle postural, organização perceptiva e linguagem.

O principal autor trabalhou em creches, realizando o diagnóstico de disfunções motoras ligadas, através do Exame Psicomotor de Voyer. Os valores obtidos no diagnóstico serviram de linha de base. Para evitar variações de idade, foram escolhidas 5 crianças de 5 anos de idade para um programa de treinamento através dos exercícios elaborados por Voyer. Este programa foi individualizado e teve uma duração de 5 meses.

Os resultados de um pós-teste revelaram uma melhoria acentuada em 4 das 5 crianças para todas as funções, especialmente as de coordenação motora, coordenação dinâmica e controle postural.

Este tipo de estudo com crianças de idade pré-escolar poderá vir a ser institucionalizado como parte de uma estratégia preventiva em relação a futuros problemas de aprendizagem.

AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS RETIDAS NAS 1ª SÉRIES DO 1º GRAU - SEGUIMENTO DOS CASOS

24

Alves, Z.M.M.B.; Noronha, T.P.; Nunes, S.L.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo

Objetivo: Este estudo foi feito visando detectar o desempenho de crianças retidas em 1ª e 2ª séries do 1º grau em avaliações psicológicas que medem nível intelectual e habilidades básicas a fim de propor estratégias de atuação junto a essas crianças na própria escola. **Método:** Sujeitos - Foram sujeitos desse estudo 70 crianças de idade variando entre 7 anos e 11 meses e 15 anos e 5 meses, alunos retidos de 1ª ou 2ª série do 1º grau de uma Escola da Rede Oficial do Estado de São Paulo. **Material** - O material usado constou de: a) testes psicológicos WISC, RAVEN, Columbia e TMP; b) cronômetros; c) fichas de matrícula das crianças na Escola; d) material de treino psico-pedagógico; e) material para reforço; f) roteiro de avaliação psico-pedagógico. **Procedimento:** O primeiro passo consistiu de um levantamento, em março de 1979 e em março de 1980, através da ficha de matrícula da criança na Escola, de todos os alunos das quatro primeiras séries (da Escola) e de uma 2ª série que tivessem sido retidos pelo menos uma vez. Em seguida cada criança foi avaliada, individualmente, passando por toda a bateria de testes, e pela avaliação psico-pedagógica. Esses dados orientaram uma atuação na Escola com essas crianças. Além dos dados das avaliações, em março do ano seguinte se obtinha na secretaria da Escola a situação acadêmica de cada uma das crianças. **Resultados:** Cada uma das provas psicológicas foi relacionada à variável situação acadêmica da criança, de forma a se poder analisar nível de desempenho nos testes e abandono da Escola, retenção na mesma série, promoção para a série seguinte. Ainda que os resultados mostrem alguma variação, de modo geral as crianças que têm melhor desempenho em algumas das provas enfrentam menos problemas: seja de retenção, abandono ou mesmo de queixas por parte das professoras.

• Wisc - + preditivo de retenção e promoção.

• Raven - mais indicativo de problemas em matemática.

UTILIZAÇÃO DE UM PROCEDIMENTO DE AQUISIÇÃO REPETIDA DE CADEIAS COMPORTAMENTAIS

Leila Jorge-Depto de Psicologia Clínica e Experimental da UNIMEP: Piracicaba- e José Carlos Simões Fontes-Universidade Federal do Pará.

Foram utilizados como sujeitos deste experimento 4 pombos adultos. A câmara experimental foi uma caixa de condicionamento operante, construída especialmente para este experimento. A parede direita da câmara, vista de frente, era de alumínio, onde foi construído o painel de trabalho. Neste, a 18 cm do piso da caixa, estavam situadas 3 chaves de resposta (uma central e 2 laterais), que podiam ser iluminadas por uma de 4 cores: amarelo, vermelho, azul e verde. A 10 cm abaixo do disco central e a 2,5 cm do piso da caixa, estava o comedouro. O objetivo comportamental no presente experimento, era que em cada sessão o pombo aprendesse uma nova cadeia de quatro respostas, bificando uma determinada chave na presença de cada uma das quatro cores. Na presença de cada cor uma chave diferente era considerada a escolha correta e as outras duas eram consideradas erros. Não houve contingência programada para a resposta de bifar uma chave incorreta. Alimento como reforço era contingente à complementação de quatro sequências consecutivas e a sequência era mudada de sessão para sessão. Os dados de linha de base foram considerados estáveis, quando o número total de erros em um bloco de trinta sessões consecutivas não apresentava tendências ascendentes ou descendentes. Foram feitas então administrações agudas de duas drogas: DL anfetamina e cetamina. Verificou-se que somente doses altas das referidas drogas provocaram efeitos no comportamento dos sujeitos, medidos em termos de aumento dos erros e do tempo de duração das sessões. Houve evidências de que o procedimento utilizado coloca o comportamento de pombos sob forte controle de estímulo.

animal

EFETOS DO NÚMERO E LOCALIZAÇÃO DAS TENTATIVAS NEGATIVAS EM UMA DISCRIMINAÇÃO COM ESTÍMULO DIFERENCIADOR POSITIVO. H.M. Jenkins e Maria Cataline Filip Duarte - Mc Master University.

Este trabalho examinou quais as condições de uma sequência de ensaios positivos e negativos que são importantes para desenvolver uma discriminação com pombos. Para ver quais características sequenciais são importantes é necessário utilizar sequência não aleatória, como, por exemplo, um bloco de tentativas positivas seguido por um bloco de tentativas negativas. Este requisito faz com que, nas situações comuns de discriminação, não se possa inferir, diretamente do comportamento do sujeito, se a resposta (ou a sua ausência) está controlada pelos estímulos discriminativos (S^+ e S^-) ou pela sequência de sua apresentação (a ausência de um reforço pode indicar que se segue outra tentativa não reforçada). O uso de estímulos compostos com apenas um elemento diferente entre S^+ e S^- ; que permite observar o desenvolvimento tanto de uma discriminação sucessiva como de uma sucessiva, soluciona esse problema. Neste estudo observou-se os efeitos do tipo sequência (+ -) e (+ - +), do número de ensaios negativos (6, 12, 24 e 48) e da forma do estímulo diferenciador (estrela ou ponto) no desenvolvimento de uma discriminação. As sequências +-+ se mostraram mais eficazes que as sequências + - . A rapidez da aquisição da discriminação foi diretamente proporcional ao número de ensaios negativos. Quando o estímulo diferenciador era um ponto, a discriminação ocorreu mais rapidamente que quando era uma estrela.

DURAÇÃO DA PAUSA PÓS-REFORÇAMENTO EM FR, QUANDO SE MANIPULA O VALOR DO ESQUEMA E SE CONTROLA O INTERVALO ENTRE REFORÇAMENTOS. Lígia Maria de Castro Marcondes Machado, Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP.

Este experimento teve por objetivo verificar a relação entre a duração da pausa pós-reforçamento e o valor numérico do FR, quando o intervalo entre reforçamentos (IER) era mantido constante. Três ratos foram sujeitos e a resposta estudada, pressionar a barra. Cada animal foi submetido a três valores de FR, mantendo-se invariável o IER. O IER foi mantido constante através de um período de TO de duração ajustável, apresentando contingente a uma resposta da série. O procedimento consistiu de três fases: estabilização no primeiro valor de FR; introdução de um período de TO de duração fixa; manipulação da duração do TO, de modo a ajustar a duração do IER. Na terceira fase, procedia-se duas mudanças no valor de FR, mantendo-se constante o IER. Os resultados obtidos foram invariância na duração da pausa nos três valores de FR testados para cada animal; achatamento e dispersão acentuada da distribuição da duração da pausa, para o maior valor de IER utilizado; variação na duração da pausa, para o mesmo valor de FR e diferentes valores de IER (interajuste). CNPq

animal

27

EFEITOS DA INTRODUÇÃO DE PERÍODOS DE TIME-OUT PRODUZIDO POR RESPOSTA SOBRE O DESEMPENHO MANTIDO EM FR. Lígia Maria de Castro Marcondes Machado, Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP.

Este experimento teve como objetivo verificar as alterações produzidas no desempenho mantido em FR, quando períodos de TO são apresentados contingentes a uma resposta da série. Considerou-se esta verificação necessária para permitir uma generalização dos resultados obtidos no Experimento I para esquemas de FR simples. Os sujeitos foram cinco pombos e a resposta, bico e disco. Foram usadas quatro durações de TO, duas localizações de TO na série e seis valores de FR. O procedimento consistiu de fases sucessivas de: estabelecimento e estabilização em um valor de FR; apresentação de cinco combinações de duração e localização de TO; recuperação do desempenho. Esta sequência de fases se repetia para cada novo valor de FR. Os resultados mostraram aumento na duração da pausa pós-reforçamento, diminuição na taxa local de resposta pré-TO e aumento da taxa pós-TO, em função da apresentação de períodos de TO e do valor de FR. Os efeitos foram mais acentuados para TOs mais longos, para TOs localizados após o segundo terço da série e para os menores valores de FR.

animal

28

Recentes estudos tem mostrado que a hipótese da generalização da luz do comedouro explica pelo menos parcialmente a aquisição da resposta automodelada em pontos. Como os estudos de omissão de reforços usam o procedimento usado em automodelagem, é possível que tal hipótese seja usada para explicar os comportamentos mantidos em esquemas de omissão de reforços. Outra possibilidade é que tais respostas que omitem o reforçador sejam explicadas pelo fortalecimento accidental de toda uma classe de respostas operantes. O presente estudo analisa essas duas possibilidades. Cinco gombos com história prévia de omissão de reforços, intercalados com fases de linha base, foram expostos a uma nova condição de omissão subdividida em três fases: a) luz do comedouro presente, b) luz do comedouro ausente, c) luz do comedouro presente. Durante cada uma destas fases foram feitas três observações diretas por fase através do visor da câmara, dos comportamentos de bicar o disco e bicar as adjacências do mesmo. Registrou-se também a quem foram direcionados os reforçadores não omitidos: 1) se aos comportamentos de bicar as adjacências ou 2) a outros comportamentos. Nesta categoria, incluiu-se entre outros, o comportamento de não bicar. Os resultados mostraram que quando o CS-UCS foi emparelhado (omissão) houve um aumento de respostas ao CS em relação à linha de base, independente das manipulações feitas com a luz do comedouro. Também as respostas adjacentes não foram afetadas pela retirada da luz do comedouro. Quanto à distribuição dos reforçadores não omitidos, cerca de três vezes mais reforçadores foram direcionados às respostas adjacentes, quando comparados aos outros comportamentos, durante as fases de luz presente. Na fase de luz ausente houve aproximadamente uma igualdade de distribuição dos reforçadores para as duas categorias. Estes resultados mostram que reforço accidental desempenha um importante papel na manutenção das respostas adjacentes, em contraposição à hipótese da generalização da luz do comedouro.

AQUISIÇÃO E MANUTENÇÃO DA RESPOSTA À BARRA NO CALLITHRIX JACCHUS JACCHUS NOS PROCEDIMENTOS DE AUTOMODELAGEM, CONDICIONAMENTO CLÁSSICO E TREINO EM OMISSÃO

30

Wilson Ferreira de Melo* e Dr. José Carlos Simões Fontes. Departamento de Psicologia, Centro Universitário de Corumbá-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-Corumbá-MS e Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Pará-Belem-PA.

Resumo: O presente trabalho é parte de um projeto de pesquisa que tem por objetivo analisar a aquisição e manutenção da resposta de pressão à barra no *Sagulis*, nos procedimentos de automodelagem, condicionamento clássico e treino em omissão. Os sujeitos, 12 *sagulis* da espécie *Callithrix jacchus jacchus*, selvagens, machos, adultos e mantidos em gaiolas individuais. Duas caixas ambientes de conglomerado acústico, cada uma com uma lâmpada fluorescente, uma barra-pedal, um bebedouro de latão e equipamento de controle e registro automático serviram como ambiente experimental para a realização de todas as sessões. Em grupo de 4 sujeitos separados, os *Sagulis* receberam 500 tentativas de treino de pressão à barra nos procedimentos de automodelagem (o leite era liberado após 10 seg. de barra iluminada ou ocorria imediatamente após uma resposta) e de condicionamento clássico (o leite era liberado após 10 seg. de barra iluminada, independente da ocorrência de resposta). Em seguida, cada grupo recebeu mais 500 tentativas no procedimento de treino em omissão, no qual o leite era omitido em todas as tentativas com uma resposta de pressão à barra. O grupo controle recebeu 1000 tentativas não correlacionadas à liberação de leite. Os grupos automodelagem e clássico alcançaram altos níveis de respostas de pressão à barra no treino inicial. A aquisição foi mais rápida no grupo clássico, seguida do grupo automodelagem e grupo controle. O responder permaneceu consistentemente baixo no grupo controle. Durante o treino em omissão, responder nos dois grupos automodelagem e clássico declinou abruptamente. Manutenção de responder no treino em omissão parece não requerer uma similaridade topográfica entre a resposta automodelada e comportamento consumatório.

* Este Trabalho foi realizado no laboratório de Pesquisas do Comportamento Operante e Drogas do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP.

animal
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DE POMBOS EM SITUAÇÕES DE APRESENTAÇÃO DE CHOQUES LIVRES E EVITÁVEIS:
Elenice A. de Moraes Ferrari (Depto. Fisiologia e Biofísica, UNICAMP).

Foram usados cinco pombos machos e uma fêmea, alojados em conjunto, com água e alimentação à vontade. Todos tinham elétrodos implantados cronicamente (Azrin, 1959) que se ligavam a uma tomada presa a uma jaqueta, da qual saíam fios que se prendiam ao mecanismo rotatório que permitia livre movimentação do animal. Nas duas paredes laterais da câmara experimental havia um painel de madeira com um disco de acrílico transparente, transluminado por uma luz vermelha. Cada sessão experimental foi dividida em três períodos: a) dez minutos sem apresentação de choques; b) dez minutos com apresentação de choques elétricos (35 msec e 2 mA) inevitáveis a cada 60 segundos; e c) apresentação de choques inevitáveis, com reforçamento diferencial para aproximações a resposta de bicar o disco. Cada sujeito foi submetido individualmente ao procedimento em quatro sessões experimentais. O comportamento foi registrado continuamente em fitas cassetes, por meio de um VT Akai, VS300, com marcação de tempo a cada segundo. A transcrição das observações obedeceu a um catálogo de comportamentos de pombos, elaborado previamente. Os dados sugerem uma possível correlação entre a apresentação de choques elétricos e o aparecimento de comportamentos agonistas entre pombos que partilham um mesmo espaço.

(*) Financiado pela FAPESP, Proc. nº 77/1580.

31

animal
EFEITOS DO NÃO-REFORÇAMENTO SOBRE O REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL DO RATO, COM PROCEDIMENTOS DE LIBERAÇÃO NÃO-CONTINGENTE DE REFORÇO.

José Lino de Oliveira Bueno* e Leda F. Nociolini Ferreira - Laboratório de Psicobiologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Ratos privados de água foram submetidos à liberação não-contingente de reforço, em tempo fixo, com sinalização precedendo o reforço. Depois de 108 sessões de treino (8 práticas por sessão), foram realizadas 3 sessões com omissão de reforço em 50% das práticas. Os dados foram agrupados em 6 blocos do intervalo inter-reforço (IIR) e analisados nos intervalos R (após o reforço) e N (após o não-reforço). Foram registrados continuamente, através de uma calculadora programável (Bueno e Miller, 1980), 9 categorias de comportamentos: Lamber o bebedouro (BEB), Farejar o BEB, Farejar região do BEB, Farejar distante do BEB, Limpeza, Levantar-se, Locomover-se, Parado e Parado próximo ao BEB. A forma das curvas de distribuição dos comportamentos entre os blocos não apresentou diferenças significativas entre as condições R e N. Houve diferenças nas frequências de comportamento nas condições R e N: estas não foram, porém, no mesmo sentido em todos os blocos do IIR (p.ex., em N, frequência maior de Lamber o bebedouro no 1º bloco e menor nos blocos seguintes). Os resultados já analisados confirmam um efeito imediato do não-reforçamento (1º bloco), obtido em outros experimentos (Bueno, Tese de Doutorado, 1977).

+ Auxílio CNPq 402593-79.

32

Norberto Garcia-Cairascos* e Renato M.E. Sabbatini (Laboratório de Neuroetologia, Depto. de Fisiologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP)

A elaboração de um estograma de 71 itens comportamentais de ratos albinos listados submetidos a estimulação acústica intensa (110,3 dB SPL), em um estudo de observação direta e sistemática do comportamento, possibilitou uma análise diádica das sequências das unidades motoras e comportamentais presentes antes, durante e após a estimulação. Foram identificados diversos padrões ou aglomerados funcionais destas unidades, para os animais susceptíveis e insusceptíveis às convulsões audiogênicas. Dado que, em ratos, a quantificação da susceptibilidade às crises e avaliação de sua severidade é dificultada pela complexidade das mesmas, e tendo em conta que não é possível utilizar com validade os índices quantitativos descritos para este fim, para o camundongo, tentamos detalhar a análise sequencial descrita anteriormente, com o objetivo de discriminar os eventos comportamentais pré-epilépticos e epilépticos que deveriam ser considerados em um índice de severidade para ratos. O índice aqui descrito é uma modificação daquele proposto por SABBATINI (1973). Baseados na análise de frequência e associação probabilística sequencial e não-sequencial realizada nas sequências envolvendo alguma forma de crise, incluímos no índice os seguintes itens comportamentais: além das corridas curtas (C1), corridas longas descontinuas (C2) e corridas levando diretamente as convulsões tônicas (C3), já presentes no índice anterior, agregamos como importantes para diferenciar graduações mais finas de severidade, os pulos (PU), quedas tônicas (QT), convulsões clônicas generalizadas (CVCg) e parciais (CVCp) e espasmos clônicos (ECL). A comparação entre os índices e sua correlação com os eventos apresentados durante a crise são discutidos com base nos mecanismos neurais envolvidos nas convulsões audiogênicas no rato.

* Auxílio financeiro : Bolsa da UNESCO, Programa SUBIN BRA 79/003.

"SUBNUTRIÇÃO PROTÉICA EM RATOS DURANTE A LACTAÇÃO: EFEITOS NO COMPORTAMENTO DA MÃE E DOS FILHOTES"

Guilomar Razera Papa* - Laboratório de Psicobiologia, Fac.Filosofia, USP, Rib.Preto, SP
Luiz Marcellino de Oliveira - Faculdade de Filosofia, USP, Rib.Preto - SP

Existem muitos dados na literatura mostrando alterações comportamentais no animal adulto, provocadas pela subnutrição no início da vida, mas ainda são muito poucos os trabalhos que descrevem alterações no comportamento durante o período em que os animais estão expostos às dietas deficientes em proteína. O presente trabalho analisa as interações mãe-filhote e as alterações no comportamento dos filhotes durante a lactação (até aos 21 dias), comparando ninhadas subnutridas (12% de caseína) e ninhadas controles (25% de caseína). As ninhadas eram fotografadas a cada 12 segundos em algumas noites na fase da lactação (dias 6, 12, 15, 17, 19 e 21) e os filmes foram analisados segundo uma lista de categorias de comportamentos tanto da mãe (ficar de pé, locomoção, beber e outros), como dos filhotes (ninhada separada, filhotes no comedouro e outros), como também interações entre a mãe e os filhotes (amamentação, limpeza dos filhotes e outros). Também durante todo o período da lactação (dia e noite), células fotopelétricas acopladas ao comedouro, registravam o padrão alimentar das mães expostas às duas dietas. A análise dos filmes mostra que a fêmea subnutrida permanece mais tempo no ninho e amamenta por um período maior que a fêmea controle; entretanto, a fêmea subnutrida foi observada menos tempo deitada, em posição de repouso, sem contato direto com os filhotes, quando comparada com a rata mantida com dieta controle. A ninhada subnutrida permanece mais tempo agrupada, enquanto que os controles são vistos frequentemente separados, em grupos de 2 ou 3 filhotes. A fêmea subnutrida mantém um repertório alimentar semelhante nos ciclos diurno e noturno, enquanto que a controle concentra as visitas ao túnel de alimentação mais no ciclo noturno.

(*)-Projeto financiado pela FAPESP-Bolsa de Iniciação Científica nº 80/1234-6.

animal

" EFEITOS DA SUBNUTRIÇÃO E DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS SOBRE O COMPORTAMENTO SOCIAL DE RATOS "

Maria Eugênia Tedeschi Assunção (*) e Luiz Marcellino de Oliveira, Laboratório de Psicobiologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP-Ribeirão Preto. 35

Este trabalho visa verificar se as interações sociais em ratos adultos são alteradas pela variação na dieta e/ou nas condições de alojamento. Um grupo de animais (N=12) recebeu dieta de 12% de caseína (subnutrido) e o grupo controle (N=12) recebeu dieta de 25 % de caseína durante a lactação (de 0 a 21 dias). As mães subnutridas perdem mais peso que as controles e os filhotes controles no final da lactação pesam 58,5 % a mais que os subnutridos. Após o desmame todos os animais foram mantidos com ração comercial (fase de recuperação) durante o restante do experimento. Alguns animais foram alojados individualmente e outros foram mantidos em grupos de 3 ratos em cada gaiola, formado assim 4 subgrupos: SUBNUTRIDO INDIVIDUAL (SI) ou AGRUPADO (SA) e CONTROLE INDIVIDUAL (CI) ou AGRUPADO (CA). Além das medidas corporais foram feitas as seguintes medidas: atividade locomotora, interação social e a "divisão de trabalho" em pares de ratos. Em média os animais do subgrupo CI apresentam atividade locomotora maior que os demais subgrupos, em uma gaiola com fotocélulas. Durante a medida da interação entre pares de ratos em um ambiente novo (10 min.) foi observado que a distância percorrida, antes do primeiro contato entre o par, foi sempre maior para os animais que viveram agrupados. O tempo para esta aproximação foi maior quando um animal do par tinha sido subnutrido na infância, embora este tempo tenha sido sempre menor quando os dois animais do par viveram agrupados, independentemente das dietas que receberam. Os animais dos subgrupos CI e SI apresentam uma frequência maior das categorias "cheirar o outro" e "passar sobre o outro". A "divisão de trabalho" do par em uma gaiola de Skinner modificada mostra que os animais subnutridos pressionam a barra mais vezes ("trabalhador") e que os controles bebem um número muito maior de gotas de água ("parasitas"). O maior número de pressões à barra dos subnutridos, pode em parte ser explicado pelos efeitos maiores da privação alimentar nos animais que foram subnutridos na infância. (*) Bolsa de Iniciação Científica-FAPESP -50/1234-6

*desenvolvido
método lógico -*

PROGRAMAS DE CAPTAÇÃO, ANÁLISE POR BLOCOS E ANÁLISE SEQUENCIAL DE CÓDIGOS COMPORTAMENTAIS, ATRAVÉS DE UMA CALCULADORA PROGRAMÁVEL,

Luiz Müller⁺ e José Lino de Oliveira Bueno⁺⁺

Laboratório de Psicobiologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo 36

Em sequência aos estudos de Bueno e Müller, 1980 (X Reunião Anual da S.P.R.P.) foram desenvolvidos os seguintes programas para estudos do repertório comportamental, através de calculadora programável Texas 59, acoplada à impressora PC 1000:

- Programa para registro contínuo de 9 categorias comportamentais a intervalos de 2 segundos (1B e 1C).
- Programa para registro contínuo de 81 categorias comportamentais a intervalos de 1, 2 e mais de 2 segundos (1D, 1E e 1F).
- Programa para tabulação de dados (até 9 categorias comportamentais) por blocos proporcionais de um determinado intervalo inter-reforço (2A).
- Programa para análise sequencial de dados (até 9 categorias comportamentais) por blocos proporcionais de um determinado intervalo inter-reforço (4A).

+ Bolsista CNPq Proc. 107585-80

++ Auxílio CNPq Proc. 402593-79

TÍTULO: UM APARELHO PARA FACILITAR OBSERVAÇÕES DE COMPORTAMENTO.**Autores: Wilfred Lawrence Williams e José Luiz Sündermann****37****(Programa de Mestrado em Educação Especial e o Laboratório de Aprendizagem, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos) São Carlos - SP**

O presente trabalho descreve um aparelho para uso em situações diversas de observação comportamental, facilitando o registro de eventos, e provendo uma variedade de informações sobre a distribuição destes eventos em tempo, bem como registros de fidedignidade entre 2 observadores. Um "Timer" com várias funções já desenvolvido no Laboratório de Psicologia da Aprendizagem por José Luiz Sündermann foi conectada com uma calculadora comum de uma maneira que 2 observadores podem registrar comportamentos codificados com respeito de sua ocorrência ou não por intervalos. O tamanho dos intervalos é ajustável permitindo por exemplo num caso extremo, registros de sequência direta, e não simplesmente estímulo de frequência (problema este amplamente conhecido na literatura de Metodologia de Pesquisa em Análise do Comportamento).

Dados parciais serão apresentados, demonstrando o uso do aparelho para registrar uma variedade de aspectos do comportamento, sua precisão e uso para treino de observadores, bem como suas implicações para medidas de fidedignidade.

Correlações entre resultados em testes e notas atribuídas ao desempenho acadêmico de crianças de uma classe especial.

38**GRAMINHA, S.S.V.; MARTINS, M.A.O.; ALMEIDA, S.S. e GUTSCHOW, C.T.****Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP**

Como parte de um trabalho mais amplo que vem sendo desenvolvido de acessoria a professores que atuam junto a uma classe especial de um Estabelecimento de Ensino de Ribeirão Preto, foi investigado a relação entre os resultados obtidos pelas crianças em três testes psicológicos (Teste Metropolitano de Prontidão-Forma R, Escala de Inteligência Wechsler para Crianças e Escala de Maturidade Mental-Columbia) e as notas variando de 0 a 10 atribuídas pelas professoras responsáveis pela classe ao desempenho acadêmico de cada uma das 15 crianças estudadas. Calculou-se correlações entre: a) as notas atribuídas a cada criança pela professora A e as atribuídas pela professora B; b) os resultados obtidos pelas crianças em cada prova psicológica e as notas atribuídas pelas professoras. Os resultados indicaram: a) correlação alta, significativa, entre as notas atribuídas ao desempenho das crianças pelas professoras A e B; b) variações entre os resultados das correlações quando se investigou os resultados nos diferentes testes e as notas atribuídas pelas professoras.

TICS - Técnicas de Auto-controle no atendimento individual de Adolescentes.

39

Ricardo Gorayeb
 Ligia E. Melchiori
 Maria L. Fortes Paiva
 Alice Ivone Marconi
 Teresinha P. Noronha

Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica
 Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP.

Será descrito o procedimento utilizado no atendimento individual de quatro - adolescentes (2 homens e 2 mulheres) com Tics generalizados. Apresentando-se as definições das categorias de comportamento que classificam os Tics dos pacientes, técnicas de registro e desenvolvimento do procedimento de tomada de consciência e auto-controle. Para os pacientes com os quais se - chegou a esta última etapa serão apresentados dados de generalização do treino de auto-controle. Será discutida a relevância de cada etapa dos procedimentos com ênfase para a eficácia do procedimento de tomada de consciência dos comportamentos.

OBESIDADE - O uso de Técnicas de Auto-Controle no Atendimento em Grupos.

40

Ricardo Gorayeb

Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica
 Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP

2 grupos de pacientes obesos do sexo feminino foram atendidos utilizando - técnicas de auto-controle do comportamento (Stuart. 1967). Na exposição serão apresentados detalhes do procedimento, com ênfase para - "tomada de consciência" como aspecto relevante no desenvolvimento do auto- controle. Algumas modificações da técnica original de Stuart foram introduzi- das, como auto-avaliação do seguimento das orientações e medidas que indicam- participação dos pacientes no grupo. A maioria dos pacientes apresenta perda sistomática do peso como consequência da mudança de hábitos, alguns pacientes mantiveram o mesmo peso e nenhum pa- ciente ganhou peso no decorrer do tratamento.

GAGUEIRA - Efeito do uso de um Contador Manual como parte da Técnica de Auto Controle.

41

RICARDO GORAYEB

Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP

Uma paciente adolescente do sexo feminino, com queixa de gagueira foi atendida com o uso de técnicas de auto-controle do comportamento. Como forma de registro da ocorrência do comportamento de gaguejar utilizou-se, durante o período de interação verbal, co o terapeuta, 2 contadores manuais. O paciente deveria acionar seu contador cada vez que percebesse a ocorrência de um comportamento de gaguejar. Se ocorresse um comportamento e o paciente não o registrasse, o terapeuta acionava seu contador como forma de indicar ao paciente a ocorrência do comportamento. O tipo de registro efetuado e a evolução dos dados e do comportamento ao longo do tratamento serão apresentados e discutidos.

ALCOOLISMO - Efeito do Registro com Técnica de Tomada de Consciência e Auto - Controle.

42

Ricardo Gorayeb
Sandra Luiza Nunes

Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica
Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina
de Ribeirão Preto - USP.

Um paciente adulto do sexo masculino, foi atendido em sessão de orientação individual para o controle de seu comportamento de ingestão de bebidas alcoólicas.

Será discutido o efeito de registrar tipo, quantidade e situação de ingestão alcoólica sobre a frequência do comportamento de ingestão e episódio de alcoolização excessiva.

Serão apresentados ainda alguns detalhes da orientação dada; bem como de registro de frequência de críticas e elogios em situações de interação familiar e social.

Alves, Z.M.B.; Graminha, S.S.V.; Fram, N.H.G.; Lucato, S.R.R.

Instituição: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP.

Objetivo: O presente estudo foi elaborado visando verificar a relação entre a evolução do choro da criança desde a fase de bebê até a idade de 7,6 anos (conforme o relatado pelas mães), e o tipo de contingência estabelecida para ele. **Método:** Os dados desse estudo foram obtidos através de entrevistas com 30 mães (de vários graus de instrução e que tinham pelo menos um filho de 3 a 8 anos de idade) realizadas no Laboratório de Observação da FFCLEP-USP, usando-se o Roteiro Original de Alves e Graminha (1978), sendo a entrevista gravada e posteriormente transcrita. **Resultados:** Primeiramente foram selecionadas 8 questões do roteiro que: a) descreviam o comportamento de choro da criança em três fases - bebê (0 a 1 ano e meio), transição (1 ano e meio a três anos), momento atual (3 anos até 7,6 anos); b) descreviam o comportamento da criança com um problema; c) descreviam a existência ou não da contingências para o choro do bebê nas três fases. Uma análise considerando a amostra como um todo veio evidenciar que a maioria dos sujeitos desse estudo (77,5%) choravam pouco na fase de bebê; 40,7% não mudaram na frequência de choro na fase de transição e 25,9% passaram a chorar menos (33,3% mais) no momento atual só 14,8% choram muito. Uma comparação com a existência ou não da contingência para o choro por parte das mães mostra que 77,5% delas atendia ao choro imediatamente quando eram bebês; 11% das mães não faziam nada quando a criança chorava na fase de transição e 63% das mães atendem de alguma forma quando a criança chora atualmente.

Uma complementação desses dados foi feita a partir de uma análise individual das mães.

* Pesquisa subvencionada pelo CNPq.

UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS QUE AS MÃES VISUALIZAM COMO FONTES DO COMPORTAMENTO INADEQUADO DOS FILHOS

44

Zélia Maria Mendes Eliasolli Alves, Sonia Santa Vitaliano Graminha, Maria Helena Galvão Fram e Silvia Regina Ricco Lucato.

Este trabalho visa analisar o que as mães apontam como justificativas para o comportamento inadequado de seus filhos. Foram sujeitos dessa pesquisa 27 mães, de diversos níveis sócio-econômico-culturais, com idade variando de 26 a 48 anos que foram entrevistadas, segundo o roteiro de Alves e Graminha (1978) e seleção dessa amostra obedeceu ao critério de idade da criança em foco (de 3 a 8 anos) as entrevistas foram realizadas no Laboratório de Observação do Departamento de Psicologia e Educação, tendo uma duração média de 4 horas cada, distribuídas em 2 a 3 sessões. **Resultados:** O procedimento básico para análise de dados se referiu a transcrição das entrevistas e a preparação de tabelas adequadas para cada questão em separado. O segundo passo se referiu a seleção das questões do roteiro que poderiam nos fornecer as informações básicas para a análise proposta. Em seguida, fez-se o levantamento das respostas dadas pelas mães e elaborou-se um sistema para a classificação dos dados obtidos. Os resultados advindos dessa análise evidenciam uma tendência geral das mães em atribuir as causas dos comportamentos inadequados dos filhos tanto a variáveis de relacionamento quanto as da própria criança. Verificou-se também uma diferenciação nas justificativas da mãe em função da área a que o problema está ligado (sono, alimentação, choro, contato social, físico e atividades).

Pesquisa subvencionada pelo CNPq.

Maria Aparecida Xavier, André Jacquemin, Ester Lúcia F. Serrano, Sandra Luíze Nunes, Teresinha Porto Noronha, Vera Maria Rêfi.

Na realização das Pirâmides Coloridas de Pfister, ocorrem determinadas combinações de cores para muitas das quais a validação experimental e clínica tem demonstrado serem representativas de reações afetivas específicas. Daí a importância de, ao lado da análise dos padrões de cores, analisar-se também as Síndromes Cromáticas, designação dada às citadas combinações. Por outro lado, é importante considerar-se ainda a Fórmula Cromática, referindo-se à frequência de cores escolhidas nas pirâmides executadas, indicadora que é da disponibilidade geral do indivíduo à estimulação externa. O presente trabalho visa a caracterização destes aspectos do teste, efetuada a partir dos resultados de 406 escolares de Ribeirão Preto, situados na faixa etária de 5 a 12 anos. Tomando-se a amostra total, nossos dados parecem caminhar de modo geral, no mesmo sentido dos valores obtidos em outros grupos: a síndrome de normalidade com valor superior a 50% e as síndromes de estímulo, fria e incolor, respectivamente com valores de 37%, 43,8% e 14,6%. Evolutivamente, poucas diferenças ocorrem: ligeiro aumento para a síndrome fria e diminuição para a incolor. Nas pirâmides feias, excluindo-se a síndrome fria que se mantém constante, verifica-se diminuição das síndromes de normalidade e de estímulo com aumento da incolor, podendo indicar fuga à excitação ou coarctação. Quanto à Fórmula Cromática, observa-se que os algarismos de constância absoluta e relativa diminuem enquanto aumenta o algarismo de ausência nas pirâmides feias. Estes dados são sinais de restrição de amplitude do campo cromático, indicando também componentes de inibição e constrição. Tais resultados complementam os trabalhos já existentes e aprimoram a validade do teste, permitindo sua utilização mais segura entre nós.

André Jacquemin, Maria Aparecida Xavier, Ester Lúcia F. Serrano, Sandra Luíze Nunes, Teresinha Porto Noronha e Vera Maria Rêfi.

Centro de Pesquisa em Psicodiagnóstico, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

Desde sua introdução em 1946, o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister tem sido objeto de estudos normativos em diferentes países, de modo a assegurar uma utilização mais adequada do material. No Brasil, registram-se pesquisas sob diferentes ângulos de aplicação clínica, mas poucas são os trabalhos que cuidaram mais especificamente do estabelecimento de padrões normativos de cores utilizadas na execução das pirâmides a partir das quais pode-se avaliar a estrutura afetiva da personalidade. Nesta perspectiva se enquadra o presente trabalho, realizado a partir da aplicação do teste a 406 escolares de Ribeirão Preto, situados na faixa etária de 5 a 12 anos. Considerando-se o grupo total, nas pirâmides bonitas os resultados indicam o Vm como a cor mais escolhida, seguida do Az e Vd. Juntas, estas três cores correspondem a 50% das escolhas dos sujeitos e coincidem com as de outras pesquisas, embora, neste caso, se apresente alterada a ordem de frequência das cores. Evolutivamente, a maioria das cores se mantém relativamente constantes. Algumas aumentam com a idade (Vd) enquanto outras se reduzem (Vm e Pr). Nas pirâmides feias, Az é o mais escolhido, seguido do Vi e Vr. O Quociente de Contraste indica que Az e Br se mantêm constantes, La e Am diminuem acentuadamente nas pirâmides feias, ocorrendo o oposto com Ma, Pr e Ci. As tonalidades Az4, Vm4, Vd4, Vi3 e Ma2, mais escuras, aumentam significativamente nas pirâmides feias, assim como as cores não espectrais. Os resultados normativos obtidos ampliam as informações já existentes sobre o teste, permitindo uma avaliação mais válida e segura entre nós.

Marco Antonio de Castro Figueiredo e César Alexis Galera

Departamento de Psicologia e Educação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP.

O presente trabalho visou construir um questionário de avaliação de atitudes frente as relações psico-sociais do trabalho em grupo, tendo por objetivo imediato sua utilização em futuras pesquisas com Grupos T. Foram estabelecidas 8 categorias de atitudes e criados 96 itens, compostos por frases descritivas de comportamentos característicos das atitudes em estudo: autocrático, democrático, contestador, conformista, dependente, independente, introvertido e extrovertido. Setenta e cinco juizes avaliaram os itens, distribuindo-os entre as categorias. Foi calculada a entropia de cada um dos 96 itens a partir da frequência de distribuição de cada categoria e selecionados, para cada atitude, os 8 itens de menor entropia, ou sejam, os de menor redundância. Foram rejeitadas as categorias, cuja frequência média dos itens fosse inferior a um desvio padrão abaixo da média da distribuição dos itens selecionados. Na sua forma final, o questionário foi composto por 49 itens, distribuídos em 7 categorias e submetido a 28 sujeitos para estudos de validade. Com relação à validade interna, o cálculo da correlação entre categorias mostrou haver independência entre elas a um nível de significância de .01, exceção feita à categoria "conformista". Os resultados da validação feita com 16-PF mostraram que as categorias criadas equivalem aos fatores II, IV, A, E, G₁ e G₂ de Cattell, num nível de significância que variou entre .01 e .05, o que as tornam adequadas para os objetivos propostos.

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA ESCALA DE ATITUDE DIANTE DA SEXUALIDADE

Luiz Pasquali; Miriam Silva Cibreiros de Souza e Tereza Tanizaki. Universidade de Brasília.

O presente trabalho refere-se à construção e validação de uma escala de atitude diante da sexualidade. O instrumento, além das informações acerca das atitudes e conhecimentos sexuais, visa obter uma série de dados biográficos, sobre encontros e graus de experiências sexuais, possibilitando estudos comparativos posteriores em pesquisas na área de ciências humanas e em cursos de educação sexual.

A escala original consta de 145 itens abrangendo sete dimensões levantadas na literatura: heterossexualidade, homossexualidade, casamento, autoerotismo, procriação, disfunções sexuais e emergência da própria sexualidade.

Esta escala, após análise semântica, está sendo aplicada a uma amostra de âmbito nacional (N = 2300) para sua validação através da análise fatorial que estabelecerá a dimensionalidade da escala. Numa 2a. etapa, será feita a validação do construto utilizando-se como critérios zona rural e prática de religião.

O TAT EM FUNÇÃO DO SEXO E DO AMBIENTE. Cristina M.S. Brito Dias (Univ.Fed.Paraíba) e Maria Alice D'Amorim (Univ. de Brasília).

49

O T.A.T. foi utilizado em pacientes do Hospital Psiquiátrico da Paraíba e em indivíduos com história psiquiátrica, membros de uma comunidade periférica de João Pessoa, denominada Brasília de Palha, para verificar diferenças de Sexo e de Ambiente.

O delineamento empregado foi de 2x2 com 10 sujeitos em cada casela. As entrevistas e aplicações do instrumento foram realizadas por estudantes de graduação em Psicologia da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), sob a supervisão das Autoras. As pranchas escolhidas foram as seguintes: 1, 2, 3 RH; 4, 6RH ou MF, 7RH ou MF, 9RH ou MF, 11, 13HF e 16.

Com alguns sujeitos do sexo masculino (4 internos e 4 da comunidade), não foi possível aplicar as lâminas 9RH e 11, cujos resultados foram, portanto, eliminados para todos os demais sujeitos nas comparações em que apareciam resultados de ambos os sexos.

Os resultados da análise de conteúdo mostram que nas dimensões Heroi e Outras Figuras, não aparecem diferenças significativas entre grupos. No caso das dimensões: Sentimentos, Necessidades e Pressões, diferenças significativas foram encontradas entre os dois ambientes, apresentando os membros da comunidade níveis mais altos nas mesmas. Quanto às Necessidades, esta diferença provém do grupo masculino; ao passo que para as Pressões e Sentimentos, o nível superior é encontrado entre as mulheres da comunidade. Finalmente, nas dimensões Catexias e Indícios Dinâmicos foram encontradas diferenças significativas de sexo que favorecem aos homens nos dois ambientes, para a dimensão Catexias; quanto aos Indícios Dinâmicos a diferença aparece apenas na Comunidade. Ressalte-se que nesta última dimensão aparecem diferenças significativas para as mulheres em relação aos ambientes, sendo o nível de significância maior para as internadas. Também foram feitos estudos do aspecto formal e Qualitativo. Tal trabalho contribui para uma visão psicossocial da Doença Mental.

DIFERENÇA NA PRÁTICA DE CUIDADO E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 3a8 ANOS: ESCOLA E ATIVIDADES EM FUNÇÃO DA VARIÁVEL SEXO;*

50

Instituição: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP.

Autores: Alves, Z. M. K. B.; Graminha, S. S. V. e Gutshow, C. T.

Os objetivos desse estudo se prendem a uma descrição das formas de cuidado e de educação que as mães estabelecem com seus filhos em áreas que envolvem Escola, Atividades e Brinquedo procurando detectar semelhanças e diferenças em função do sexo da criança. Método- Sujeitos: Foram sujeitos dessa pesquisa: a) 100 mães, de vários graus de instrução, de idade entre 26 e 49 anos, com pelo menos um filho de 3 a 8 anos, b) 100 crianças de ambos os sexos (50 meninos e 50 meninas) de idade entre 3 e 8 anos. Material: Foi usado o Roteiro de Entrevista Reestruturado de Alves e Graminha (1979), gravadores e fita Cassete. Procedimento: As mães foram entrevistadas no Laboratório de Observação da FFCLSP-USP (ou em sua própria residência) em sessões que duravam em média cada uma 2 horas, perfazendo em média 5 horas para completar as 232 questões do roteiro. Essas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Resultados: Procedimento de análise de dados - as respostas das mães foram tabuladas, em seguida as questões foram classificadas quanto ao tipo de informação que possibilitavam e depois separadas 15 questões das áreas de Escola, Atividades e Brinquedo. A análise de cada uma dessas questões, em separado, para as 100 mães possibilitou detectar diferenças maiores quanto ao sexo da criança em: a) tipos de brinquedos que as mães escolhem para dar ao filho e a filha, b) Motivos porque colocou a criança mais cedo na Escola. Outros itens deram resultados variados como: a) momento em que a criança foi para a escola, b) preocupação da mãe com o brinquedo da criança, c) televisão, d) possibilidade de maior ou menor independência da criança para determinar atividades e horários, e) brincadeiras não permitidas pela mãe.

*Pesquisa subvencionada pelo CNPq.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EVASÃO NA LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

Maria Helena Galvão Freire, Maria Aparecida Galliotte e José Rossi

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo

51

A constante evasão dos cursos de Licenciatura na graduação em Psicologia da FFCULP-USP vem sendo observada já há algum tempo, principalmente nas matérias finais exigidas no 7º e 8º semestres. O objetivo central desse trabalho foi basicamente de tentar buscar quais seriam os fatores que estariam ligados ao abandono gradual das disciplinas ditas pedagógicas. Inicialmente supunhamos que o fato era devido à prioridade dos alunos pela formação de psicólogo (e consequentemente desinteresse pela licenciatura) ou se dava em função da precariedade do mercado de trabalho. Foram sujeitos dessa sondagem 108 alunos da graduação em Psicologia da FFCULP-USP, que perfizeram um quase 80% do total matriculado no 2º semestre de 1980. Foi elaborado um questionário padronizado com 4 questões abertas referentes a situação e visão pessoal do aluno acerca da licenciatura que foi aplicado individualmente e não exigia a identificação do sujeito (opcional). Os resultados evidenciam que apesar de alguns alunos realmente não terem a Licenciatura como prioridade na sua formação imediata, a grande maioria não a concluiu devido ao excesso de carga horária exigida nos últimos semestres (o que não implica no seu desinteresse pela opção). Além disso, o outro ponto básico é a falta de informação dos alunos acerca de quais são os objetivos e funções da Licenciatura. As condições de mercado de trabalho não foram evidenciadas pelos sujeitos como impedimento para sua formação como educadores.

SUBSÍDIOS PARA REFLETIR NOVAS FORMAS DE AÇÃO DA PSICOLOGIA, A PARTIR DA PRÁTICA DE ESTÁGIOS DE PSICOLOGIA ESCOLAR, EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAU DE BAURUR.

Elenita de Alencar, Maria Eugênia Melillo Meira e Maria Rodrigues Gomes

Centro de Psicologia Aplicada da Faculdade de Ciências da Fundação Educacional de Baurur
Baurur - Estado de São Paulo

52

O presente estudo pretende verificar a eficácia do método de observação participante, desenvolvido pelo Instituto de Ação Cultural - Genebra - na solução de problemas apresentados por escolas com população de baixa renda, cuja frequência às aulas é assegurada pela merenda escolar. O problema em questão é o pedido feito por uma instituição, para se realizar um trabalho de "formação e manutenção de hábitos de estudo em seus alunos".

Através desta metodologia que visa o processo pesquisa-ação, constatou-se que falta tempo aos alunos para estudar, por trabalharem fora do período escolar; que os conteúdos são desinteressantes; não condizentes com a realidade da população que frequenta a escola, e que o relacionamento dos professores com os alunos é autoritário e repressivo. Todos estes fatores tornam a escola insuportável e pouco estimulante para a execução das tarefas exigidas.

A próxima etapa, uma vez que os dados constatados encontram-se organizados, consiste em re torná-los à comunidade escolar, a fim de que possam ser refletidos e discutidos para que se chegue a uma nova proposta de trabalho da escola, que leve em conta a realidade dos alunos ao propor seus conteúdos e ao fazer exigências.

Alguns dados sobre a atuação profissional de psicólogos recém-formados em São Paulo. Ana Maria Almeida Carvalho, Robson Colosio e Ana Maria Reddi Uchoa. Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de pesquisa sobre formação e atuação do psicólogo em São Paulo. O projeto tem a duração prevista de 5 anos, encontrando-se no 4º ano de execução. Consiste na realização anual de um número pré-fixado de entrevistas com profissionais recém-ingressos no mercado de trabalho, de forma a compor uma amostra de cerca de 20% dos formados de 4 cursos de Psicologia da cidade de São Paulo.

São apresentadas nesta comunicação 3 análises baseadas nas 471 entrevistas já realizadas: 1) Distribuição de psicólogos recém-formados no mercado de trabalho, onde se focalizam modalidades de ocupação dos psicólogos, concomitância de atividades e distribuição por área de Psicologia. 2) Condições de obtenção de trabalho para psicólogos recém-formados, onde são analisados os dados relativos a intervalo entre conclusão do curso e obtenção de trabalho remunerado em Psicologia, e formas de obtenção. 3) Relações entre área de opção e área de atuação em Psicologia, investigadas através de: frequência da coincidência entre área de opção e área de 1ª atividade exercida; incidência de mudança ou abandono de atividade, nos casos em que a 1ª atividade se dá na área de opção ou fora desta; área de 2ª atividade, quando ocorre; incidência de atividade não remunerada na área de opção e fora desta, e justificativas para mudança ou abandono de atividade por área.

Os resultados indicam concentração dos profissionais na área clínica, início de atividade profissional predominantemente nos primeiros meses após a conclusão do curso, através da "iniciativa própria", "atuação" e "relações pessoais", e tendência acentuada ao exercício da profissão na área de opção. Os resultados são discutidos em relação aos objetivos propostos para o projeto.

IPA: HISTÓRICO E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO.

Arlete Garcia Lopes, Cristina Gomes da Silva, Márcia Infante Vieira, Sandra Boschi e Mirian Langenbach - PUC - Rio de Janeiro, RJ.

Este trabalho consiste em uma pesquisa sobre o histórico do IPA (Instituto de Psicologia Aplicada) da PUC-RJ, atualmente SPA (Serviço de Psicologia Aplicada). A partir do histórico de 28 anos desse Instituto, o primeiro curso de graduação em Psicologia do Brasil, levantamos algumas reflexões sobre a formação e identidade do psicólogo do país. Foram utilizados entrevistas com pessoas ligadas ao IPA e documentos referentes ao mesmo. As questões levantadas a partir deste estudo abordam a interposição de papéis do psicólogo com outros profissionais da área de Saúde Mental (psiquiatras, psicanalistas e assistentes sociais) vinculada à formação do psicólogo e consequentemente a disputa pelo mercado de trabalho. Como produto desse estudo pretendemos dar margem à montagem da história da Psicologia no Rio de Janeiro e consequentemente no Brasil.

RELATO DE UM PROGRAMA DE ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA JUNTO AO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM QUE TRABALHA COM DEFICIENTES VISUAIS, Elizabeth Ranier Martins do Valle.
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

55

Atendendo a solicitação do pessoal de enfermagem de uma clínica oftalmológica de um hospital-escola que desejava atuar de maneira mais ativa e criadora junto aos seus pacientes deficientes visuais ou com outros problemas de visão, desenvolveu-se um programa para 20 profissionais de enfermagem com os objetivos de que, ao término do mesmo eles fossem capazes de: enumerar algumas características psico-sociais do deficiente visual; detectar alguns problemas que envolvem a internação do deficiente para ele próprio e para sua família; promover atividades de ocupação, lazer e recreação e demonstrar sua aplicabilidade como meio de relacionamento. O programa desenvolvido por uma psicóloga teve a participação de professores especializados na área de deficiência visual, uma terapeuta ocupacional e uma aluna do curso de graduação de Enfermagem. As atividades foram distribuídas em aulas expositivas, discussão em grupo e aulas práticas (atelier de criatividade). Ao término, os participantes fizeram uma auto-avaliação em que foram abordados aspectos de natureza cognitiva e emocional.

NOVOS RUMOS DA PSICOLOGIA: ATUAÇÃO CLÍNICA NA CANCEROLOGIA

Celina Maria de Lima e Silva Forti; Claudia Paula Tobias de Aguiar; Dorota Roitman
Instituto de Radioterapia Osvaldo Cruz - São Paulo - SP

56

O presente estudo exploratório objetiva relatar observações colhidas em trabalho realizado durante o período de 2 anos, numa instituição especializada em Radioterapia, com 300 indivíduos. Visa incrementar discussões e despertar interesse para novos estudos considerando o enfoque bio-psico-social do paciente oncológico, no sentido de clarificar aspectos psicológicos presentes no indivíduo, levando em conta sua história de vida anterior à doença. A amostra é formada por 300 pacientes, cuja caracterização é: portadores de doenças neoplásicas (malignas), em tratamento radioterápico, encaminhados para o setor de psicologia após a primeira entrevista com o médico por rotina da instituição. O instrumento utilizado para coleta de dados foi entrevistas informais com perguntas abertas. Os sujeitos foram agrupados, para a análise de dados, de acordo com a localização da doença, e levantados os elementos psicológicos mais significativos dentro de cada grupo. Este estudo propõe que o psicólogo pode trabalhar o significado da doença do indivíduo, a partir do estudo dos aspectos de história de vida anterior, contribuindo assim para a melhor compreensão do seu próprio processo de doença, tratamento e recuperação.

Maurício Lourenção Garcia, Maria Cristina G. Vicentin, Milton S. Augusto (São Paulo)

Este trabalho se desenvolve desde 1979 na Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, prisão hospital, subordinada à Coordenadoria dos Estabelecimentos Penitenciários de S. Paulo, e destinada ao cumprimento de Medida de Segurança. Atende basicamente uma população em sua maioria diagnosticada como Personalidade Psicopática.

Após a caracterização da instituição e da população, optou-se por um trabalho com os jovens adultos (entre 18 e 21 anos), transferidos de Unidades da Febem do interior, por apresentarem menos tempo de internação, menos risco de impregnação e maior possibilidade de saída. Atendendo a reivindicação dos internos por aulas de Madureza, tomou-se por objetivos grupalizá-los, tendo em vista a troca de experiências de vida, numa tentativa de levá-los a perceber que a condição de marginalidade não é inerente ao indivíduo mas se estende a toda uma classe social.

Como atividades desenvolveu-se o conteúdo programático do Madureza, remetendo-se à experiência concreta dos indivíduos, atividades de arte, jornal quinzenal escrito pelos membros do grupo e o teatro que funcionou como síntese de todo o processo anterior.

Em continuidade a todo o trabalho na instituição, tem-se procurado um grupo de egressos na tentativa de buscar alternativas para o indivíduo que o coloquem na sociedade enquanto um agente transformador de sua própria realidade.

animal??

EXPERIÊNCIA ANTERIOR COM ESQUEMAS CONCORRENTES E SENSIBILIDADE À DISTRIBUIÇÃO DE REFORÇOS.

João Cláudio Todorov e Eliane Seixas Hanna, Universidade de Brasília.

Na equação da Lei Generalizada de Igualação, $R_1/R_2 = k (r_1/r_2)^a$, o expoente a é proposto como uma medida da sensibilidade do comportamento à distribuição de reforços entre os esquemas do par concorrente. Persiste uma certa controvérsia acerca do valor do expoente. Sabe-se que nos experimentos realizados nos laboratórios de Harvard, o valor médio obtido para a é 1,00; já nos laboratórios de Auckland, Nova Zelândia, o valor encontrado está por volta de 0,80. Em experimentos anteriores na Universidade de Brasília verificou-se que o número de condições experimentais utilizadas para o cálculo do valor do expoente é um fator importante: obteve-se um valor de $a = 1,00$ para cinco condições experimentais, diminuindo esse valor à medida que mais condições eram consideradas para a computação. O presente trabalho aumentou para doze o número de condições experimentais, confirmando conclusões anteriores. Além disso, um levantamento da literatura sobre esquemas concorrentes indicou que nos experimentos resultando em valores de a próximos de 1,00, os sujeitos eram, em geral, experimentalmente ingênuos. Nos experimentos que utilizaram sujeitos com experiência anterior em esquemas concorrentes, esses valores estão mais próximos de 0,80.

animal

EFEITOS DA ORDEM DE CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS EM RELAÇÕES QUANTITATIVAS ENTRE RESPOSTAS E REFORÇOS EM ESQUEMAS CONCORRENTES:

João Cláudio Todorov e Jorge Mendes de Oliveira Castro Neto. Universidade de Brasília

59

O estudo das relações quantitativas entre comportamento e consequências concorrentes tem gerado controvérsias a respeito das condições experimentais adequadas para sua realização. Em esquemas concorrentes de intervalo variável, especialmente, tem sido afirmado que o cuidado na escolha da sequência dos pares de esquemas é essencial. A igualdade entre as distribuições de respostas e reforços seria observada quando as diferenças entre os pares de esquemas sucessivos fosse suficientemente grande para garantir que condições experimentais anteriores não exercessem um efeito residual sobre o comportamento em condições posteriores. O presente trabalho testou essas previsões mantendo constante um dos esquemas do par enquanto a taxa de reforços programado pelo outro esquema era gradualmente aumentada, em sete condições experimentais. Três pombos, sem história experimental prévia, foram utilizados como sujeitos. Na câmara experimental haviam três discos de respostas. O disco da direita era iluminado por uma luz azul, o do centro, amarela, e o da esquerda, vermelha. Aos discos das extremidades estavam associados esquema de reforço de intervalo variável. O disco do centro funcionou como disco de mudança. O disco vermelho esteve associado a um esquema que programava reforços a cada 60 seg. (IV 60) em todo o experimento. O disco azul inicialmente programava reforços a cada 240 seg. (IV 240), mas em condições experimentais sucessivas, de no mínimo 23 sessões diárias, o intervalo médio foi alterado para 180, 300, 360, 90, 60 e 15 seg. Os resultados mostram que a ordem das condições experimentais não afetou o valor do expoente a (sensibilidade à distribuição de reforços). Para dois dos sujeitos, o valor de k (viés) foi diferente dos normalmente encontrados, demonstrando preferência por responder no disco vermelho, independentemente da distribuição de reforços. Os dados obtidos contrariam interpretações existentes sobre o efeito da ordem de condições experimentais em esquemas concorrentes sobre a sensibilidade à distribuição de reforços.

animal

ESQUEMAS CONCORRENTES: CONSEQUÊNCIAS ASSIMÉTRICAS PARA RESPOSTAS DE MUDANÇA.

60

João Cláudio Todorov e Fernanda Amaral Pinheiro, Universidade de Brasília.

Em esquemas concorrentes de intervalo variável, é comum programar-se alguma consequência para respostas de mudança entre esquemas, sob maneira a restringir-se a frequência com a qual essas mudanças ocorrem. O presente trabalho teve como objetivo verificar os efeitos de consequências assimétricas para respostas de mudança. Cinco pombos adultos, sem experiência anterior com esquemas concorrentes, foram utilizados. Na primeira condição experimental, um atraso de reforço para respostas de mudança (COD) de 3 seg esteve em vigor por 47 sessões. A seguir, esse atraso foi eliminado para mudanças do disco da direita para o disco da esquerda, permanecendo em vigor para mudanças em sentido contrário. Dados do grupo de cinco pássaros indicam que a assimetria nas consequências de respostas de mudança afeta o valor de k na equação $R_1/R_2 = k (r_1/r_2)^a$, sem afetar o expoente a . A assimetria provoca um viés em favor de um dos esquemas, sem alterar a sensibilidade do comportamento (a) à distribuição de reforços entre os esquemas.

Em experimento anterior constatou-se que em esquemas concorrentes mistos extinção-intervalo variável: intervalo variável - extinção, a ocorrência de reforços funcionou como marco temporal no controle de distribuição de respostas em sucessivos períodos pós-reforço. O procedimento utilizado, apesar de complexo, foi necessário para o controle da distribuição de reforços em diferentes períodos pós-reforços. Verificou-se que, com uma contingência de atraso de reforço para respostas de mudanças, a distribuição de respostas acompanhava a distribuição de reforços mesmo quando esta distribuição mudava com a decorrência do tempo desde o último reforço. O presente trabalho demonstrou que essa tendência à igualação de distribuições de respostas e reforços ocorre também com o procedimento normal de programação de esquemas concorrentes de intervalo variável, ainda que neste procedimento a distribuição de reforços não seja diretamente controlada pelo experimentador. Cinco ratos foram utilizados em um experimento semelhante ao anterior, exceto pela programação de esquemas concorrentes de intervalo variável. Na primeira condição experimental, sem a contingência de atraso de reforço, a distribuição de respostas entre os esquemas, em sucessivos períodos pós-reforço, não foi sensível à distribuição de reforços entre os esquemas. Com a introdução de um atraso de reforço contingente a respostas de mudança, a distribuição de respostas aproximou-se da distribuição de reforços. Quantificando-se as relações entre distribuições de respostas e de reforços, utilizando-se a equação $R_1/R_2 = k (r_1/r_2)^a$, utilizando-se os dados de sucessivos períodos de 10 seg. contados a partir da ocorrência de reforços, obteve-se valores dos parâmetros k (viés) e a (sensibilidade à distribuição de reforços) consistentes com os encontrados na literatura para dados provenientes de diversas condições experimentais. Sugere-se que a igualação, a nível molar, das distribuições de respostas em esquemas concorrentes é resultante de um processo básico, a nível local, de interação entre as duas distribuições.

animal

ACELERAÇÃO DE TAXA DE RESPOSTAS EM UM ESQUEMA DE INTERVALO VARIÁVEL PELA IMPOSIÇÃO DE UMA CONTINGÊNCIA DE ATRASO DE REFORÇO; João Cláudio Todorov e Missio Alejandro Romero Ramírez, Universidade de Brasília e Universidade Nacional Autónoma de México.

62

Em esquemas concorrentes de intervalo variável tem sido comprovado diversas vezes que a imposição de um atraso de reforço para respostas de mudança reduz a frequência de alternâncias entre os esquemas. Outro efeito comprovado é o aumento nas taxas locais de respostas associadas a cada esquema. Constatou-se que, sob a contingência de atraso, logo após mudar de um esquema para outro, as taxas de respostas são muito mais altas que, nessas condições, sem a contingência de atraso. O presente trabalho explorou a possibilidade de que esse efeito não seja característico de esquemas concorrentes, apenas. Levantou-se a hipótese de que a contingência de atraso mesma, independentemente de outras contingências em vigor em esquemas concorrentes, poderia resultar em aumentos na taxa de respostas. Para testar a hipótese, a contingência de atraso foi programada superposta a um esquema simples de intervalo variável. Três ratos experimentalmente ingênuos foram expostos inicialmente a um esquema simples de intervalo variável de 60 seg, em sessões diárias de 30 min. Nessa fase foram registrados a taxa de respostas de pressão a barra e o tempo de sessão que o sujeito passava sem responder. Cada pausa era contada automaticamente sempre que pelo menos 2 seg decorressem sem resposta; a próxima resposta definia o final da pausa. Na segunda fase um atraso de reforço de 3 seg. era contingente à resposta que terminava uma pausa: sempre que decorressem 2 seg. ou mais sem resposta, reforços programados durante esse período só poderiam ser obtidos por uma resposta que ocorresse três segundos após terminada a pausa. Em outras condições experimentais, o atraso foi de 5, 8, e 16 seg. Para os três animais, a imposição do atraso resultou em aumento na taxa de respostas e em diminuição no tempo de sessão gasto em pausas. O aumento persistiu mesmo quando a contingência de atraso foi cancelada. Os dados foram interpretados como resultado da eliminação do reforço diferencial para longos tempos entre respostas, característico de esquemas de reforço de intervalo variável.

João Cláudio Todorov e Sergio Ximenes Hackradt. Universidade de Brasília.

Em esquemas concorrentes, a quantificação da relação entre respostas e consequências tem considerado principalmente a distribuição de reforços obtidos entre o par de esquemas. Quando esses esquemas são de intervalo variável, a distribuição de reforços obtidos é muito próxima da distribuição programada pelos esquemas. Mas quando um dos esquemas é de intervalo variável e o outro de razão fixa não há uma antecipação da distribuição de reforços. O experimentador manipula dois tipos diferentes de variáveis: taxa de reforços no esquema de intervalo variável e número de respostas por reforço no esquema de razão fixa. No presente experimento verificou-se o efeito da introdução de contingência de atraso de reforço de 1 seg. para respostas de mudança na distribuição de reforços em esquemas concorrentes intervalo variável - razão fixa. Doze ratos experimentalmente ingênuos foram utilizados como sujeito. Na câmara experimental, havia duas barras de respostas, dispostas de maneira a não permitir que os sujeitos pudessem pressionar as duas simultaneamente. Ambas localizaram-se à mesma distância do bebedouro, uma delas sempre associada ao esquema de razão, a outra de intervalo. O esquema de razão fixa foi constante para todos os animais, com requisito de 30 respostas por reforço; um esquema de intervalo variável diferente foi utilizado para cada animal. Os doze esquemas variaram de 45 seg. para o esquema de menor intervalo médio, a 210 seg. para o esquema de maior intervalo médio. Depois do treinamento inicial nos esquemas, cada animal foi submetido a 30 sessões sem atraso de reforço para respostas de mudança. A seguir, um atraso de 1 seg. foi programado como consequência de respostas de mudança. Quando os dados do grupo de sujeitos foram analisados utilizando-se as equações $R_1/R_2 = k (r_1/r_2)^a$ e $T_1/T_2 = k (r_1/r_2)^a$, verificou-se que a sensibilidade do comportamento à distribuição de reforços entre os esquemas (o expoente a) maior quando medidas pelas respostas do que quando medido pelo tempo gasto respondendo em cada esquema.

EFEITOS DO ATRASO DE REFORÇO PARA RESPOSTAS DE MUDANÇA NO DESEMPENHO EM ESQUEMAS CONCORRENTES INTERVALO VARIÁVEL - RAZÃO FIXA.

João Cláudio Todorov e Jorge Mendes da Oliveira Castro Neto. Universidade de Brasília.

Esquemas concorrentes intervalo variável - razão fixa podem ser vistos como mais um instrumento para o estudo de desempenhos concorrentes. A distribuição de respostas entre os esquemas alternativos garante a obtenção de maior taxa de reforços que a permanência exclusiva no esquema de intervalo variável, e a obtenção de mais reforços com menos respostas que a permanência exclusiva no esquema de razão fixa. Quando descritos pela equação $R_1/R_2 = k (r_1/r_2)^a$ os dados existentes (Bacotti, Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 1977, 25, 171-182) mostram que a distribuição de respostas é proporcional à distribuição de reforços obtidos, com o valor de a próximo à unidade, e de k (viés) mostrando preferência por responder no esquema de intervalo variável. Na análise de Bacotti, entretanto, não foram consideradas diferenças, em diferentes condições experimentais, entre as diferentes contingências programadas para respostas de mudança; com e sem atraso de reforço para respostas de mudança, e diferentes durações desse atraso. O presente trabalho replicou, com procedimento ligeiramente diferente, o experimento de Bacotti, utilizando-se 3 seg. como duração para o atraso de reforço. A seguir, fixando-se o par concorrente em intervalo variável 120 seg. razão fixa 34 respostas, a duração do período de atraso foi sistematicamente manipulado. Sete pombos foram utilizados como sujeitos e estudados em uma câmara padrão para pesquisas sobre comportamento operante, com dois discos de respostas. Com um atraso de reforço de 3 seg. programado para o disco de mudança (amarelo), os resultados obtidos replicaram basicamente os de Bacotti. Quando a duração desse período de atraso foi manipulada, entretanto, verificou-se que o número de respostas por reforço obtido no esquema de intervalo variável aumentou sistematicamente com aumentos na duração do atraso. Esse resultado contradiz a conclusão de Bacotti sobre o papel do atraso de reforço para respostas de mudança na determinação dos valores dos parâmetros da função de poder. Os atuais resultados indicam que a duração do atraso afeta o valor de k , o viés, no caso, em favor do esquema de intervalo variável.

EFEITOS DO REQUISITO NUMÉRICO PARA MUDANÇA NO DESEMPENHO EM ESQUEMA CONCORRENTE:

65

Maria Lucia Ferrara e Dione de Rezende

Universidade de São Paulo e Universidade Estadual de Londrina

Três bombos foram submetidos a um esquema concorrente VI 45 seg VI 45 seg, programado em duas chaves, onde as respostas de alternância eram consequência das pela exigência da emissão de um número fixo de respostas (COR). A completção do requisito numérico do COR era sinalizado pela mudança da cor da chave de respostas. Em fases sucessivas, com 30 sessões de duração, o requisito de COR foi aumentado de 5 para 10, 15 e 20 respostas. Observou-se que: (1) o tempo entre mudanças aumentou com o aumento do requisito numérico para alteração; (2) para dois dos três sujeitos, a taxa local durante o cumprimento da razão variou inversamente ao seu requisito; (3) não ocorreram variações na taxa local pós-COR que pudessem ser correlacionadas a variações no valor do COR; (4) ocorreu, com o aumento do valor do requisito de mudança, um aumento na assimetria do desempenho nos dois componentes do esquema; (5) com COR 5, a relação observada entre variáveis de desempenho (proporções entre tempo total e número total de respostas, tempo e número de respostas pós-COR e proporção de reforços obtidos foi tipicamente de supra-equalização. Com o aumento do valor do COR, as relações entre proporção de tempo e número total de respostas e proporção de reforços tenderam à equalização. As relações entre proporções de tempo e número de respostas pós-COR e de reforços se desviaram da equalização, no sentido da supra-equalização, embora se tenha observado uma diminuição do valor do coeficiente angular com o aumento do requisito de COR.

EXPERIÊNCIA ACUMULATIVA DE GRUPO OPERATIVO-UM CAMPO DE FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA NA PSICOLOGIA SOCIAL

66

Maria Leonor Cunha Gayotto

Vera Giffoni - Depto. Psic.Soc.-Pós-Graduação - PUC/SP

A experiência acumulativa de grupo operativo é uma análise dialética do processo grupal onde cada participante situa-se no campo da experiência e reflete as possibilidades operativas do grupo.

O grupo além de campo de experiência é instrumento de tarefa. Centraliza a investigação nos processos de interação porque são eles que configuram o sujeito que é o emergente de uma rede de relações sociais.

O grupo operativo é âmbito de aprendizagem da realidade.

A didática é acumulativa e tem um desenvolvimento de progressão geométrica com saltos qualitativos observáveis em curto período de tempo. É relatada uma Experiência com alunos de Pós-Graduação PUC/SP com avaliações periódicas que vão sendo incorporadas ao processo grupal. A conclusão é elaborada pelo grupo com a análise da última sessão de avaliação utilizando vídeo-tape.

ESTUDO DE ALGUNS "PONTOS NEGROS" DE RIBEIRÃO PRETO E SUGESTÃO PARA UM BOLETIM DE OCORRÊNCIA COM MAIS INFORMAÇÕES PSICOLÓGICAS

67

Reinier Rozestraten, Cristina José de Almeida, Sônia Regina Pazian & Marcia Regina Funagalli
Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Campus da U.S.P., Ribeirão Preto, S.P.

Ocorreram em Ribeirão Preto, em 1977, 966 acidentes registrados dos quais 586 em cruzamentos. Em colaboração com o CODEPP foi elaborado um plano de análise dos cruzamentos com maior frequência de acidentes. Foram escolhidos 11 "pontos negros" com 10 ou mais de 10 acidentes. Obtiveram-se junto à Polícia Militar as cópias dos Boletins de Ocorrência dos 195 acidentes que serviam de base para este estudo. Foram analisados os itens: a) procedência dos veículos, b) tipos de veículos e marcas, c) as diversas variáveis de tempo: horas do dia, dia da semana, dias do mês e meses do ano, d) sexo do motorista, e) natureza e qualificação do acidente, e f) análise dos quadrantes, em que foi dividido cada cruzamento, em relação à localização dos acidentes. Apesar dos dados dos últimos itens se revelarem de maior interesse para o estudo psicológico dos acidentes, tornou-se patente que os Boletins de Ocorrência em uso na aquele ano não fornecem as informações necessárias para um estudo de causas psicológicas do acidente. Sendo que mais de 80% dos acidentes é atribuído ao fator humano, é necessário planejar meios de obter informações mais completas a respeito da situação psicológica do motorista no momento do acidente. É apresentada uma sugestão de um novo Boletim de Ocorrência que permita obter as informações necessárias para um estudo mais aprofundado dos aspectos psicológicos do acidente.

A INFLUÊNCIA DO FATOR "NÍVEL DE INSTRUÇÃO" SOBRE OS RESULTADOS DO GROUP EMBEDDED FIGURES TEST (GEFT); Reinier Rozestraten, Annick Pottier, Emilia Tiemi Issiki e Mary Keiko Nobo. Laboratoire de Psychologie de la Conduite, Organisme National de Sécurité Routière, Montlhéry, França e Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Campus da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP.

O GEFT foi aplicado em 3 grupos de franceses e 1 grupo de brasileiros Grupo I (N = 98): pessoal administrativo, pesquisadores e motoristas profissionais Grupo II (N = 245): recrutas franceses, Grupo III (N = 140): pessoal administrativo e motoristas profissionais de uma empresa na região parisiense, e Grupo IV (N = 130): universitários brasileiros. Os grupos franceses foram classificados em 4 Níveis de Instrução (N.I.) correspondendo I ao nível primário (4 anos) II antigo ginásial (ou profissional inferior), III colegial (ou profissional médio) e IV universitário (ou técnico superior). Verificou-se que nos conjuntos de N.I. I e II 60% pertenciam aos níveis I e II do GEFT e 40% aos níveis III e IV; nos conjuntos de N.I. III e IV verificou-se o contrário ou seja 24% pertenciam aos níveis I e II do GEFT e 76% aos níveis III e IV. O Grupo IV de universitários brasileiros logicamente só pertencia ao N.I. IV quando distribuídos conforme os valores quartílicos usados nos Grupos II e III mostram 51% nos níveis III e IV do GEFT e 49% nos níveis I e II, com poucos escores abaixo de 6. A conclusão é que o estilo perceptivo é influenciável pela instrução, porém esta não apaga as características do estilo perceptivo, e que se deve levar em conta o N.I. quando se quer localizar os resultados de um sujeito na dimensão Dependência-Independência. O mais importante nos parece que a percepção e o estilo perceptivo são educáveis e suscetíveis de aperfeiçoamento.

DES:- Este trabalho foi realizado com bolsas do CNPq.

68

ESTUDO COMPARATIVO DAS DIVERSAS MEDIDAS DE DEPENDÊNCIA-INDEPENDÊNCIA DO CAMPO E SUA RELAÇÃO COM A PERCEPÇÃO DAS SITUAÇÕES DE TRÂNSITO; Reinier Rozestraten & Annick Pottier; Laboratoire de Psychologie de la Conduite, Organisme National de Sécurité Routière, Montlhéry, França, (Deptº de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Campus da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, S.P.)

Com a finalidade de comparar testes da dimensão Dependência-Independência do Campo (DIC) e sua relação com a percepção de situações de trânsito, extraiu-se de um grupo de 245 recrutas franceses, submetidos ao Group Embedded Figures Test (GEFT), um conjunto de 14 sujeitos de cada quartil. O total de 56 sujeitos foram submetidos : ao "Rod-and-Frame Test" clássico de Witkin, ao "Rod-and-Frame Test" portátil de Oltman e ao "Three-Dimensional Embedded Figures Test" (3D-EFT). Foram-lhes mostrados também 10 dispositivos de trânsito de situações pouco evidentes. Cada dispositivo foi mostrado durante 2 segundos, após os sujeitos tinham que descrever o que perceberam. Os resultados mostram correlações positivas significativas (nível: 0,01) entre o RFT clássico e o GEFT, entre o RFT portátil e o GEFT, entre o RFT clássico e o RFT portátil, entre o RFT clássico e o 3D-EFT e entre o 3D-EFT e as reações aos dispositivos das situações de trânsito. Principalmente este último resultado fornece apoio à afirmação de Williams a respeito da importância da tridimensionalidade dos testes de estilo perceptivo quando se procura uma correlação com a percepção em situações de trânsito.

Obs. Este trabalho foi realizado com Bolsa do CNPq.

69

OS TESTES DA DIMENSÃO DEPENDÊNCIA-INDEPENDÊNCIA DO CAMPO E A PROBABILIDADE DE ACIDENTES DE TRÂNSITO. Reinier Rozestraten, Annick Pottier & Michel Pottier; Laboratoire de Psychologie de la Conduite, Organisme National de Sécurité Routière, Montlhéry, França (Deptº de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Campus da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, S.P.)

Diversos estudos tentaram verificar a correlação entre os testes de Dependência-Independência do Campo (DIC) e a probabilidade de envolvimento em acidentes de trânsito (Harano, 1970; Harano, McBride e Pock, 1973; Jameson, McLellan e Jackson, 1971; Williams, 1971, 1977; Thomas, 1977; e Loo, 1978). Alguns destes estudos conseguiram mostrar uma correlação positiva significativa entre acidentes e/ou multas e os resultados na dimensão DIC indicando uma Dependência do Campo.

No presente estudo foram usados quatro grupos de indivíduos (Gr.I: N=98; Gr.II: N=265; Gr.III: N=140 e Gr.IV: N=48). Os primeiros 3 Grupos foram submetidos ao GEFT (Group Embedded Figures Test) e forneceram dados referentes aos acidentes e às multas. Nestes grupos formados ao ACASO QUANTO à frequência de acidentes não se encontrou uma correlação positiva. O Grupo IV foi formado por 24 motoristas profissionais pluri-acidentados e 24 outros sem acidentes nos últimos três anos. Este grupo foi submetido ao Rod-and-Frame Test portátil, ao GEFT e ao 3D-EFT (Three Dimensional Embedded Figures Test). Constatou-se uma correlação positiva significativa entre o 3D-EFT e a frequência de acidentes. Estes dados reforçam as encontradas por Williams apoiando a rationale que o 3D-EFT é mais sensível pois corresponde à estrutura espacial tridimensional do trânsito. Sugere-se estudo mais aprofundado do 3D-EFT.

Obs. Este trabalho, quanto aos três primeiros grupos, foi realizado com Bolsa do CNPq.

70

A UTILIZAÇÃO DE MICROCOMPUTADORES PESSOAIS NO LABORATÓRIO DE PSICOFISIOLOGIA:
I. UM PROGRAMA PARA A MEDIDA DO TEMPO DE REAÇÃO A ESTÍMULOS VISUAIS E/OU
AURAIS EM HUMANOS.

71

Renato M.E. Sabbatini (Departamento de Fisiologia, Faculdade de Medicina de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo)

O advento de microcomputadores programáveis em linguagens de alto nível, e de baixo custo, como os chamados "computadores pessoais", tornou possível a substituição simples e barata de inúmeros instrumentos usados em pesquisa e ensino em psicofísica, psicofisiologia e análise experimental do comportamento. Nesta série apresentaremos programas por nós desenvolvidos, que possibilitam a transformação do microcomputador em um instrumento universal do laboratório. Foi desenvolvido um programa em linguagem BASIC estendida (Nível II) para os microcomputadores TRS-80 Mod. I (Radio Shack, USA) e D-8000 (Dismac, São Paulo), com 16 Kbytes de memória e terminal de vídeo branco e preto. Este programa, denominado REACAO2, submete o sujeito, que se senta ao teclado do terminal, olhando a tela de vídeo do mesmo, a uma sequência de estímulos visuais (letras, números ou outros sinais do teclado) e/ou aurais (tons puros de 0.3 segundo de duração, entre 300 a 7500 Hz). Os estímulos aparecem após um intervalo aleatório de separação, e o tempo transcorrido entre estes e a resposta apropriada do sujeito é medida e armazenada pelo computador. Podem ser realizados experimentos de reação simples ou discriminada (escolha até 24 símbolos visuais ou tonalidades diferentes), com os estímulos visuais e aurais administrados separada ou conjuntamente. Ao final da série de estímulos, o programa mostra na tela uma análise estatística dos resultados (média e desvio padrão dos tempos de reação em segundos e milissegundos, número de erros, etc.). O programa pode ser modificado facilmente para a realização de outros experimentos semelhantes, ou para outros computadores. Um manual com a listagem e uma cassete magnética contendo o programa para os computadores acima estão disponíveis.

A UTILIZAÇÃO DE MICROCOMPUTADORES PESSOAIS NO LABORATÓRIO DE PSICOFISIOLOGIA:
II. IMPLEMENTAÇÃO DE UM TAQUISTOSCOPIO VISUAL PARA O ESTUDO DA MEMÓRIA EM
HUMANOS.

72

Renato M.E. Sabbatini (Departamento de Fisiologia, Faculdade de Medicina de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo)

Esta série tem por objetivo demonstrar a aplicação dos modernos microcomputadores de uso pessoal para desenvolver, de forma simples e barata, diversos tipos de instrumentos usados em pesquisa e ensino em psicofísica, psicofisiologia e análise experimental do comportamento. O programa aqui descrito simula um taquistoscópio visual no terminal do computador, e que engloba no mesmo aparelho as funções de apresentador de estímulos, registrador de respostas e analisador estatístico dos resultados. O programa, denominado MEMORIA2, foi desenvolvido em linguagem BASIC estendida (nível II) para os microcomputadores TRS-80 Mod. I (Radio Shack, USA) e D-8000 (Dismac, São Paulo), de 16 kb de memória. O experimentador pode escolher entre a apresentação de sequências de 3 a 10 letras maiúsculas e/ou números, gerados aleatoriamente pelo computador, assim como o intervalo decorrente entre o estímulo preparatório e a apresentação, a duração da apresentação e o intervalo entre o fim da apresentação e a pergunta. O sujeito entra pelo teclado a sequência de caracteres que se recorda, e o computador determina se houve erro ou não, medindo e armazenando também o tempo de reação ao estímulo taquistoscópico. Ao final da série de apresentação, o programa calcula e mostra na tela uma análise estatística dos resultados (erros, média e desvio-padrão do tempo de reação, etc.), para cada grau de dificuldade. Uma outra opção permite que o sujeito inicie o experimento com um baixo grau de dificuldade, e este vai automaticamente sendo aumentado à medida que o sujeito acerta as respostas. Um manual com listagens e exemplos e uma cassete magnética contendo o programa para os computadores acima estão disponíveis. O programa pode ser facilmente adaptado para a realização de outros experimentos ou análises, ou ainda para outros computadores.

EFEITO DA DURAÇÃO DE CHOQUE INESCAPÁVEL SOBRE A SUBSEQUENTE AQUISIÇÃO DE UMA RESPOSTA DE ALTA ATIVIDADE MOTORA. Elcia Esmerriaga de Arruda e Maria Teresa Araujo Silva, Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP.

O efeito de interferência tem sido estudado em duas fases: 1ª) pré-teste, correspondendo à situação de incontrollabilidade; 2ª) teste, correspondendo à contingência de fuga. Tal efeito caracteriza-se pela dificuldade na aprendizagem de uma tarefa na fase teste. A duração do choque incontrollável tem sido apontada, por Glazer e Weiss, como uma variável relevante no estudo do efeito de interferência. Segundo esses autores, a duração do choque determina um padrão de atividade motora que pode ser incompatível com a tarefa exigida no teste. O presente estudo teve por objetivo verificar o efeito da duração do choque incontrollável sobre a aquisição de uma resposta de alta atividade motora. Os sujeitos foram 56 ratos albinos,istar, macho e divididos em sete grupos. Foram usados choques de 0,9 mA na primeira e na segunda fase. Três grupos foram usados num delineamento triádico (grupo escapável, inescapável acoplado, controle). Três grupos foram submetidos a 60 choques de 2seg, 6 seg, e 10seg de duração respectivamente; um grupo recebeu 180 choques de 2seg. Após 24 horas todos os sujeitos foram testados com uma resposta de saltar em caixa de Mowrer. O efeito de interferência foi obtido no grupo inescapável acoplado e no grupo submetido a choques de 10seg. Os resultados do teste de fuga e o registro de observação do comportamento sugerem que a variável estudada é relevante no estudo do efeito de interferência, mas não fornecem suporte empírico para a proposta de Glazer e Weiss.

73

animal
ALTERAÇÃO DA RESPOSTA DE TESTE NO ESTUDO DA INCONTROLLABILIDADE. Maria Helena Leite Hunziker (Depto. de Psicologia Experimental, USP).

74

As investigações acerca dos efeitos da exposição à incontrollabilidade sobre futura aprendizagem instrumental aumentaram consideravelmente nos últimos anos. Entretanto, nos trabalhos realizados com ratos, tem-se defrontado com a dificuldade de selecionar uma resposta de teste (geralmente de fuga) adequada para avaliar esses efeitos. O maior problema tem sido a grande variabilidade, e mesmo a não aquisição dessa resposta, observada nos sujeitos controle, que dificulta a interpretação dos resultados dos animais experimentais. O presente trabalho consistiu numa alteração da resposta de fuga correr, frequentemente utilizada nesses estudos, e que apresentava os problemas referidos. Foram feitas modificações na caixa de corrida (shuttlebox) de forma que o sujeito precisava saltar através de um orifício na parte central, a 8,0 cm acima do piso, para desligar o choque. Observou-se que todos os sujeitos ingênuos aprenderam rapidamente essa resposta, de forma homogênea, possibilitando o estabelecimento de um padrão de aprendizagem mais preciso para avaliação dos efeitos da incontrollabilidade. Essas diferenças na aquisição de ambas as respostas são analisadas em termos de possível competição dos processos de eliciação e reforçamento instrumental, além da quantidade de feedback da resposta fornecida ao sujeito. (Bolsista de FAPESP, processo nº 78/1259).

MORTE PSICOGÊNICA EM CÃES : UM ESTUDO EX POST FACTO

José Gualberto Martins Angerami, Kester Carrara e Maria Sílvia Fraga de Almeida Barros
Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Fundação Educacional de Bauru
Bauru - Estado de São Paulo

75

O presente estudo originou-se da constatação, numa clínica veterinária, de que o índice de óbitos de animais tratados sob internação era maior que o de tratados sob conduta ambulatorial. Uma primeira análise das diferenças entre os dois tipos de tratamento sugeriu a possibilidade de que, basicamente, elas poderiam se resumir nas dimensões do "desconhecido" versus dimensões componentes do "familiar".

Para avaliar a correlação entre ambiente familiar - desconhecido e óbito - não óbito, montou-se um projeto do tipo ex post facto, usando apenas cães com parvo vírus, distribuídos em dois grupos, de 38 e 29 sujeitos, e observou-se a incidência de 57.1% de óbitos para os internados e 18.8% para os não internados.

Os dados sugerem que para os animais internados, o estado geral de saúde no início do tratamento não parece estar correlacionado com a maior ou menor probabilidade de óbito, o mesmo não ocorrendo com os animais tratados ambulatorialmente.

Adotadas as cautelas que um planejamento de pesquisa retrospectiva exige, os dados parecem suportar uma interpretação dos óbitos na situação de internação em termos do fenômeno da depressão anafórica.

animais

VALOR REFORÇADOR DE SOLUÇÕES DE SACARINA NA MODELAGEM DE UMA RESPOSTA EM RATOS NÃO PRIVADOS

76

S. Morato de Carvalho - Laboratório de Psicobiologia
F. F. C. L. de Ribeirão Preto - USP

Em estudo anterior, realizado neste laboratório, demonstrou-se que é possível modelar e manter uma resposta, sem uso de privação de água ou alimento, empregando-se soluções açucaradas de diferentes concentrações. Em comparação com grupos privados e reforçados com água, o desempenho dos animais não privados assemelhou-se ao de sujeitos com privação não muito intensa. Dando continuidade ao estudo, investigou-se o valor reforçador de soluções de sacarina. Para tanto, ratos que não haviam sido submetidos a qualquer tipo de privação foram submetidos a três tipos de sessões: treino ao bebedouro, modelagem da resposta de pressão à barra por aproximações sucessivas e pressão à barra. Como para os sujeitos reforçados com açúcar, os resultados mostraram que a facilidade na modelagem dependia da concentração da solução de sacarina, mas em uma faixa relativamente mais ampla que a do açúcar. Esses resultados fortalecem a conclusão anterior, de que a utilização de animais não privados de água ou alimento pode constituir-se em instrumento valioso, em situações onde a privação pode interferir com a variável em estudo.

RETENÇÃO E HABITUAÇÃO DE COMPORTAMENTO EXPLORATÓRIO EM FUNÇÃO DA FORMA DE EXPOSIÇÃO À SITUAÇÃO TESTE - José Guilberto Martins Angerami - Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Fundação Educacional de Bauru - Bauru - Estado de São Paulo

Este estudo comparou exposição maciça versus exposição espagada a um ambiente, quanto a seus efeitos no grau de retenção da habituação de comportamento exploratório em ratos.

O experimento consistiu de três períodos: (1) Período de Habituação: nesta situação, um grupo de exposição maciça permaneceu na caixa experimental por 12 minutos consecutivos; um grupo de exposição espagada permaneceu por 12 minutos, divididos em quatro períodos de 3 minutos cada, intervalados de 30 minutos; um grupo de controle para efeito de manipulação, recebeu mesmo tratamento que o grupo de exposição maciça, apenas que a cada 3 minutos o sujeito era manipulado por alguns segundos, sem contudo ser retirado da situação experimental. (2) Período de Retenção da Habituação: iniciado imediatamente após o término do período de habituação, consistiu em manter os sujeitos nas gaiolas viveiro individuais em privação alimentar por 24 horas. Um quarto grupo, para controle do efeito da habituação, foi somado aos anteriores nesta etapa. (3) Teste de Retenção da Habituação: os sujeitos foram introduzidos, individualmente, na caixa experimental e a latência da resposta de comer foi registrada como medida do grau de retenção da habituação do comportamento exploratório.

Os resultados indicam maior grau de retenção da habituação com a exposição espagada, relativamente à exposição maciça (Duncan's Range Test - nível de significância $p < .001$). Correlação negativa foi encontrada entre o tempo de exploração durante o período de habituação e a latência da resposta de comer durante o teste de retenção.

A partir dos resultados discute-se a possibilidade de que mecanismos subjacentes à retenção da habituação, em ratos, sejam regulados por leis semelhantes àsquelas que regulam a retenção da aprendizagem verbal e, principalmente, motora em humanos.

77

Journal
EFEITOS DE DROGAS SOBRE O COMPORTAMENTO PUNIDO POR ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA INTRA-CEREBRAL AVERSIVA, NO RATO: RESULTADOS PRELIMINARES

78

S. Morato de Carvalho - Laboratório de Psicobiologia - PFCL Ribeirão Preto
J. C. de Aguiar - Deptº Farmacologia - Fac Medicina de Ribeirão Preto
P. G. Graeff - Deptº Farmacologia - Fac Medicina de Ribeirão Preto

Resultados anteriores obtidos em nosso laboratório demonstraram que tranquilizantes menores e a anfetamina facilitam o comportamento punido pela estimulação elétrica da substância cinzenta periaquedutal dorsal mesencefálica do rato, efeito este que não foi observado com a administração de anti-triptamínicos. Em comparação com outros relatos, empregando punição por choque na pata, esses dados coincidem quanto ao efeito facilitador dos tranquilizantes menores e discordam quanto ao efeito da anfetamina e dos anti-triptamínicos, seja porque a primeira não altera a frequência do comportamento punido por choque na pata, seja porque os últimos exibem um efeito facilitador sobre o mesmo. Esses resultados indicam que há diferenças entre os mecanismos da punição central e os da periférica. O presente estudo visa dar continuidade à investigação dos mecanismos da punição central, através do uso de drogas. Para tanto, ratos foram submetidos a um programa múltiplo de dois componentes que se alternavam: sete minutos em intervalo variável de 120 segundos de média e um minuto de reforço contínuo, com punição a cada resposta. Em ambos os componentes utilizou-se água como reforço e o estímulo aversivo foi a estimulação elétrica da substância cinzenta periaquedutal dorsal mesencefálica, 60 Hz, 1 s de duração. Quando o desempenho no programa estabilizou-se, foram administrados anfetamina e clordiazepóxido, isoladamente ou em combinação com bloqueadores triptaminérgico, dopaminérgico, butirérgico e colinérgico. Serão apresentados os resultados iniciais.

Cassia Maria Liserre Leone e Frederico Guilherme Graeff. Departamento de Farmacologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo.

Para verificar a possível participação da serotonina (5-HT) na acentuação da supressão das respostas punidas causadas pela anfetamina, o presente estudo tencionou medir o efeito da combinação de diferentes doses de anfetamina com as de um bloqueador potente e específico dos receptores de 5-HT, a metergolina, sobre o comportamento operante punido e não punido, do pombo. Para tanto, os pombos foram treinados a biter um disco segundo um esquema múltiplo com 2 componentes de intervalo fixo de 5 minutos (IF5) de apresentação de alimento. Um deles era sinalizado por uma luz verde e o outro por uma luz vermelha. Toda resposta emitida no componente sinalizado pela luz vermelha era punido com um choque elétrico dado através de eletrodos implantados ao redor dos ossos pariaes. Foram determinadas curvas dose-efeito de anfetamina e metergolina sobre o responder punido e não punido. Em concordância com resultados anteriores, doses entre 1.0 e 3.0 mg/kg de anfetamina diminuíram significativamente as frequências globais de respostas no IF5, sem afetarem significativamente o responder não punido. Também analogamente a resultados publicados com outros anti-serotoninicos, doses entre 0.1 e 3.0 mg/kg de metergolina facilitaram acentuadamente o responder punido, sem afetar significativamente o componente não punido do esquema múltiplo. Resultados preliminares com a combinação da dose máxima efetiva da metergolina (0.55 mg/kg) com diferentes doses de anfetamina sugerem que o bloqueio dos receptores de 5-HT não antagoniza o efeito supressor da anfetamina sobre o comportamento punido.

Financiado pela FAPESP (6101/80/1769-0). (*) Bolsista de CAPES

Estudo Int. P. A

UMA PROPOSTA DE ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DO INTERCÂMBIO VERBAL PROFESSOR-ALUNO

80

Edna Maria Marturano

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo

Esta análise é proposta como um instrumento de investigação capaz de apreender interações complexas entre os componentes do intercâmbio verbal professor-aluno. O material para análise consiste de audiograções, feitas na sala de aula, cujo conteúdo verbal é posteriormente transcrito, subdividido em unidades gramaticalmente definidas e cronometradas. Cada unidade verbal é classificada quanto a seu conteúdo, teor afetivo, forma de expressão e função interativa. Através de análise de contingência, determinam-se as associações significativas entre características temporais e as demais dimensões. Como ilustração do emprego dos procedimentos propostos, são apresentados os resultados de análise de uma amostra de 40 minutos de aula em uma classe de 1ª série. Esses resultados permitiram determinar valores críticos da pausa na manutenção ou interrupção do intercâmbio, provendo uma base empírica para identificar diádes verbais na amostra. Indicadores de proximidade e distância afetiva aparecem associados a conteúdos específicos na fala da professora. Foram detectados efeitos do conteúdo da fala do aluno na verbalização subsequente da professora, assim como estratégias empregadas por este no controle da classe e no ensino acadêmico. Ficou evidente a relevância das características temporais na organização do diálogo e na determinação de funções de diferentes conteúdos verbais. Recomenda-se a abordagem multidimensional como alternativa aos procedimentos de análise usualmente empregados em pesquisa sobre interação professor-aluno.

ANÁLISE DE DOIS TIPOS DE COMENTÁRIOS ACERCA DE TRABALHOS DE ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA DA PUCSP AO SE CONSEQUENCIAR O DESEMPENHO VERBAL ESCRITO

81

Denize Rosana Rubano - PUCSP; Maria Martha Costa Hübner D'Oliveira - PUCSP; Monica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni - PUCSP

Analisar o efeito de diferentes tipos de comentários sobre o desempenho verbal escrito de alunos do primeiro ano de Psicologia da PUCSP, foi o objetivo do presente trabalho. Estes alunos foram aleatoriamente divididos em dois grupos, no início do curso, e cada um dos grupos recebeu no seu decorrer um tipo de comentário. O primeiro grupo (13 sujeitos-grupo experimental) recebeu comentário feito pelos pesquisadores com as seguintes características: padronizado, imediato, sobre a forma e o conteúdo do trabalho, feito de maneira gradual e descritiva, identificando claramente o tipo de erro ou de acerto. O segundo grupo (18 sujeitos-grupo controle) recebeu comentários feitos pelo professor e monitores, comentários esses que apresentavam as seguintes características: não padronizado, imediato, identificando acerto e erro apenas em relação ao conteúdo. Em relação à forma de trabalho, registrava-se as seguintes aspectos: organização, completicidade das sentenças, encadeamento das idéias, fundamentação das afirmações e clareza e precisão de termos. Quanto ao conteúdo registrava-se o desempenho segundo dez categorias. Os resultados indicaram que em todas as categorias houve uma melhora do desempenho dos alunos do grupo experimental, não ocorrendo o mesmo para os do grupo controle. Neste grupo, as variações de desempenho foram maiores que as do grupo experimental, sendo que apenas nas categorias de conteúdo e fundamentação ocorreu uma ligeira melhora no último trabalho. Obs: Esta pesquisa está sendo financiada pela PUCSP.

UMA PROGRAMAÇÃO PARA A DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO DE ENFERMAGEM. Nivaldo Nale, João Carlos Pedrazzani, Sílvio Paulo Botomé. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

82

Este trabalho descreve um programa de Prática de Ensino de Enfermagem desenvolvido de forma a levar os alunos a planejar, executar e avaliar um programa de ensino para a comunidade. Descreve, igualmente, alguns dados colhidos na experiência. Compativelmente com o fato de se tratar de uma disciplina cursada ao final da licenciatura, e que deveria concluir a sequência da formação pedagógica do aluno, os objetivos terminais que praticamente se impõem para a disciplina são os de capacitar o aluno a (1) planejar programas de ensino, (2) desenvolvê-los junto a populações discentes, e (3) avaliar a eficiência e/ou eficácia dos programas desenvolvidos. Face à abrangência destas metas, em termos de objetivos palpáveis do processo instrucional foi proposto o planejamento de um Curso de curta duração e sua execução. A decomposição destes objetivos permitiu a identificação de intermediários tais como: "planejar atividades de ensino compatível com os objetivos propostos", "confeccionar material instrucional" e "planejar procedimentos que permitam a coleta de dados de avaliação", respectivamente para os terminais planejar, desenvolver e avaliar programas. Estes intermediários foram o ponto de partida para a seleção de atividades que garantissem oportunidade de o aluno efetivamente se comportar como um profissional ao planejar seus cursos, dentro de uma perspectiva comportamental. O desempenho dos alunos nas atividades propostas levou a produtos intermediários (tais como decomposições comportamentais de alguns objetivos terminais e proposição de objetivos terminais e intermediários para as diferentes unidades do Curso a ser desenvolvido) e a produtos terminais (tais como a produção de um programa completo de ensino, incluindo descrição de procedimentos, instruções, textos a serem utilizados, exercícios, etc.; execução do programa sob a forma de curso de extensão oferecido sob responsabilidade dos professores e inteiramente desenvolvido pelos estagiários; avaliação de três aspectos do programa, definidos em função de questões que preocupavam ou interessavam à classe). Em decorrência dos resultados obtidos, os professores responsáveis puderam introduzir diversas modificações no programa de Prática de Ensino desenvolvido; a avaliação positiva dos mesmos levou a uma replicação da experiência durante o ano seguinte, quando foi oferecido um curso com tema mais amplo (envolvendo prevenção de acidentes) na sede de um sindicato a uma população de operários. Os resultados das primeiras aplicações permitem que se discuta as implicações da estratégia geral da programação desenvolvida em termos de formação dos alunos, de envolvimento do professor e estagiários com a realidade social e do estabelecimento de relação universidade-comunidade de forma concreta simples e estável.

PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DE CURSOS PARA A COMUNIDADE: UMA ESTRATÉGIA PARA DESENVOLVIMENTO DA DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO. Sílvia Paulo Botome, Nivaldo Nale, João Carlos Pedrazzani. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.

A legislação que regulamenta os Cursos de Licenciatura obriga a que o aluno, como parte das atividades desenvolvidas junto a disciplina Prática de Ensino, tenha uma prática docente através de um estágio de aplicação. As alternativas tradicionais para o desenvolvimento destes estágios, no que se refere inclusive aos objetivos e atividades a serem desenvolvidas, colocam o supervisor e os estagiários sob controle de condições já existentes na instituição onde o indivíduo irá estagiar (condições estas frequentemente restritivas e inadequadas). Parece derivar deste aspecto os frequentes problemas e limitações apontados nestes estágios. Esta análise levou os autores a proposição de uma estratégia de planejamento para a disciplina Prática de Ensino que traz o controle da atividade desenvolvida às mãos do supervisor e dos estagiários. Esta estratégia envolve o planejamento, pelo conjunto dos estagiários, de um programa de ensino em sua área de formação, o desenvolvimento do programa para uma população, sob a forma de Curso de Extensão, e, finalmente, a avaliação do desempenho do programa como um todo ou de aspectos dos mesmos. A estratégia traz as seguintes implicações e perspectivas: (a) permite a supervisor e estagiários envolver-se em uma experiência integrada de ensino, conduzida cooperativamente, e sob a qual têm amplo controle (naquelas aspectos sobre os quais normalmente o professor tem ou deveria ter poder de decisão); (b) coloca professor e estagiários sob controle de contingências naturais decorrentes do planejamento de um Curso, multiplicando as condições capazes de levar o estagiário a se comportar de formas significativas para a comunidade e para ele enquanto profissional; (c) permite um envolvimento efetivo com a comunidade, levando os alunos a trabalhar em função de uma realidade social e não das exigências do professor; (d) oferece uma forma simples e de baixo custo de integração da universidade com a comunidade; (e) cria oportunidades numerosas para produção e sistematização de conhecimento em Educação e para o envolvimento dos discentes em atividades de pesquisa em ensino; (f) gera uma alta probabilidade de que, com o desenrolar do Curso, professores e estagiários passem a se relacionar num nível que ultrapasse o de professor-aluno e atinja o de profissionais em ação; (g) a longo prazo, a estratégia pode se converter numa fonte de programas de ensino para a comunidade e de dados relativos à aplicação destes programas, relativos a características da comunidade, entre outros. A estratégia em questão foi implementada nos últimos dois anos para populações de alunos de licenciatura em Enfermagem. Em 1980 o produto foi um curso de Primeiros Socorros oferecido para populações de universitários; em 81, um curso de Primeiros Socorros e Prevenção de Acidentes foi planejado e está sendo oferecido para uma população de operários.

83

A INFLUÊNCIA DA ESTRATÉGIA E DA AVALIAÇÃO, UTILIZADAS PELO PROFESSOR, NO RENDIMENTO DOS ALUNOS (2ª PARTE).

84

Dair Ailly Franco de Camargo e Lisete Diniz Ribas Casagrande

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP.

O presente trabalho dá continuidade a um estudo iniciado em 1979, com a finalidade de investigar a influência de algumas variáveis controladas pelo professor, (estratégias e avaliação) sobre o rendimento dos alunos. No primeiro estudo, tomando-se a estratégia como VI e usando-se o mesmo instrumento de avaliação, verificou-se que o rendimento final apresentado pelos dois grupos de alunos (submetidos a diferentes estratégias instrucionais), não diferiu significativamente entre si, ao nível de 0,001. No segundo estudo, tomou-se a avaliação como VI e utilizou-se para todos os alunos, uma única estratégia de auto-instrução, na mesma disciplina de Didática Aplicada à Enfermagem; o processo de avaliação constituiu-se de: 1) um pré-teste (avaliação diagnóstica, com 14 testes de conhecimento, 1 de compreensão, 10 de aplicação, segundo a Taxionomia de Bloom); 2) uma "prova intermediária", (Pi), com 5 testes de conhecimento, 6 de compreensão, 2 de aplicação e 7 de análise de elementos; 3) um pós-teste (avaliação somativa, paralelo ao pré-teste). As hipóteses foram: 1) O rendimento apresentado pelos alunos na prova intermediária (mais complexa) é significativamente menor que no pós-teste; 2) O rendimento apresentado pelos alunos de 1981 não difere significativamente do rendimento apresentado pelos alunos de 1979, quando submetidos à mesma forma de avaliação. Os dados obtidos foram analisados através do Teste Wilcoxon para duas amostras relacionadas, confirmaram as hipóteses acima, permitindo concluir que "o tipo de avaliação usado" foi de influência determinante na igualdade de desempenhos apresentada por alunos submetidos a diferentes estratégias instrucionais.

Larry Williams, Deborah Schönmann, Marli Ferreira e Ana Lúcia Rossito.
(Programa de Mestrado em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos) São Carlos - SP

Este trabalho analisa os efeitos de diversas contingências e métodos padronizados utilizados em um curso para ensinar professores de educação especial, habilidades básicas de planejamento instrucional, organização de atividades em sala-de-aula e análise de problemas comportamentais de crianças excepcionais em situação acadêmica. 27 professores de crianças excepcionais, participaram de um curso de extensão universitária de 200 horas de duração em que foram programadas aulas expositivas, leituras, discussões em pequenos grupos, exames, atividades práticas envolvidos na produção de um programa de ensino e modelo de programação e avaliação do progresso da criança em diversos conteúdos acadêmicos. Além disto, em uma extensão do método de Hall (1971) denominado "responsive teaching", cada professor desenvolveu um projeto individual no sentido de planejar e avaliar um determinado conteúdo acadêmico, além de lidar com um problema comportamental da classe durante um semestre. Todos os professores assinaram "contratos" especificando a forma e duração de seus respectivos projetos. Além disto, 10 professores foram observados em suas respectivas salas no sentido de se avaliar habilidades práticas de ensino, verificação da manutenção das contingências especificadas no contrato e, se necessário, receber sugestões e "feedback". Apresenta-se uma análise dos efeitos das contingências formais do curso e métodos de ensino (tais como questões de estudo, exames e nível de conhecimento teórico; e recebimento de modelo para o planejamento instrucional em sala-de-aula). Os resultados sugerem a necessidade de um modelo de treinamento prático nas respectivas salas de aulas em contraposição ao treino formal universitário para aquisição de habilidades de ensino e métodos de planejamento acadêmico por parte de professores de crianças excepcionais. As implicações do método instrucional de Hall para esta população são discutidas.

Larry Williams, Ana Lúcia Rossito e Lúcia C. de Albuquerque Williams.
(Programa de Mestrado em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos) São Carlos-SP

O presente trabalho descreve a participação de alunos de pós-graduação em uma replicação do sistema de treinamento denominado "responsive teaching" (Hall, 1971) ao ensino de planejamento de atividades acadêmicas e atuação em sala-de-aula em um curso de especialização a 27 professores de crianças excepcionais. O treinamento acadêmico dos professores está descrito em 24 passos incluindo aulas, seminários e demais atividades programadas para levar o professor de crianças excepcionais a planejar, ensinar e avaliar habilidades acadêmicas para pré-escola e 1º grau. Incluído no trabalho encontra-se uma descrição do treinamento de 16 pós-graduandos em Educação Especial em como dar aulas expositivas aos professores, além de orientá-los na programação de habilidades acadêmicas e coletar dados observando a atuação de alguns dos professores em sala-de-aula. O projeto é analisado em torno do pressuposto defendido por Keller (1968) de que a melhor maneira do aluno aprender consiste em fazê-lo ensinar.

FATORES E ETAPAS NO DESENVOLVIMENTO DA INFERÊNCIA TRANSITIVA NA CRIANÇA
Analúcia Dias Schliemann - Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

Os objetivos deste estudo foram: a) identificar as etapas que precedem a aquisição da inferência transitiva na criança, isto é, a compreensão de que se $A > B$ e $B > C$, então $A > C$ e b) analisar a importância das ações da criança e de suas habilidades verbais neste desenvolvimento.

Dois grupos de crianças inglesas com idades entre cinco e oito anos foram classificadas quanto à estratégia utilizada em um teste de transitividade e quanto à habilidade de justificar verbalmente as respostas em que utilizavam a inferência transitiva. Estas crianças também foram testadas quanto à aquisição da inversão (se $A > B$, então $B < A$) e da reversibilidade (se $A > B > C$, então $B < A$ e $B > C$), em tarefas ativas e em tarefas verbais.

A análise da sequência de aquisições para a transitividade, a reversibilidade e a inversão mostrou, para as tarefas ativas, que a inversão é adquirida antes da reversibilidade, a qual é adquirida antes da transitividade. Para as tarefas verbais tal sequência não foi encontrada. Estes resultados estão de acordo com a posição de Piaget no que se refere ao papel secundário da linguagem, em oposição à importância das ações, na aquisição do pensamento lógico. Tais dados, no entanto, não concordam com o modelo de equilíbrio de Piaget o qual postula o desenvolvimento simultâneo das três noções. A análise das interrelações e do nível de complexidade das tarefas parece proporcionar um modelo mais adequado para este aspecto do desenvolvimento cognitivo.

Instituição financiadora: CAPES, através de bolsa para Doutorado no University College London, Universidade de Londres.

87

UM PROGRAMA DE TRABALHO MULTIPROFISSIONAL COM ÊNFASE NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Sylvia Rosalina Panico Gorayeb - Coordenadora da equipe responsável pelo programa

Casa da Criança Santo Antonio - Ribeirão Preto - Estado de São Paulo

Este programa está sendo desenvolvido na casa da criança Santo Antonio, Instituição que atende a 120 crianças, de zero a seis anos, provenientes de famílias de baixa renda. Desde o início de 1981 um grupo composto de pessoas da comunidade vem trabalhando na reorganização geral desta creche. Foi elaborado um esquema de trabalho composto por coordenadorias integradas por um coordenador geral. O programa da coordenadoria técnica aqui relatado tem como principal objetivo a promoção da saúde e desenvolvimento da criança através de um trabalho integrado com as pais. A ênfase deste trabalho está sendo no "fazer fazer" e gradativamente as pais juntamente com a professora e a equipe técnica foram criando formas de atuar segundo os objetivos que eram definidos. Hoje as pais estão atuando diretamente com as crianças, definindo seu repertório comportamental, programando o que ensinar para as crianças e como ensinar. A professora passou de professora das crianças à colaboradora das pais. Cada criança é acompanhada individualmente pela pai responsável por ela e a aquisição de novos comportamentos pelas crianças pode ser observada dia a dia. Os serviços de saúde e de assistência social começaram a atuar junto às famílias de forma a integrar o trabalho família-creche. A experiência tem sido bastante gratificante e os resultados que estão sendo encontrados demonstram os efeitos deste programa.

88

Terezinha Nunes Carraher e Analúcia Dias Schliemann. Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco.

Uma análise do sistema numérico decimal indicou as seguintes dificuldades que a criança deve vencer para compreender o sistema: (1) números não são rótulos para conjuntos ou elementos, mas indicam valor; (2) nesse sistema numérico usa os mesmos símbolos para valores diferentes determinados pela posição; (3) a representação do valor neste sistema não é direta, mas envolve operações ($11 \times 10 + 1$); (4) o uso da posição como indicador do valor dificulta a representação para a criança. Hipotetizou-se que os números podem ser aprendidos como rótulos ou compreendidos como parte de um sistema. A compreensão dos números dentro do sistema depende do desenvolvimento na criança de operações mentais como a conservação. As crianças que não compreendem a conservação de número tratam números como rótulos e não compreendem, portanto, o sistema decimal.

O presente estudo investigou estas hipóteses apresentando a crianças de 1a. e 2a. séries: (1) problemas que investigam a compreensão de um sistema numérico de base dez codificando valor através de cores; (2) questões sobre o valor relativo de elementos nesse sistema; (3) questões de escrita e leitura de números; (4) problemas de conservação de número.

Os resultados indicaram uma estreita relação entre conservação e compreensão do sistema decimal, sendo que uma performance perfeita nas tarefas em que o valor era codificado por cores precedia uma performance perfeita nas tarefas de leitura e escrita de números. A intuição de valores relativos no sistema com valores codificados por cor precedeu sua quantificação e mostrou-se independente da conservação. Os resultados sugerem que a afirmativa de Piaget de que o conceito de número depende da conservação recebeu apoio empírico através desta nova análise da questão. O estudo tem importantes consequências práticas para a educação matemática elementar.

"PROCEDIMENTOS DE ESCOLHA CONFORME O MODELO E ESCOLHA DO ÍMPAR NA AQUISIÇÃO DA NOÇÃO DE

90

CONSERVAÇÃO", Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis e Dr. Lino de Macedo
Depto de Psicologia e Educação, FFCL de Ribeirão Preto, USP

Considerando-se a polêmica sobre os fatores determinantes da aquisição da noção de conservação, foi feita uma pesquisa com o objetivo de investigar o papel da aprendizagem discriminativa na aquisição da noção de conservação de correspondência termo-a-termo, comparando-se procedimentos de treino baseados na escolha conforme o modelo e escolha do ímpar, adaptados ao paradigma de uma prova de conservação. Sujeitos pré-escolares foram submetidos a um pré-teste que incluía provas de conservação de correspondência termo-a-termo, substância, peso, correspondência cardinal-ordinal, noção de seriação e preferência de atenção. Quarenta sujeitos que apresentaram desempenho não-operatório nestas provas foram selecionados e subdivididos igualmente em 4 grupos. O Grupo I foi treinado no procedimento de escolha conforme o modelo, o Grupo II no procedimento de escolha do ímpar e o Grupo III em ambos os procedimentos. O Grupo IV foi o controle. Todos os sujeitos foram submetidos a um pós-teste imediatamente após o treino e, novamente, depois de trinta dias, tendo-se utilizado as mesmas provas do pré-teste. Apenas o Grupo III apresentou alteração estatisticamente significativa na prova de conservação de correspondência termo-a-termo, nos pós-testes. Não foi constatada relação entre habilidade em discriminar determinada dimensão do objeto e aquisição da conservação. Os resultados foram discutidos considerando-se as diferenças entre os procedimentos de aprendizagem discriminativa usuais e os adaptados ao paradigma de provas de conservação, bem como as diferenças entre os procedimentos de treino utilizados com cada grupo. Concluiu-se que os resultados encontrados se adequam mais a uma interpretação piagetiana da aquisição da noção de conservação do que a uma interpretação com base na teoria de aprendizagem discriminativa.

* Projeto financiado pela FAPESP

O presente estudo tem como objetivo familiarizar-nos com a aplicação da EDPL e descrever o desempenho nas 5 provas da referida escala, de uma amostra casual de alunos, funcionários e professores desta Faculdade. A Escala de Longeot foi proposta pelo autor, tentando padronizar as experiências de Inhelder e Piaget para transformá-las num "teste" de nível mental. Ela é composta de 5 provas, escolhidas de acordo com o tipo de operação intelectual em jogo. Essas provas são: Conservação peso-volume, Permutações, Quantificações das probabilidades, Oscilações de Pêndulo e Curvas Mecânicas. Segundo o desempenho nas provas, os alunos recebem pontos que permitem classificá-los quanto ao estágio de desenvolvimento cognitivo. Nossa amostra é constituída de 33 elementos: 4 funcionários, sem curso universitário, 6 professores, 14 alunos de 4º ano dos cursos de Química e Biologia e 9 alunos de 1º ano dos mesmos cursos.

Nosso procedimento consistiu na aplicação individualizada, com duração média de uma hora, e avaliação, das 5 provas da escala aos 33 elementos da amostra. Como o trabalho ainda se encontra em andamento, nos limitaremos a relatar a tendência observada nos dados até o presente momento. 1) 70% dos funcionários foram classificados como "pré-formal"; 25% como "operatório concreto B". 2) 44% dos alunos de 1º ano foram classificados como "pré-formal". Dos 56% restantes, 22% foram classificados como "formal B" e 34%, como "formal A". 3) 15% dos alunos de último ano foram classificados como "pré-formal". Dos 85% restantes, 30% foram classificados como "formal B" e 55%, como "formal A". 4) 83% dos professores da amostra foram classificados como "formal B", segundo a escala de Longeot.

A ÉCHELLE DE DEVELOPPEMENT DE LA PENSÉE LOGIQUE" (EDPL) DE LONGEOT: DESCRIÇÃO E UTILIZAÇÃO. Maria Thereza C.C. Souza e Lino de Macedo

92

Em 1968, Longeot publicou a "Échelle de Développement de la Pensée Logique" (EDPL) baseado na teoria de desenvolvimento de Piaget. Esta escala é composta de cinco provas operatórias: conservação, permutações, quantificação de probabilidades, oscilações do pêndulo e curvas mecânicas. Estas provas foram baseadas nos livros: "O desenvolvimento das quantidades físicas na criança" de Piaget e Inhelder (provas de conservação); "A origem da idéia do acaso na criança" de Piaget e Inhelder (provas de permutação e probabilidades); "Da lógica da criança à lógica do adolescente" de Inhelder e Piaget (prova do pêndulo) e "La géométrie spontanée de l'enfant" de Piaget, Inhelder e Szeminska (prova de curvas mecânicas). Para a aplicação da EDPL dispõe-se de uma caixa contendo todos os materiais necessários e um manual em que são apresentadas pormenorizadamente todas as instruções para a aplicação das provas e avaliação das respostas dos sujeitos. A avaliação pode ser feita prova por prova e no total. Neste caso, o sujeito pode obter um escore variando de 0 a 28. O intervalo de 0 a 4 corresponde à classificação Concreto A; de 5 a 10, Concreto B; de 11 a 17, Pré-formal; de 18 a 23, Formal A e de 24 a 28, Formal B. De 1977 a 1981, realizamos, sob os auspícios da FAPESP, duas pesquisas utilizando a EDPL. A primeira consistiu da aplicação desta escala em 180 sujeitos entre 9 e 15 anos, trinta para cada faixa etária, e de uma reaplicação dela em 25% destes sujeitos, seis meses depois. Os resultados, quanto ao primeiro aspecto, não diferiram significativamente dos de Longeot; quanto ao segundo, não diferiram significativamente dos da primeira aplicação, embora apresentando melhorias nos escores. A segunda pesquisa, ainda em andamento, pretende comparar os desempenhos de universitários de primeiro e último anos de três cursos: Psicologia, Educação Física e Física. Além disso, sabemos de duas pesquisas, também em andamento, utilizando a EDPL: uma delas, com adultos entre 18 e 30 anos, de escolarização primária e outra, em que apenas parte da escala é utilizada, com estudantes colegiais.

TÍTULO: EMPREGO DE UM PROCEDIMENTO DE TREINO GRADUAL DE DISCRIMINAÇÃO DE SÍLABAS EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA.

Autores: Ester Lúcia Serrano Francischini; Vera Maria Boff; Vera Lúcia Sobral Machado e Sônia Santa Vitaliano Graminha.

Instituição: F.F.C.L de Ribeirão Preto- USP- Departamento de Psicologia e Educação

93

Visando a atuação imediata com crianças apresentando dificuldades específicas de discriminação de sílabas semelhantes quanto ao som e/ou grafia na leitura e na escrita, foi elaborado um procedimento de treino aplicado neste estudo, em 2 crianças: uma de 11 e outra de 9 anos ambas do sexo masculino, alunas da 1ª e 2ª série do 1º grau respectivamente. O estudo e treinamento destas crianças constou de 3 fases: 1) Pré-avaliação; 2) fase de treinamento; 3) pós-avaliação. O treinamento foi realizado para discriminação entre M e N e entre V e F e constou de 3 etapas programadas hierarquicamente. As 2 primeiras com o objetivo de familiarizar as crianças ao som e a grafia de cada uma das duas sílabas semelhantes, que eram apresentadas separadamente; a terceira com o objetivo de levar as crianças a discriminarem entre as duas sílabas semelhantes, que eram apresentadas juntas. Em cada uma das três etapas, as crianças passavam por treinamento gradual: a) eram apresentadas verbalmente sílabas e palavras contendo ou não as sílabas em treinamento e as crianças deveriam emitir uma resposta sinal de identificação das sílabas; b) eram apresentadas por escrito sílabas, palavras, frases e histórias e as crianças deveriam emitir respostas de grifar as sílabas; ler e copiar sílabas, palavras, frases e histórias; c) eram apresentadas verbalmente sílabas, palavras, frases e histórias e as crianças deveriam escrevê-las. A cada sessão de treino, os acertos eram reforçados por fichas e os erros por perda de fichas. Os resultados mostraram que: a) as crianças apresentaram poucos erros no decorrer do treino; b) o nº de erros diminuiu da pré para pós-avaliação; c) as crianças passaram a ter um desempenho adequado no final de poucas sessões de treino.

TÉCNICA DE CONTROLE DE ATENÇÃO EM CRIANÇAS EXCEPCIONAIS: Edna Maria Müller e Sônia Cristina Paiva (Instituto de Letras, História e Psicologia, UNESP - Assis - SP)

O objetivo da pesquisa foi verificar se o uso do método "matching to sample", para controle da atenção em crianças normais surte o mesmo efeito em crianças excepcionais. Conforme a hipótese lançada, as crianças excepcionais não aprenderiam a discriminar formas geométricas através desse método, pois demoram mais tempo para começar a observar a dimensão relevante, por não possuírem estratégias adequadas para isso. Partindo daí, foi planejado o método de "fading" com as crianças que não adquirissem discriminação pelo primeiro método, numa tentativa de melhor controlar a atenção. Como material foram utilizadas formas em isopor (cubo, pirâmide e esfera). Os sujeitos foram crianças da APAE e de uma creche de periferia, com idade mental variando de 3 a 4 anos. Das 5 crianças excepcionais submetidas ao treino discriminativo, pelo método "matching to sample", apenas uma não atingiu o critério de discriminação estipulado, sendo submetida ao treino pela técnica de "fading". As crianças do grupo de controle atingiram o critério de discriminação estabelecido no teste discriminativo, não sendo necessária a aplicação do treino pelo método "matching to sample". A comparação entre os dois grupos foi realizada através de um teste de generalização do conceito de forma, a fim de se verificar se havia ocorrido discriminação mesmo quando os estímulos passavam de tridimensionais para bidimensionais. Foram levantadas duas hipóteses a partir dos resultados obtidos: 1ª-O material utilizado proporcionaria a criança uma melhor percepção dos estímulos relevantes; por conter em si todas as suas propriedades e não apenas abstrações das mesmas. 2ª-As instruções fornecidas no transcorrer do teste, quanto do treino discriminativo estariam fornecendo "dicas" com relação a resposta adequada. (FAPESP)

94

estudo

ELABORAÇÃO DE UM CATÁLOGO DE COMPORTAMENTOS MOTORES OBSERVADOS NA INTERAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS - Cecília Guarnieri Bacista - Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Dentro de uma preocupação mais ampla de efetuar uma análise funcional da interação entre pais e filhos em situação natural, e propondo-se um estudo descritivo do comportamento como primeira fase dessa análise, buscou-se, no presente trabalho, elaborar um catálogo de comportamentos motores de pais e seus filhos numa situação estruturada específica. Foram sujeitos do estudo quatro famílias em que a idade das crianças observadas variava entre um ano e seis meses a quatro anos e quatro meses. As observações foram realizadas na situação de refeição (almoço), num total de vinte e duas sessões, variando de cinco a seis sessões por família. Os comportamentos motores foram anotados através da técnica de registro contínuo. O catálogo de comportamentos resultante consta de 129 verbos definidos e codificados e de uma relação dos termos da oração a serem registrados com cada um desses verbos, dentro dos objetivos mais amplos do projeto. Na definição de cada verbo faz-se menção a outros verbos, sendo todos definidos no catálogo. As relações entre os verbos estão representadas em um diagrama de árvore e em um quadro de verbos compostos. Cada definição é apresentada na forma de uma contingência de três termos: condição, resposta e produto. As definições dos verbos com sentidos opostos são apresentadas em conjunto, destacando-se os pontos comuns e os pontos divergentes do par de definições. Discute-se as vantagens dessas características do trabalho para a tarefa de elaboração e avaliação de um catálogo de comportamentos.

95

Parte do presente trabalho foi desenvolvida enquanto a autora era bolsista da CAPES (Processo SBP nº 002807/74 Proj. 1208/75)

metodológico estudo

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DE CATEGORIAS COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS

Martins, M.A.O.; Pessotti, R.C. e Mendes, E.G.; Reis, A.J.A.; Souza A.A.M.

96

Este trabalho tem como objetivo a elaboração de um roteiro de avaliação de crianças com suspeita de D.M., por estagiários em Psicologia do Excepcional. Além dos procedimentos de elaboração do roteiro, serão relatadas as dificuldades na metodologia de trabalho e nas decisões quanto a relevância ou não de certas categorias e sub-categorias de comportamentos.

Embora não se dispense o uso de instrumentos normativos, como escalas de desenvolvimento infantil para obter uma primeira verificação de ocorrência ou não de atrasos de desenvolvimento, fica evidente a necessidade de um instrumento que permita observar o máximo de detalhes, para que o examinador fique atento aos vários modos de aparecimento de condutas, para facilitar então uma análise funcional e conseqüentemente uma melhor escolha para uma programação educacional.

O levantamento de grandes categorias está sendo efetuado através da análise de: escalas e inventários de desenvolvimento infantil e através de análises de tarefas ou dos conceitos das sub-categorias de comportamentos consideradas.

Lucinda A. Sola Perez, Sonia R. Nunes Ito, Lúdia M. Migueis Jorge, Aracy Lorita Readrich e Donzília do Rosário Aveiro. (Inst. Metodista de Ensino Superior, Depto. Fundamentos Psicológicos e Clínicos, S. Bernardo do Campo, São Paulo) (*).

O trabalho consistiu na observação e registro do comportamento de crianças frente a animais do zoológico: jacaré, onça, leão, pantera e lince. Foram observadas 20 a 40 crianças em cada uma das cinco situações; num total de 147 sujeitos. Os sujeitos eram de ambos os sexos, distribuídos em três faixas etárias: 3 a 6 anos (50 crianças); 7 a 9 anos (53 crianças); 10 a 12 anos (44 crianças). Foram feitas três sessões de observação, em cada situação com observação de 15 minutos cada uma, a técnica utilizada foi o registro contínuo.

A partir dos dados obtidos foram estabelecidas sete categorias de comportamento: 1-falar com animal; 2-sons onomatopáicos; 3-expressões faciais e gestos; 4-perguntar sobre o animal; 5-comentar sobre o animal; 6-olhar placa de identificação; 7-fotografar. Os dados referem-se a frequência percentual de sujeitos que apresentam estas categorias de comportamento. As categorias mais frequentes foram: comentar sobre o animal, expressões faciais e gestos e perguntar sobre o animal. Foram encontradas diferenças comportamentais relacionadas a situação (animal observado) e a idade das crianças.

Trabalho realizado na disciplina de Psicologia Experimental sob orientação da professora Marilda F. Danna (*).

estudo metodológico

UM INSTRUMENTO PARA OBSERVAÇÃO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE CLÍNICA - ÊNFASE NO LEVANTAMENTO DE REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL

Sonia Santa Vitaliano Graminha e Vera Lúcia Sobral Machado

98

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo

O presente trabalho tem por objetivo descrever um Roteiro de Observação elaborado para ser utilizado com crianças de pré-primário, de 5 anos de idade, que apresentam problemas de aprendizagem e/ou comportamentais. A elaboração deste roteiro teve como objetivos: 1) levantar uma série de áreas relevantes a serem investigadas para caracterização do repertório comportamental dessas crianças; 2) sugerir algumas formas de investigação dessas áreas através de observação. O procedimento de elaboração desse roteiro compreendeu 5 etapas: levantamento das áreas comportamentais a serem investigadas; definição de cada uma dessas áreas; planejamento de situações que possibilitassem a investigação dessas áreas; planejamento dos tipos de registro de comportamentos em função de cada uma das áreas; distribuição dos diversos itens a serem investigados em sessões de observação. O roteiro foi construído para investigar os seguintes comportamentos: atenção; seguimento de instrução; imitação; comportamento de brincar; comportamento motor amplo e fino; comportamento verbal; conceitos: igual/diferente, côr, tamanho, distância, altura, posição, velocidade, forma, espessura, ordenação, direita/esquerda, quantidade; capacidade de síntese; sequência lógica; percepção de detalhes; interação mãe-criança em atividade livre e em atividade estruturada. Este roteiro foi aplicado por alunos estagiários no decorrer do atendimento de 7 crianças do pré-primário, como parte do treinamento em diagnóstico funcional. Com base nas dificuldades de aplicação foram feitas algumas reformulações após o que o roteiro ficou constituído para aplicação em 3 sessões de observação de duração média de uma hora cada.

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams e Ana Lúcia Rossito

(Programa de Mestrado em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos) São Carlos-SP

O principal objetivo do "Projeto Famílias" é duplo: oferecer oportunidade de ensino e pesquisa ao aluno do Programa de Mestrado em Educação Especial (PMEE) em habilidades relativas ao treino de pais e familiares e, sendo assim, prestar serviço à comunidade, oferecendo condições a pais a acelerarem o desenvolvimento de crianças excepcionais pré-escolares.

O programa de treinamento de pais do projeto é desenvolvido por professores (alunos do PMEE) no ambiente natural das famílias, através de visitas domiciliares semanais. O Programa de treinamento baseia-se no sistema "Portage" de Educação Pré-Escolar (Shearer e Sheare, 1972), tendo sido tal sistema escolhido como ponto-de-partida por ser uma das melhores opções existentes quanto aos sistemas já produzidos em termos de treinamento de pais de crianças excepcionais com características preventivas. Entretanto, se o Projeto "Famílias" permite avaliar a adequabilidade do sistema Portage, não pretende se restringir ao uso de tal sistema. Sendo assim, a produção de dados coletados e sua análise subsequente, permitiria um constante avaliar do sistema empregado, podendo ser este alterado e eventualmente substituído.

O presente relato visa descrever o projeto e analisar de modo global seus resultados desde sua implementação (1979) até o momento. Vinte e cinco famílias já participaram do trabalho sendo em sua maioria de baixo poder aquisitivo. Os resultados têm confirmado a viabilidade do projeto, indicando que o mesmo tem trazido benefícios às crianças envolvidas e seus familiares.

Intervenção

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, Sílvia Regina Ricco Lucato e Maria Luísa Guillaumon

Enme

(Programa de Mestrado em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos) São Carlos-SP

Este trabalho visa ilustrar através do trabalho desenvolvido com três famílias diferentes, algumas das atividades do Projeto "Famílias" (projeto que visa ensinar o pós-graduando do Programa de Mestrado em Educação Especial a ensinar familiares a acelerarem o desenvolvimento de seu filho excepcional).

1) Sujeitos: a) mediador: a mediadora do treino foi a mãe da criança, 39 anos, cor negra, primário incompleto, baixo poder aquisitivo. b) alvo: criança de 5 anos e meio, sexo masculino, cor negra, apresentando dificuldades na linguagem (caracterizado por troca e omissão de fonemas) além de um atraso cognitivo global e limitações no desempenho motor. Resultados: Em sete semanas de treino a mãe foi capaz de ensinar 19 comportamentos diferentes à criança, relacionados com habilidades acadêmicas e articulação de palavras.

2) Sujeitos: a) mãe da criança, 29 anos, cor branca, 1º grau incompleto, baixo poder aquisitivo. b) criança do sexo feminino, 6 anos e meio, apresentando como queixa principal atraso no desenvolvimento da linguagem, além de um atraso global. Criança em fase de "seguimento" após a família ter participado do projeto por um ano. Criança frequenta o pré-primário da rede normal do ensino (o trabalho descreverá adicionalmente o envolvimento da professora no projeto).

Resultados: Em sete semanas de treino a mãe instalou 14 comportamentos novos na criança, relacionados com habilidades acadêmicas e a articulação de palavras.

3) Sujeitos: a) mãe, 36 anos, cor branca, Instrução superior, alto poder aquisitivo. b) criança do sexo masculino, 5 anos e 2 meses, portadora de Paralisia Cerebral com comprometimento grave, hipotônico, com pneumônias crônicas e infecções renais frequentes. Resultados: Em 9 semanas de treino a mãe instalou 9 comportamentos diferentes na criança, relacionados com habilidades motoras, de auto-cuidados e de aquisição de linguagem.

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams e Ana Lúcia Rossito.

(Programa de Mestrado em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos) São Carlos-SP.

O "Inventário Portage de Educação Pré-Escolar" (Bluma, Shearer, Froman e Hilliard, 1976) consiste em uma listagem de 580 comportamentos da criança distribuídos em cinco áreas (desenvolvimento motor, cognição, linguagem, socialização e auto-cuidados) por faixa etária de 0 a 6 anos, e uma sexta área - Estimulação Infantil - específica para recém-nascidos. Tal inventário faz parte de um sistema amplo de treinamento de pais e educação pré-escolar ("Projeto Portage").

O presente trabalho consiste em uma tentativa de operacionalizar cada um dos 580 comportamentos do inventário, propondo-lhes definições, critérios, especificando as condições de avaliação e descrevendo o material a ser utilizado na mesma. Acredita-se que tal operacionalização possa ser útil a projetos de pesquisa que queiram empregar o Inventário Portage como um instrumento de avaliação sistemática de crianças com atrasos em seu desenvolvimento. A necessidade de tal operacionalização surgiu da experiência das autoras trabalhando no "Projeto Famílias", projeto que visa treinar familiares de crianças pré-escolares com atrasos de desenvolvimento em São Carlos. O procedimento utilizado na operacionalização envolveu consulta a cerca de 40 diferentes trabalhos (envolvendo desde escalas de desenvolvimento a inventários comportamentais) para obtenção de créditos. Foi elaborado um manual que orienta o observador sobre o procedimento a ser utilizado, modo de Registro, sugestões para o cálculo de fidedignidade e como analisar os resultados. Completado o trabalho, a operacionalização foi utilizada por 10 alunos do Programa de Mestrado em Educação Especial, participando do Projeto "Famílias", e os índices de fidedignidade alcançados têm sido bastante elevados, o que parece corroborar a adequabilidade da presente operacionalização.

Em treinamento

José Cesar, Antonio Bento Alves de Moraes e Maria Picillupo.

Este trabalho descreve um programa de treinamento de escovação dentária desenvolvido com 15 crianças (sexo feminino; 9 - 11 anos) a partir de uma sequência programada de passos comportamentais de escovação. Todas as crianças foram individualmente submetidas a sessões de linha de base, treino e teste. Durante as sessões de treino a sequência de passos foi ora utilizada dividida em "condições de treino" (Experimentos I e II), ora apresentada inteira aos sujeitos experimentais (Experimento III). Para o treinamento de cada passo utilizou-se sempre instrução verbal, demonstração em modelo de gesso dos passos de escovação e reforçamento social contingente à emissão correta dos comportamentos instruídos e demonstrados. Designou-se como "condição de treino" um conjunto específico de passos de escovação. Pretende-se, neste trabalho, (a) comparar o treinamento parcial e gradual de passos de escovação (Experimentos I e II) com o treinamento integral da sequência em cada sessão de treino (Experimento III); (b) comparar o desempenho de sujeitos submetidos a ordens diferentes de apresentação da mesma sequência (Experimento I) e (c) verificar se o treinamento parcial e gradual de passos de escovação produzia a aquisição de passos não treinados (generalização - Experimentos I e II). Em geral os dados mostram a eficiência do procedimento de instrução verbal e demonstração em modelo de gesso, especialmente quando se utiliza em cada sessão de treino a sequência completa de passos de escovação (Experimento III). Os resultados mostram também uma baixa generalização de passos de escovação. (Experimentos I e II).-

A. Bento A. Moraes; Paulo C.F. Cunha; Elizabeth J. Wessel; Regina C. Vieira (Fac. Odontologia de Piracicaba, UNICAMP, Piracicaba, SP)

Este trabalho pretende mostrar o que é o Laboratório de Psicologia da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (UNICAMP), seus objetivos, seu espaço físico e as atividades desenvolvidas e planejadas.

ATIVIDADES EM DESENVOLVIMENTO: Atendimento Odontológico para Pacientes Especiais. Este programa visa dar atendimento odontológico para aqueles pacientes em que o atendimento foge dos padrões habituais. A atividade desenvolvida até o momento é o atendimento clínico odontológico de um paciente especial, motivação e treinamento de habilidades de higiene oral (escovação dentária). O paciente exibe uma hemiplegia parcial (lado direito), o que dificulta a escovação dos dentes, que é executada exclusivamente com a mão esquerda. Um treinamento está sendo feito envolvendo a observação dos hábitos de higiene oral, reforçamento social de hábitos corretos de escovação e instalação de outros utilizando-se uma sequência programada de passos comportamentais de escovação, adaptada às condições bucais do paciente e a sua limitação física.

ATIVIDADE PLANEJADA: Programa de Controle da Respostas de Medo da Anestesia. Este programa pretende utilizar princípios de modelação e efetuar a conscientização do paciente do que é anestesia a partir de situações reais e simuladas. Pretende-se ainda desenvolver outras formas de pesquisa comportamental em Odontologia em relação as quais uma discussão com a comunidade científica pode contribuir para identificação de seus aspectos relevantes.

Antonio Bento Alves de Moraes (Fac. Odontologia de Piracicaba, UNICAMP, Piracicaba, SP)

O desenvolvimento inicial de um trabalho de avaliação dos aspectos metodológicos da pesquisa comportamental relacionada à Odontopediatria, especialmente aquelas que envolvem procedimentos de "preparação" da criança ao início do tratamento odontológico possibilitou a identificação de aspectos relevantes da relação Psicologia-Odontologia. Em geral, os dados de avaliação caracterizam uma pesquisa que utiliza fundamentalmente a técnica de dessensibilização sistemática e a técnica de modelação como variáveis independentes. Observou-se, também, deficiências de controle experimental especialmente quanto à medida da variável dependente (colaboração do paciente) e uma pesquisa voltada exclusivamente para a solução de problemas da rotina clínica do Odontopediatra (ênfase aplicativa). Os dados indicaram a necessidade da elaboração de um roteiro para avaliação sistemática da pesquisa na área. Este trabalho descreve o roteiro formulado e sua importância para avaliação de pesquisas em qualquer área de investigação.

EFEITOS DA INTRODUÇÃO SIMULTÂNEA DE ESTÍMULOS SINALIZADORES DE REFORÇO E PUNIÇÃO NO DESEMPENHO DISCRIMINATIVO.

Roberto A. Banaco, Roberta G. Azzi, Regina C. Wielenska e M. Lucia Ferrara
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O objetivo deste experimento foi avaliar os efeitos da introdução simultânea de estímulos sinalizadores de reforço e punição - de uma situação de conflito - sobre o desempenho discriminativo de ratos. Após linha base, quatro sujeitos foram submetidos a situações de discriminação, onde, em presença de luz + silêncio, a resposta de pressão à barra era reforçada em VI 30 seg. e, em presença de escuro + som, as respostas eram punidas em CRF por choques de duas intensidades. Em outras fases, os sujeitos eram submetidos à situação de conflito: aqui, em presença de som + luz, as respostas eram reforçadas em VI 30 seg e punidas em CRF; em presença de silêncio + escuro, as respostas não eram conseqüenciadas. Cada situação de conflito, com uma dada intensidade de choque era precedida e seguida por uma fase de discriminação com mesma intensidade de choque. A primeira discriminação, independente da intensidade de choque, foi adquirida rapidamente. Na situação de conflito, quando os choques eram fracos, ocorreram respostas em presença dos dois conjuntos de estímulos; quando estes eram fortes, não ocorreram respostas. Na primeira discriminação pós-conflito, o desempenho também variou em função da intensidade dos choques: quando estes eram mais fracos, observou-se diminuição do índice de discriminação, em função da ocorrência de respostas em presença de escuro + som.

EFEITOS DE PUNIÇÃO SOBREPOSTA À EXTINÇÃO: uma replicação. Mariangela Tarbelini, Elaine A. Sorum e Deisy G. de Souza. Laboratório de Psicologia da Aprendizagem - UFSCar.

Skinner (1938) demonstrou, utilizando médias de grupo, que o efeito punitivo de conseqüenciação aversiva apresentada no início de um processo de extinção é apenas temporário. Interrompida a conseqüenciação, o total de respostas durante a extinção é aproximadamente igual ao apresentado por sujeitos submetidos apenas à extinção. Os sujeitos utilizados foram ratos, a resposta de pressão à barra foi reforçada em esquema de intervalo fixo na linha de base e a conseqüencia aversiva consistia em uma batida administrada pela própria barra, toda vez que era pressionada. O objetivo deste trabalho foi verificar se esse resultado seria replicado com sujeitos individuais (mas não sujeitos como seu próprio controle), com linha de base em reforçamento contínuo e choque elétrico breve como conseqüência para as respostas de pressão à barra. Quatro ratos Wistar tiveram a resposta de pressão à barra modelada e reforçada em CRF, em sessões diárias, até atingir um valor assintótico (entre 8 e 12 sessões). Depois disso os sujeitos foram separados em duplas; dois deles foram submetidos à extinção com punição e dois foram submetidos somente à extinção. O procedimento de extinção foi aplicado em duas sessões consecutivas. A única diferença no procedimento com punição consistiu na apresentação de um choque elétrico breve, depois de cada pressão à barra, nos 10 minutos iniciais da primeira sessão de extinção. Em seguida, foram feitas mais duas manipulações (replicação usando o sujeito como seu próprio controle para efeitos de um mesmo procedimento) também em duas sessões consecutivas e sempre precedidas por um retorno à linha de base. Os resultados da primeira manipulação confirmam os dados de Skinner: ocorre supressão de respostas na primeira sessão com punição sobreposta à extinção; na segunda sessão de extinção, porém, observa-se uma recuperação na frequência de respostas, no início da sessão, seguida por um decréscimo gradativo, característico do processo de extinção. Os sujeitos submetidos apenas à extinção produziram curvas típicas de extinção, sendo que a frequência de respostas foi maior na primeira sessão. Ao longo das manipulações sucessivas observou-se uma frequência de respostas cada vez menor, nas sessões de extinção. Discute-se os efeitos dos procedimentos e aspectos relativos à "recuperabilidade" da linha de base.

animal
SUPRESSÃO CONDICIONADA E DESEMPENHO EM ESQUEMA CONCORRENTE: EFEITOS DA LOCALIZAÇÃO DO CS.

Maria Lucia Ferrara, Roberto A. Banaco, Regina C. Wielenska e Roberta G. Azzi
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Quatro ratos foram inicialmente treinados em esquema concorrente VI 60 seg VI 30 seg, onde as respostas de pressão à barra eram reforçadas pela apresentação de água açucarada. Posteriormente, foram submetidos a situações onde um estímulo luminoso era apresentado, quatro vezes por sessão, por períodos de dois minutos, em uma de duas janelas de acrílico leitoso que circundavam as barras da caixa experimental. Em presença desse estímulo eram liberados choques elétricos de 0,8 ma e 0,5 seg de duração, segundo um esquema VI 2 min. A localização do estímulo variou de fase para fase. Observou-se que os sujeitos se afastaram da região onde era apresentado o CS, independentemente da frequência de reforços liberada pela barra em torno da qual este estava localizado. Paralelamente, observou-se nesses períodos, em comparação a períodos controle, um aumento na taxa de respostas na barra onde não era apresentado o sinal. Esse aumento foi mais acentuado na barra que fornecia menor número de reforços.

FAPESP

107

animal
UMA ANÁLISE DE ALGUNS EFEITOS DE CHOQUE LIVRE SOBRE O COMPORTAMENTO

Maria Lucia Ferrara - Universidade de São Paulo

Estudou-se qual o efeito da introdução de choques livres sobre a resposta de pressão à barra imediatamente antes e imediatamente depois da oportunidade de obtenção de reforços em esquema FI (LH). Paralelamente estudou-se os efeitos de duas densidades de choque (1,5 e 3,0 choques por minuto) e de duas razões choque-oportunidade de obtenção de reforços (0,5 e 1,0 choque por oportunidade). Observou-se que os choques provocaram uma redução na taxa de respostas. A magnitude desses efeitos supressivos dependeu de 3 fatores: (1) o momento do intervalo em que foram liberados os choques: choques liberados logo após a oportunidade de obtenção dos reforços foram mais supressivos que os choques liberados imediatamente antes dessa oportunidade; (2) a densidade de choques: a maior densidade empregada foi mais supressiva que a menor e (3) a história inicial de contacto com os choques: os animais que a princípio receberam choques imediatamente depois da oportunidade de obtenção de reforços apresentaram maior supressão, mesmo quando o momento de liberação de choques foi mudado. Paralelamente a esses efeitos supressivos, observou-se efeitos facilitadores dos choques. A frequência relativa de respostas no período em que ocorriam choques foi sempre maior que a frequência relativa de respostas para esse mesmo período em linha de base. Dois tipos de efeitos facilitadores puderam ser observados: um devido a funções discriminativas que os choques adquiriram em relação ao reforço e outro que pode ser atribuído à indução, pelos choques, dessa topografia de respostas.

FAPESP.

108

João Cláudio Todorov - Universidade de Brasília.

O presente trabalho ocupou-se do estudo experimental da aquisição e da manutenção de respostas em situações de estimulação aversiva não contingente, sem qualquer procedimento de modelagem. Seis ratos sem qualquer treinamento anterior foram observados primeiramente em seis sessões diárias de uma hora de duração. Eram colocados na câmara experimental e ao final da hora registrava-se o número de pressões a um painel; todos produziram um nível operante maior que zero. A câmara experimental media 28 por 23 cm, com um painel de alumínio de 5 cm por 6 cm, situado a 19 cm do assoalho, a 7 cm da parede esquerda e a 16 cm da parede direita sobressaindo da parede, o painel estava colocado em posição inclinada para baixo, formando ângulo de 45 graus com as paredes laterais. Choques elétricos podiam ser aplicados somente através de barras metálicas cilíndricas que compunham o assoalho da câmara. Depois da observação do nível operante, os animais foram submetidos a 12 sessões diárias de uma hora de duração com choques elétricos de 0,5 mA de intensidade e 0,5 seg. de duração, aplicados de acordo com um esquema de intervalo variável de 30 seg. Três dos animais, mostraram um aumento substancial nas taxas de respostas durante essa fase. Para os outros três, as taxas de respostas mantiveram-se no nível anterior. A distribuição temporal das respostas dos ratos que mostraram aumentos nas taxas elimina interpretações baseadas apenas na função eliciadora do estímulo aversivo. Quando submetidos a seguir a uma contingência de esquiva, os três animais responderam a taxas ainda maiores e em poucas sessões estavam evitando cerca de 90% dos choques. Os demais mantiveram-se como nas condições anteriores. Quando a situação de choques inevitáveis foi reestabelecida, as taxas de respostas dos três animais, voltaram, depois de 30 sessões, aos níveis anteriores à contingência de esquiva. O responder na situação de choques independentes de respostas foi interpretado como resultante de interação dos efeitos de ocorrências acidentais de esquiva, fuga e punição das respostas e das funções eliciadora e discriminativa dos estímulos aversivos na situação.

PROBLEMAS NO ESTUDO EXPERIMENTAL DA EXTINÇÃO DO COMPORTAMENTO DE ESQUIVA.

110

João Cláudio Todorov. Universidade de Brasília.

Os dados existentes sobre extinção do comportamento de esquiva são poucos e assistemáticos. Há muito mais análise teórica e deduções sobre esquiva em humanos que informações concretas sobre o processo básico de extinção de respostas antes mantidas por controle aversivo. O malentendido inicial sobre o que é um procedimento de extinção do comportamento de esquiva deve ser lembrado como responsável, em parte, pela atual carência de informações na área. Os primeiros trabalhos observaram a rápida eliminação de respostas na ausência de estimulação aversiva, condição mais adequadamente descrita com paralela à saciação depois da manutenção do comportamento por reforço positivo. No presente trabalho oito ratos receberam treinamento em esquiva livre não sinalizada que variou, entre os animais, de 3 a 102 horas, com intervalos entre choques de 5 seg. e resposta-choque de 30 seg. A seguir os animais foram submetidos, durante sessões diárias de uma hora de duração, a choques inevitáveis apresentados, a intervalos variáveis, cada 30 seg, em média. Os intervalos utilizados no programa de intervalo foram de 12, 40, 28, 18, 50, 34, 15, 25, 50, 20 e 38 seg, nessa ordem. Verificou-se uma correlação moderada entre número de horas de treino em esquiva e taxa de respostas na primeira sessão de extinção. Três dos animais com pouco treino em esquiva praticamente cessaram de responder depois das primeiras sessões de extinção. Os cinco restantes continuaram a responder a taxas substanciais, mesmo depois de 40 sessões de extinção. Para esses cinco animais, a correlação entre horas de treinamento em esquiva e taxa de respostas em extinção decresceu com o aumento no número de sessões do procedimento de extinção. Os resultados foram interpretados como produzidos pela interação dos efeitos de ocorrências acidentais de esquiva, fuga e punição das respostas e das funções eliciadoras e discriminativa dos estímulos aversivos na situação.

INFLUÊNCIA DO AMBIENTE NO COMPORTAMENTO DE DEFESA DAS ABELHAS (APIS).

111

Malcom A.M. Brandeburgo e Lionel S. Gonçalves (Depto. Genética, Fac. Med. Rib. Preto, USP)

O objetivo do trabalho é testar a agressividade (comportamento de defesa) das abelhas em diferentes condições ambientais. Para isso, dez colônias de abelhas Apis estão sendo testadas em diferentes horas do dia e diferentes épocas do ano, sendo então observadas as variações comportamentais. Os testes de agressividade consistem em sacudir uma bolinha de couro preta em frente ao alvado da colônia, observando: tempo para ocorrer o ataque, o enfurecimento e a 1ª ferrocada, o número de abelhas atacantes e de ferrões deixados na bolinha. São coletados ainda dados climáticos e biológicos (áreas da colônia com cria, mel e pólen). Os resultados iniciais indicam um pico de agressividade às 12 horas e, ainda que a agressividade das colônias varia de um dia para outro, embora existam colônias mais frequentemente agressivas que outras. Verificamos relação positiva entre agressividade e os fatores: nº de abelhas guarda, nº de abelhas campeiras, temperatura e peso da colônia, e as áreas com cria, mel e pólen. Quanto aos fatores climáticos encontramos relação positiva com a temperatura ambiente, o vento e a luminosidade; e relação negativa com a umidade relativa e a precipitação.

ASPECTOS COMPORTAMENTAIS DA REPRODUÇÃO EM Geochelone carbonaria (Spix, 1824) EM AMBIENTE SEMI-NATURAL (REPTILIA - CHELONIA).

112

Juan Carlos Cortes Guix, Marcia Salvatti, Margareth Aparecida Peroni, José Santiago Lima-Verde.

Departamento de Biologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

O objetivo da pesquisa é o conhecimento do comportamento geral e reprodução de uma das espécies de jabutí encontradas no Brasil (Geochelone carbonaria), ameaçada de desaparecer de seu local de origem.

O estudo foi realizado no Bosque Municipal Dr. Fábio Barreto, Ribeirão Preto São Paulo, numa área de 1460 m² que apresenta condições ambientais próximas às encontradas no habitat natural da referida espécie.

No período compreendido entre março de 1979 a julho de 1981, foi observado comportamento agressivo, cortejo e cópula em 47 animais (30 machos e 17 fêmeas). Pelas observações realizadas sabe-se que, em machos, movimentos laterais da cabeça funcionam como estímulo de agressividade entre eles. Há toda uma sequência de eventos neste comportamento agressivo, em forma de ritualização. Tais movimentos quando acompanhados de vocalização, também são usados para intimidar a fêmea no ato de cortejo e cópula. Nas condições do terrário, não foi constatada relação entre agressividade dos machos e o período de reprodução.

Final
ESTUDO DO COMPORTAMENTO DO BUGIO (*ALLOUATIA CARAYA*) EM ÁREA SEMINATURAL: POSSÍVEIS MODIFICAÇÕES ADAPTATIVAS.

173

Angelo de Lima Francisco*, Renato M.E. Sabbatini (Laboratório de Neuroetologia, Depto. de Fisiologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP) e Cesar Ades (Instituto de Psicologia, USP).

Temos por objetivo o estudo do comportamento do bugio (*Alouatta caraya*, Humboldt, 1812) em condições seminaturais, segundo uma abordagem etológica, e tentando esclarecer os possíveis mecanismos adaptativos nesta situação. O grupo de bugios em estudo vive livremente em uma mata urbana, com a área de cerca de 30.000 m², no Bosque Municipal "Dr. Fabio S. Barreto", em Ribeirão Preto, SP, e é constituído por 18 animais (machos: 3 adultos e 3 semi-adultos, fêmeas: 3 adultas, 1 semi-adulta, 4 jovens, e 5 filhotes). As observações foram feitas com binóculo ou a olho nu, e os dados anotados ou gravados, por um período de 4 a 7 horas diárias. Observaram-se os seguintes parâmetros: levantamento qualitativo: locomoção e manipulação, comportamento alimentar e alimentos preferidos, comportamento maternal e desenvolvimento dos filhotes, brincadeiras, catão e comportamentos e estrutura social. Levantamento quantitativo: composição do grupo, distribuição espacial, ciclo diurno de atividades e a dinâmica do grupo. Em 7 meses de observação, notamos que o bando de bugios parece apresentar boa adaptação às condições restritas. São animais cujo ritmo de atividades é essencialmente regulado pelos fatores temperatura e fontes de alimentos. Possuem habilidade com os membros e cauda, com ambulação quadrupedal e semi-braquiação. Raramente descem ao solo ou saltam entre árvores. Não há competição nem cooperação alimentar, embora tenham sido notados outros tipos de cooperação intra-grupal e baixíssima agressividade intra-específica. Os filhotes são protegidos pelas mães nos primeiros 2 meses. Não parece haver uma clara divisão hierárquica na estrutura do bando, caracterizando-se uma dominância do tipo incompleto, dividido e com variabilidade sazonal grande. A sequência e o padrão das atividades diárias são bastante estereotipados. Os rituais normalmente associados à territorialidade encontram-se estabilizados e praticamente inexistentes. Durante o estudo ocorreram 5 nascimentos, demonstrando o sucesso adaptativo e reprodutor da espécie ao meio.

*Financiado por bolsa da CAPES.

animal
OBSERVAÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO SOCIAL EM COLÔNIAS SEMI-NATURAIS DO PEIXE-DE-BRIGA SIAMÊS (*BETTA SPLENDENS*).

174

Josef Marino Neto* e Renato M.E. Sabbatini (Laboratório de Neuroetologia, Depto. de Fisiologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP).

O peixe-de-briga siamês, normalmente isolado de seus conspecíficos para fins experimentais, apresenta elevada incidência de comportamentos agonísticos intra-específicos, que usualmente impossibilitam a coexistência de dois ou mais machos adultos num aquário de dimensões reduzidas, frequentemente ocasionando ferimentos graves e/ou a morte de um deles. Na tentativa de determinar como, apesar dos fatos acima observados, a estrutura social é mantida estável em situação natural, realizamos observações qualitativas, registradas em papel e/ou gravador de áudio por meio de discurso narrativo, tanto em tanques de procriação em céu aberto, quanto em um aquário de vidro (130 cm x 30 cm por 30 cm), em laboratório, montado de modo a se aproximar das condições ambientais do primeiro. Neste aquário, eram liberados grupos de 4 machos ou 3 machos e 1 fêmea, ou 2 machos e duas fêmeas (5 colônias p/ cada composição), e observados durante 4 a 6 dias, em períodos de 30 min. de observação por 100 min. de intervalo, durante a fase clara do ciclo luz/escuro. Logo após a liberação simultânea, os machos geralmente iniciavam interações agonísticas entre si (exibições, lutas com mordidas, seguidas de fugas e perseguições), morfologicamente idênticas às aquelas observadas em aquários pequenos, mas com menor duração e com consequências menos danosas para os envolvidos nas lutas. Estas deixavam de ocorrer nesta forma completa após cerca de 3 horas, e geralmente observava-se o aparecimento de um único macho vencedor, que passava a se locomover livremente pelo aquário, envolvido em atividades exploratórias e de alimentação, interrompidas por ocasionais exibições agressivas dirigidas aos outros componentes do grupo, os quais emitiam em sequência comportamentos de apaziguamento. Entre os subordinados também ocorriam interações semelhantes. Assim, aparentemente, a estrutura social era mantida estável por meio de uma hierarquia agonística. Não se pode demonstrar a demarcação clara de zonas ou limites territoriais ou áreas domésticas, com exceção da ocorrência de um acasalamento em uma das colônias, em que o par em reprodução demarcou um território nítido. Em conclusão, a espécie é capaz de coexistência com baixa agressividade e manutenção de estrutura hierárquica social estável, sem a necessidade de territórios.

*Financiado por Bolsa de Estudos da FAPESP (Proc. Biol. No. 80-0269)

ASPECTOS PRELIMINARES DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE BUGIOS (ALLOUATIA CARAYA),
EM AMBIENTE SEMI-NATURAL.

115

Isabel M.S. Cruz Alves (Dep'to. ^{animal} Biologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP), e Renato M.E. Sabbatini (Laboratório de Neuroetologia, Dep'to. de Fisiologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP)

O objetivo deste estudo é investigar o comportamento alimentar em relação ao meio ambiente, em um grupo de 18 bugios vivendo livremente em condições semi-naturais no Bosque Municipal "Dr. Fabio S. Barreto, em Ribeirão Preto, SP. Com este conhecimento, determinar-se-á mais claramente os mecanismos adaptativos e ecológicos de uma espécie em extinção e que sobrevive pouco em cativeiro. As observações foram feitas cerca de 3 vezes por semana, por 5 horas em média, utilizando-se para registro um gravador de áudio e uma máquina fotográfica com teleobjetiva de 200 mm. Os observadores utilizaram sempre a mesma roupa para acostumar os animais a sua presença. Inicialmente observou-se qualitativamente o comportamento de procura, manipulação e ingestão de alimentos, a interação e distribuição dos indivíduos e a eliminação de fezes e urina. Estas, assim como as espécies vegetais consumidas, foram coletadas e preservadas para análises posteriores. Em 8 meses de observação, pode-se traçar uma mapa das áreas de permanência e caminhos seguidos, assim como a sazonalidade alimentar. O grupo se alimenta de 2 a 4 vezes/dia, por 20 a 40 min. cada, parecendo haver uma variação sazonal nos horários de alimentação. A alimentação é constituída de brotos, frutas, folhas e flores, colhida em árvores no trajeto diário (c/ algumas espécies, como *Ficus* sp., parecendo constituir a dieta básica durante todo o ano). Durante a alimentação as distâncias interindividuais mínimas são de cerca de 2,5 m, excluindo os pares Mãe-Criança. Não foram observadas quaisquer eventos de interação ou cooperação durante a alimentação. No verão e outono ocorre ainda a subdivisão do bando em 4 a 5 subgrupos de composição variável e heterogênea, que se alimentam nas mesmas árvores em tempos diferentes, enquanto os outros realizam outras atividades nas proximidades. O alimento é selecionado visualmente e coletado com a boca, sendo o galho a ele direcionado com os membros anteriores ou posteriores, enquanto o animal está pendurado pela cauda ou sentado entre ramos, apoiado pela cauda e membros posteriores. A eliminação de fezes e urinas é sequencial, com a parte posterior do tronco afastada do ramo onde o animal se encontra, consequentemente levando a queda livre dos dejetos (que são em geral acumulados pelo bando sempre nos mesmos locais).